

CADEIRAS

PATRONOS ACADÊMICOS EFETIVOS

Gasparino José Romão	1 Vaga
Plínio Salgado	2 Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3 Antônia Conceição Vaz Duarte
João Guimarães Rosa	4 Mauro dos Santos Oliveira
Antonio Frederico de Castro Alves	5 Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6 João Bosco da Silva
Luis Nicolau Fagundes Varela	7 Vaga
Vicente Augusto de Carvalho	8 Aristides Castelo Hanssen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9 Vaga
Ennio Chiesa	10 Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11 Teresinha Silva Maltez de Souza
Otávio Rodrigo Langaard Filho	12 Jacques Miranda de Oliveira
Guilherme de Andrade e Almeida	13 Ary Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14 Claudemir Pedroso da Silva
Mário Raul de Moraes Andrade	15 Vaga
Nelson Antonio Natalino	16 Vaga
Cassiano Ricardo Leite	17 Vaga
Cecília Meirelles	18 Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19 Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20 Alexandre Gargano Cavalheiro
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21 José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22 Armando Attilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23 Espedito Pinheiro de Souza
José Manuel Mateos Martinez	24 João Carlos Biagini
João da Cruz e Souza	25 Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26 Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27 Silvio Ribeiro
Onofre Leite	28 Fábio Cardoso dos Santos
Silvio Ourique Fragoso	29 José Roberto Jerônimo
Jonny Herminio de Melo Doin	30 Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31 Edison Evaristo Vieira Junior
Adolfo Vasconcelos Noronha	32 Fernando Canto Berzaghi
Laerte Romualdo de Souza	33 Mario Yoshinaga
Pe. Geraldo Penteado de Queiroz	34 Ivo de Souza
Néfi Tales	35 Marlene Auxiliadora Torriço
Antonio Filardi Luiz	36 Vaga
Norlândio Meirelles de Almeida	37 Aura Gold
Milton Luiz Ziller	38 Gil Campos de Farias
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39 Sebastião Dácio de Moura Montans
João Ranali	40 André Figueiredo Rodrigues

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES: *Concita Weber, José Luiz Negreiros,*

*Sergio Eduardo Port, Vanda Fagundes Queiroz, José Aparecido Araújo e Francelino Soares.*

ACADÊMICOS HONORÁRIOS: *Alfredo Ibrahim Khouri, Edmilson Souza Santos, Elói Pietá,*

*Gasparino José Romão Filho, Maria Alice Pereira Ramos, Oscar Gonçalves,*

*Jane Guilherme da Silva Rossi, Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri e Wilma de Melo Colacioppo.*



navegar@navegareditora.com.br



Academia Guarulhense de Letras Revista Nº 20 Ano XX 2018

# ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS



40 Anos  
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

Revista nº 20 • Ano XX • 2018

Para quem assistiu à fundação, as quatro décadas não passaram de um breve minuto. O início da realização de um sonho do Professor Noronha, idealizador da criação do primeiro curso universitário da cidade: a Faculdade de Direito de Guarulhos. Como no curso que havia feito no Largo São Francisco, ato contínuo, fundou sua Academia de Letras para desenvolver em seus alunos a arte de escrever. E assim foi durante anos até sentir esgotar-se a ideia com a formatura de seus membros, e a impossibilidade de fazê-los retornar à escola. Restaram alguns professores que eram membros da Academia, mas assim estaria desvirtuada sua ideia inicial.

Contando com alguns deles, em especial com o Gasparino, Laerte e comigo, estendendo a amplitude para toda a cidade e recrutando seus melhores escritores, fundou-se a AGL, a quarentona de hoje.



*40 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA Nº 20 ANO XX 2018





Copyright © 2018 AGL - Academia Guarulhense de Letras  
Revista Nº 20 Ano XIX 2018 - Edição dos 40 anos.

Editor: *Rubenal Hermano Santos*

Todos os direitos desta edição, reservados para:  
NAVEGAR GRÁFICA DISTRIBUIDORA E EDITORA LTDA  
MF: *Navegar Editora*  
Endereço: *Rua Coronel Emídio Piedade, 659 - São Paulo - SP*  
CEP: *03018-010 - Fones: 11 3482-5055*  
Site: *www.navegareditora.com.br*  
E-mail: *navegar@navegareditora.com.br*

#### FICHA TÉCNICA

Projeto Gráfico: *Rubenal Hermano Santos*  
Preparação de originais: *Equipe Navegar*  
Composição e diagramação: *Equipe Navegar*  
Capa: *Rubenal Hermano Santos sob colaboração de Clovis Domingues*  
Leitura Crítica: *Os autores*  
Fotos e Ilustrações: *Acervo da AGL*  
Revisão ortográfica: *Equipe AGL*

ISBN: 078-85-8630-252-7

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

20ª Revista da Academia Guarulhense de Letras - AGL  
Guarulhos, SP: A Academia 2018  
Vários autores - ISBN: 078-85-8630-252-7  
1. Contos brasileiros - coletâneas. 2. Coletâneas brasileiras  
3. Poesias brasileiras - Coletâneas

CDD - 869.9308  
869.9108

*Academia Guarulhense de Letras - AGL*  
*Endereço para correspondência:*  
*Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro*  
*Guarulhos - SP - CEP: 07115-020*

*Impresso no Brasil, 2018 - Pinteado no Brasil*



*40 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

DIRETORIA 2016 / 2018

#### Presidente:

acadêmico José Augusto Rodrigues Pinheiro

#### Vice-presidente:

acadêmico Jacques Miranda de Oliveira

#### Secretário geral:

acadêmico Mauro dos Santos Oliveira

#### 1º Secretário:

acadêmica Teresinha Silva Maltez de Souza

#### 2ª Secretário:

acadêmico Silvio Ribeiro

#### Tesoureiro geral:

acadêmica Antonia Conceição Vaz Duarte

**1º Tesoureiro:**  
acadêmico José Roberto Jerônimo

**2º Tesoureiro:**  
acadêmico André Figueiredo Rodrigues

**Conselho Fiscal:**  
acadêmicos Armando Attilio Colacioppo Sobrinho, Isabel Borazanian Macedo de Oliveira e Gil Campos de Farias

**Suplentes:**  
Ary Baddini Tavares, Lineu Roque Aceiro  
e João Bosco da Silva

**Grupo de trabalho AGL 40 anos:**  
Clovis Domingues

**Comunicação:**  
Jacques Miranda de Oliveira

**Relações institucionais:**  
Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

**Orador oficial:**  
Lineu Roque Aceiro

## EXPLICAÇÃO DA CAPA

*O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999 e atualizado com a logomarca da Academia Guarulhense de Letras.*

*Como registra o Acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.*



ACEITA-SE PERMUTA

*Exchange is accepted - Si piede permuta*

*On demande l'échange - Man bitter um austausch*

*Si prega l'intercambio*



40 Anos  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

*Acadêmico Ary Baddini Tavares*

### PREFÁCIO

*Acadêmico Bismael B. Moraes*

### PARTE I - Artigos

ALEXANDRE GARGANO CAVALHEIRO.....	15
ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE .....	19
ARISTIDES CASTELO HANSSSEN .....	29
AURA GOLD .....	39
BISMAEL B. MORAES .....	51
CLAUDEMIR PEDROSO DA SILVA .....	59
CLOVIS DOMINGUES .....	81

EDISON EVARISTO VIEIRA JR. ....	91
FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS.....	101
FERNANDO CANTO BERZAGHI .....	113
ISABEL BORAZANIAN .....	121
IVO DE SOUZA .....	137
JOÃO BOSCO DA SILVA .....	145
JOÃO CARLOS BIAGINI .....	151
JOSÉ AUGUSTO R. PINHEIRO .....	161
JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO .....	175
MARLENE AUXILIADORA TORRIGO .....	185
MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA .....	193
PLINIO TOMAZ .....	203
SILVIO RIBEIRO .....	215
TERESINHA S. MALTEZ DE SOUZA .....	223

## PARTE II

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL .....	231
--	-----

## PARTE III

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI .....	261
--	-----

## PARTE IV

GALERIAS.....	263
---------------	-----



*40 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

## PREFÁCIO

### OS 40 ANOS DE NOSSA ACADEMIA DE LETRAS

No momento em que a Academia Guarulhense de Letras completa quarenta anos, aos 8 de dezembro de 2018, muitos feitos se apresentam nesse tempo de trabalho e dedicação dos seus ilustres idealizadores. Nós sabemos que foi desenvolvida a ideia original do poeta Gasparino José Romão, com o lançamento do seu livro “Inverno de Fogo” e com a união de um grupo de nomes de peso intelectual residentes no Município de Guarulhos.

Nessa plêiade de imortais da primeira hora, destacaram-se os escritores Adolfo Vasconcelos Noronha, Aristides Castelo Hanssen, Monsenhor Geraldo Penteadado de Queiroz, Flávio Cleto Giovanni Trombetti, Gasparino José Romão, Hildebrando de Arruda Cotrim, João Ranalli, Irineu de Castro Andrade, José Maurício Vieira, Milton Luiz Ziller, Oscar Gonçalves, Norlândio Meirelles de Almeida, Silvio Ourique Fragoso, Néfi Tales, Laerte Romualdo de Souza e Onofre Leite.

Muitos desses desbravadores das letras e da cultura, por certo, já se foram para o plano superior, mas deixaram o seu registro indelével e revolucionário neste chão de Guarulhos, bem como para os propósitos a que se propuseram na divulgação de seus escritos para a posteridade, em São Paulo e no Brasil.

O trabalho vicejou e, nesses quarenta anos, outros companheiros acadêmicos não baixaram a guarda e fizeram com que a Academia Guarulhense de Letras, a nossa AGL, prosseguisse em sua caminhada ascendente, produzindo obras intelectuais, nos campos da literatura, da história, da poesia e da música, enfim, trazendo conhecimento e beleza para a população do Município, do Estado e da União.

A Academia, que teve como órgãos de divulgação de suas atividades, em sua produção de crônicas, contos, versos e histórias, os livros de amostragem literária “Cantos e Encantos” e “Fragmentos Literários”, desde os anos “90” possui, na “Revista da AGL”, o seu livro anual para divulgar as publicações dos seus membros.

Cabe a nós, os atuais acadêmicos, continuar o trabalho realizado pelo nossos antecessores e, se possível, melhorá-lo a cada passo, porque, como criadores de emoções que somos, devemos lembrar o filósofo holandês Baruch Spinoza e saber que “uma emoção só pode ser desfeita ou removida por outra emoção, contrária e mais forte”, descobrindo, com o ilustre mestre francês François Chateaubriand, que “o escritor não é aquele que não imita ninguém, mas o que ninguém pode imitar”.

Façamos a nossa parte, mantendo o espírito acadêmico em nossas atitudes, aspirando a que a Academia Guarulhense de Letras alcance muitos e muitos outros anos de existência.

*Acadêmico BISMAEL B. MORAES*



*40 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

PARTE I - ARTIGOS



ALEXANDRE GARGANO  
CAVALHEIRO

## DIMAS E A CONVERSÃO NA CRUZ

O meu peito agora parecia explodir em uma dor cortante. Comecei a respirar em espasmos. Minha visão a cada minuto ficava mais turva. Podia sentir cada pulsar do meu fraco coração. Meu corpo latejava. Eu queria, mas não conseguia chorar. Minhas lágrimas já há muito haviam se misturado ao sangue do meu rosto que agora secava ao escaldante sol da Judeia.

O vento, que soprava forte, trazia consigo a areia fina daquela terra árida, que só fazia aumentar o ardor das feridas. Apanhei demais. Já estava condenado, mas os romanos não se apiedaram, sentem prazer em ver a dor. Sádicos, só pararam as pancadas e o escárnio quando desmaiei.

Acredito que tenha desfalecido novamente, o ar entra com dificuldade em meu peito. Ao meu lado vejo dois condenados. Um deles deve ser o pior de nós. Pregaram seus pés e mãos com enormes pregos e seu corpo parece dilacerado pelos açoitamentos romanos. Percebo que alguns de seus parentes vieram vê-lo morrer. Aos meus pés só esses malditos romanos.

Há muito, caminho sozinho nesta terra. Ninguém sentirá minha falta.

Meu Deus, que dor! Mata-me, Senhor! Tentei gritar. Mas a voz não saiu. Somente um grunhido de minha garganta seca. Minha visão se escurece, e me vejo novamente clamando ao Deus de meus pais. Nunca pedi nada a ele. Nunca acreditei em seu poder. Que ironia lembrar-me dele agora. No final de tudo. Quando não resta mais nada a fazer.

Sinto que minha hora se aproxima. Olho agora para a mulher aos pés da cruz do galileu. Mas que olhos são esses? Tristeza e bondade. Iguais aos de minha mãe.

Agora abro meus olhos, ainda sem a coragem que preciso para assistir à última cena da minha vida. Uma multidão veio acompanhar a morte do galileu. Todos o insultam, se esqueceram de mim e de Jestas que está crucificado do outro lado do galileu. Eles dizem:

“Se és o filho de Deus, desça daí”, “Filho de Deus, faça um milagre”, os fariseus riam e se regozijavam com toda aquela cena de horror. Por minutos esqueci da minha dor. Assistia a tudo do meu calvário. E me impressionava ver que o chamado Cristo parecia alheio a tudo a sua volta. Eu estava observando cada detalhe daquele homem, da sua expressão, suas feridas, seu sangue escorrendo na madeira dura da cruz, quando o olhar do galileu voltou-se a mim e se fixou no meu olhar.

O mundo parou, e não consegui ouvir mais nada. Nem romanos ou fariseus, o silêncio foi total. Eu pude sentir, foi real, o mundo naquele minuto parou junto com aquele olhar. Ele sabia tudo. Eu sei, ele viu. Sim, ele me conhecia. Em um minuto senti minha alma pura, senti o bem que havia em mim, o homem se fez menino, e em um momento, a paz que sempre busquei enchia agora o meu coração.

Não existia mais o mal em mim, nem pecado, nem dor.

Fechei os olhos e, enfim, descansei.



ANTONIA CONCEIÇÃO  
VAZ DUARTE

## LEOPOLDO E AMÁLIA

Leopoldo era uma pessoa peculiar. Em seu arrebatamento criativo, ia do comum ao extraordinário, num movimento quase musical.

As coisas miúdas encantavam-no, como o sensibilizaria uma grande ópera.

Domingas, coma esta fatia de bolo de milho – “toda pessoa há de comer do trigo que moe”. A cozinheira realmente caprichou no chá daquela tarde. Ligeiro, saiu em direção à faculdade para ministrar mais uma aula de Semiótica.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>A Semiótica é a ciência geral dos símbolos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas signícos, isto é, sistemas de significação. A Semiótica é um saber muito antigo, que estuda os modos como o homem percebe o que o rodeia. Ciência que estuda como o ser humano interpreta os vários elementos da linguagem, utilizando seus sentidos e quais reações esses elementos provocam. A Semiótica ocupa-se do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura. 11 out 2016 Postado por: admin. Disponível em <https://www.conhecimentogeral.inf.br/semiotica>. Acesso em 19/06/2018, 19h54.

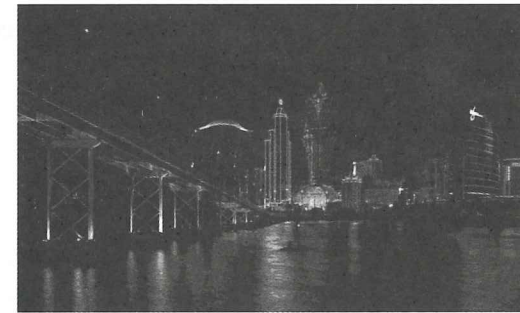
Não era mais uma aula; cada apresentação era uma aula inaugural, tal a sua capacidade de inovar e seu amor pela arte de ensinar. Com um mestre feito o senhor Léo, ninguém ficava desbussolado; orientava sabiamente os educandos. Era um fidalgo à moda antiga. Sabia olhar uma mulher sem despi-la. Falar coisas que elas adoravam ouvir. Fazer poesia, andar de bicicleta, ensinar semiologia, ouvir música, fazer mercado, preparar uma refeição saborosa para os amigos, trocar uma lâmpada; eram ações que facilitavam a sua vida e também a dos outros. O professor gastava muito do seu tempo a preparar aulas, sozinho, com seus longos diálogos internos; produzia muito, enquanto a insônia ocupava grandes espaços noturnos. Ele gostava de ficar só, às turras com suas práticas de transladar o complexo para o simples e, com isso, facilitar a aprendizagem de seus alunos e provocar os educandos a buscar, buscar e buscar. Contento mesmo ele ficava no meio de gente, com gente interessante, com quem tivesse o que trocar. Leopoldo dizia em seus discursos pedagógicos: Eu não me basto; é na presença do outro que tenho alegria maior. É o outro que me diz quando sou bom professor, o que preciso transformar, quando preciso ir além. É na relação com o outro que me construo como médico, professor, pedreiro, como gente. É o outro que me diz quem sou e nem sempre isso é confortável. Nesse pensar, ele lembrava-se de Lacan. Para os alunos, todos os professores são velhos, pois, geralmente, têm mais de 20 anos do que eles. Continuava o mestre: A maturidade é mais longa do que a juventude. Velho é aquele que perdeu a capacidade de aprender. Digo essas coisas para mim mesmo, para ativar o novo que ainda há em mim. Feliz idade madura para vocês, jovens, que ainda terão a graça dessa aventura – chegar aos altos anos da existência, com muita vontade de viver e criar. Discreto namorador, pouco se sabia de sua alcova. Até então, nenhuma moça casadoira tirara sua solteirice. Homem guapo, porte atlético, endinheirado, boa família; era um partidão!

Homem à moda antiga, também sabia tirar proveito do moderno “ficar” e ia ficando, ficando, ficando, com quem pudesse ou o quisesse. Léo sabe que se aprende muito na relação com o outro; assim sendo, seu dicionário amoroso já era um compêndio respeitável. Alegria contida, jocoso, de um humor quase britânico, encantava a todos. Leopoldo era de uma época em que as coisas tinham alma e valor afetivo inestimável, quando seu dono era precioso. As coisas do seu entorno tinham preço e as pessoas, dignidade. Depois do uso, as coisas úteis eram consertadas e conservadas. Dava-se a devida importância; não se descartavam coisas nem pessoas com a facilidade de hoje. Que inversão de valores: atualmente vivenciamos a ética do desejo, sobrepondo-se à ética da necessidade. Muitos utensílios passavam de geração em geração com merecidos reverência e orgulho. Vez ou outra, exclamava olhando um tapete, uma biblioteca, um piano, móvel ou serviço de jantar: Olha que lindo! Pertenceu à minha avó! Ao pegar uma peça catexizada, Leopoldo podia sentir a vibração imanente do tempo, das mentes e das emoções de camadas e camadas de sedimentos afetivos das gentes que nela tocaram. Os alunos provocavam-no o tempo todo, gostavam de respostas inusitadas. Arte? Quando você junta coisas e elas nos surpreendem, revelam-nos o que estava velado. Na literatura é a mesma coisa: você vai juntando palavras, personagens, ideias e aí tem o submerso, o não visível, o que somente um leitor atento descobre. Essa descoberta é a motivação de quem gosta de arte e a satisfação de quem faz arte. Fazer um poema em tenra idade não é uma questão. O problema é continuar entusiasmado aos 60, 70, 80... Leitura, quanto mais, melhor; não ocupa espaço de estocagem, dizia constantemente aos seus alunos. Ninguém morre de tanto ler, mas pode-se morrer por não saber ler. Passo a passo, quanto mais intensamente o professor Léo buscava o conhecimento, melhor ele entendia sua vida, seu lugar no mundo e a razão da sua própria existência. Quanto

mais ele conhecia suas limitações, mais sua vida ficava ilimitada. As escolhas que fazia determinavam os belos resultados que alcançava. No campo, gostava de ver vaquinhas pastando, o trigo dourado. Porém, eram as luzes da cidade que o encantavam. Gostava do brilho do sol, contudo, Leopoldo era fisgado pelos encantos da noite: o silêncio, a solidão voluntária, o mistério, a magia envolvente da lua, que o aprisionava por alguns instantes, ao brincar de esconde-esconde. Seu salário de professor, embora doutor, era ralo, sem cogulo; cobria apenas as despesas rasas do cotidiano. Teoricamente, era um gênio; sabia toda a lição. Na vida prática, deixava a desejar, ainda que fosse um ser muito desejante. A herança de família resguardava suas extravagâncias, seus excessos. Não tinha saúde financeira, não sabia transitar entre os desejos e os seus limites. Deu no que deu. Amália viria transtornar a vida metódica de Leopoldo; um verdadeiro furacão, não deixando tijolo sobre tijolo. Paixão, daquelas arrebatadoras que não se sente muitas vezes na vida.

Jovem, olhos verde-mar, cabelos fartos e negros levemente encaracolados, pele rosada, esguia e, principalmente, muito culta, poliglota. Quem resiste ao desejo do outro, principalmente quando esse outro é quase um espelho? Como se deu o encontro com o feitiço Amália? Pelo amor às letras e por bem escrever, Leopoldo ganhou um prêmio: 6 meses na Europa, pago por uma instituição de fomento à lusofonia, para escrever um livro. Tudo perfeito para a grande aventura e desventura. Assim que chegou a Lisboa, logo se adaptou às delícias da cidade: a segurança, o trânsito muito tranquilo, bem diferente da grande São Paulo. As relações pessoais fáceis, a gastronomia lusitana, as casas de espetáculos, o rio Tejo ali, derramando-se ao mar. Tudo remetia ao pai. Os mitos familiares ali eram revividos, reinventados; a essa altura, já estava devidamente seduzido. Em apenas 1 mês, encontrava-se nos braços e na cama de Amália. O professor não precisou do extraordinário; era

justamente o ordinário que o envolvia. Embora morgada, Amália era simples nos gestos e na fala, mas notava-se em cena. Ainda na primeira infância, emigrou para Macau<sup>2</sup>, com seus pais, rumo à longínqua China, à rica Macau. Ainda era colônia portuguesa quando os funcionários públicos portugueses chegaram. Amália foi criada ao som do mandarim. Na adolescência, voltou à Lisboa para cursar Jornalismo. O Brasil dos livros, viria a conhecer realmente com o maduro Leopoldo. Vieram ao país do futebol por várias ocasiões. Voaram sobre o oceano por vezes, antes de decidirem onde ancorar seu barco. Logo na primeira vez em que moraram em Portugal, o professor doutor pediu demissão das duas faculdades brasileiras em que lecionava. Estava livre para viver sua loucura amorosa. Amália percebia seu poder e regozijava-se dessa situação. O jovem senhor e uma mulher em plena juventude tinham um ao outro. Parece que isso era o bastante.



Cidade de Macau na China.

<sup>2</sup> **Diego Delso, delso.photo, License CC-BY-SA** Macau, a Las Vegas do oriente. A rica Macau é considerada o 1º entreposto e a última colônia portuguesa na Ásia. Foi fundada por pescadores e comerciantes portugueses e administrada por mais de 400 anos por Portugal; foi devolvida à China em 1999. Possui IDH altíssimo, 14º, (0,892), em 2013. Macau vive do turismo, jogo, comércio etc. Macau tem duas línguas oficiais: chinês e português. Como todo lugar lusófono, está em frente ao mar. Deve valer muito a pena conhecer o exotismo dessa região.

Viagens para lá e para cá; Euro e Real eram uma ilusão. Até que não sobrou moeda alguma; não sobrou pedra sobre pedra. Os imóveis herdados foram, aos poucos, sendo vendidos, e o dinheiro, consumido. Antes, o casal investiu numa casa de chá em São Paulo: A Exótica, similar ao estabelecimento em que Amália tocava, em Lisboa. O ambiente compunha-se suntuoso; objetos e móveis do Oriente, principalmente de Macau. As mercadorias, como chás, essências e aromas, eram importadas de lugares onde essas mercadorias são excelência e, conseqüentemente, de alto preço. Leopoldo sempre trabalhou com as coisas do intelecto, nunca havia sido comerciante, e cometeu graves equívocos, que lhe custaram muito caro. Em princípio, o homem sofre mais ao perder seu patrimônio do que quando perde pai e mãe. Uma perda é natural; a outra, é fruto de desatino ou das circunstâncias com as quais a pessoa não soube lidar bem. O professor vivia num mundo imaginário. O corte com o mundo mágico deu-se pelo dinheiro. Enfrentar a dura realidade exigiu e exigirá dele esforço psíquico hercúleo, rumo à reconstrução do real, possível de ser vivido.

## A ABELHA QUE NÃO SABIA FAZER MEL

Bebel era uma abelhinha frustrada: não sabia fazer mel. As abelhas polinizam as plantas, pois, quando se alimentam nas flores, levam o pólen, possibilitando a reprodução das mesmas. Muito trabalhadeira, Bebel procurava o néctar<sup>3</sup> longe da colmeia e, não raras vezes, quase se perdia do seu grupo, para desespero de suas companheiras. Era para fugir do bullying das abelhas más. – Para que serve uma abelha, que não faz mel? – gritava Mara, feito uma arara. É como um pássaro desafinado. Um arco-íris sem cor. Um sapo que não pula. Um peixe que não sabe nadar. É como um golfinho que não faz acrobacia. Que graça tem?

A mãe Diná levou Bebel para o SUS da colmeia, fazer um check up. Era preciso saber qual era o mal de Bebel. Demorou ...demorou... para sair o resultado. A fila era comprida, curto é o tempo das abelhas. Há muito que fazer numa colmeia. A médica Dulce diagnosticou: – Mãe Diná, sua filha tem problemas metabólicos. Ela nunca poderá produzir mel, o alimento das abelhas; nem a geleia real, nem a própolis, nem mesmo a cera.

– Coisinha inútil! – berrou Mara, a abelha má daquela linda colmeia. A doce Bebel ficou triste com o resultado dramático. Chorou, teve pesadelos, delírios, alucinações, insônia. Conversava apenas com sua amiga oculta. Não saiu da cama por dias, deprimiu! O medo do escuro ficou cada vez maior; a luz parecia distante... Porém, Bebel teve o apoio incondicional da médica Dulce e de sua amorosa mãe Diná, devotadas cuidadoras. Uma bela tarde, Bebel,

<sup>3</sup> NÉCTAR - Líquido açucarado produzido pelas flores. Os insetos voam de uma flor a outra alimentando-se do néctar. As glândulas produtoras de néctar ficam, em geral, no interior da flor, e o inseto é obrigado a passar pelo pólen para alcançá-las. Assim, o pólen que adere ao corpo do inseto é levado para a próxima flor a ser visitada. As abelhas colhem o néctar e o transformam em mel.

como de costume, sobrevoou o vasto laranjal da colmeia. Uma brisa suave a desviou do caminho e pegou carona amiga, num raiozinho de sol e foi parar numa plantação exótica, nunca vista. Eram florzinhas do campo de néctar muito leve, fácil de ser digerido. Naquela paisagem simples e linda, perdeu-se nos pensamentos, sugou muito néctar e voltou para a sua colmeia. Foi a última a se recolher. Apenas foi notada por Mara. – São horas de chegar? Ah, também, você nem mel precisa fazer! Tanto faz chegar tarde ou cedo. Kkkkkk. Que diferença faz? Algum tempo depois... alegria... alegria... Bebel vomitava mel como as outras abelhinhas da colmeia. – Milagre!!! – espantada, gritou Mara malvada. – Não... não... Bebel apenas encontrou um néctar que ela pode digerir, sem lhe causar nenhuma intolerância – explicou a doutora Dulce, pelo whatsapp, à mãe Diná. Continuou a explicação: há também crianças que têm intolerância à lactose. A natureza é a mesma, com suas sábias diferenças. A preocupada mãe de Bebel tentava adaptar-se à nova conduta da filha. Dona Diná estava sempre atenta aos longos voos diários de Bebel. – Bebel... Bebel... Aonde você vai, abelhinha? – Mamãe... Mamãe, vou ao campo buscar néctar pra fazer meu mel! Volto logo com a prima Isabel. – Cuidado, lá tem o zangão Gabriel que quer levar você para voar no céu. – Zap... Zap... Vou ligeiro, volto com o néctar pra fazer meu mel. A abelhinha Bebel saiu a arremedar a mãe, cantarolando a poesia:

– Aonde vai, Bebel? – Já disse, mãe, sem melar. Vou ao Campo, buscar néctar, pra fazer meu mel. – Volto logo, com a prima Izabel. – Cuidado, filha, lá tem um Zangão, quer voar com você lá para o céu. Omar é o zangão do meu coração Zap...Zap...zap...zap...zap.... Volto logo com o néctar, pra fazer meu mel

O mel de Bebel... O mel de Bebel...

Daí em diante, com a sua farta produção de mel, Bebel revigorou sua autoestima e sua confiança. Recuperou sua vida, que pensava estivesse perdida. Voltou à esperança.

Mãe e filha trocaram o néctar do laranjal pelo néctar das florzinhas do campo. Felizes, zumbindo, voavam buscando o néctar de cada dia, cumprindo seu destino genético e afetivo.





ARISTIDES CASTELO  
HANSEN

### A DESCOBERTA

Jesus Antonio olhou maravilhado a capital do seu país. Do alto da colina três magníficos edifícios de cristal dominavam a paisagem, representando os poderes da República: a Presidência, o Congresso e a Justiça. Abaixo, edifícios de três ou quatro andares sediavam lojas, escritórios, bares, restaurantes e estabelecimentos diversos. Ao longe, casinhas de madeira, caprichosamente construídas e coloridas, abrigavam os moradores pobres. Entre o casario, aqui e ali, ponteavam botecos onde o viajante imaginava grande zoadada de homens alegres, violões, garrafas e copos de bebidas. Tudo isso emoldurado por exuberante mata, de onde se podia ouvir o gorjeio de mil pássaros. No céu passou voando um belo gavião real que, aos olhos do recém-chegado, pareceu ser o símbolo do novo tempo.

— Tudo isso agora é nosso! – regozijava-se, com o orgulho de quem deu sangue e suor pela redenção da pátria, e agora se sentia como participante de sua história e de sua moderníssima capital.

O calor era terrível, e a extensa viagem de Planalto até Cruzeiro o deixara extenuado. Teve vontade de tomar uma cerveja gelada, mas sabia que teria que economizar. Entrou no banheiro da rodoviária (pagando 50 centavos). Certificou-se de que ninguém o observava, abriu a maleta e tirou do fundo o envelope pardo que continha suas economias. O dinheiro era contadinho para três diárias no hotel “El Viajant”, recomendado por um amigo do sindicato, por ser o mais barato, incluindo três refeições diárias; e para a viagem de volta. A moeda oficial do país é a Cruz. Apesar do pouco dinheiro ele tinha confiança em João Romeu, e sentiu que poderia arriscar e tomar uma geladinha.

Talvez fosse mais prudente descer à Cidade Baixa, onde ficava o hotel e onde a cerveja certamente seria mais barata. Mas a sede tinha pressa, não podia esperar. Entrou mesmo no restaurante da rodoviária. O chato era ter que tirar ficha no caixa, coisa que mais o aborrecia. Mas pelo menos ficaria sabendo logo o montante da despesa, não tendo que se preocupar enquanto bebia. Pediu meia cerveja e um pastel, e achou o preço meio salgado.

— Acho que eu mereço um pouco de extravagância, depois dessa viagem cansativa – pensou. — Agora as coisas vão melhorar.

Mitigadas a sede e a fome, ficou pensando se deveria ir logo à Cidade alta e procurar o doutor Mosca, ou se seria preferível ir primeiro ao hotel, tomar um banho, descansar um pouco, trocar de roupa, e depois sair, limpo e descansado. Optou pela segunda hipótese.

Não tinha intimidade com o tal doutor, e convinha apresentar-se com melhor aparência. Lembrou-se também que João Romeu, se

pudesse recebê-lo no mesmo dia, não era mais seu companheiro de cerveja e das noites boêmias ou de panfletagens na porta de fábricas. Agora era um homem importante na política do país.

Pegou o papelzinho onde anotara o endereço do hotel: rua Santa Gertrudes, 45, bairro Safira. Um cidadão muito educado ensinou o caminho que ficava a cerca de dois quilômetros dali, e não havia ônibus, apenas táxi. Estava cansado, mas preferiu ir a pé. Economizaria dinheiro e conheceria melhor a cidade.

HANSSEN, C. *A mansão do mal*, São Paulo, Futurama, 2018. Capítulo 1º.

## VOZ DE CRIANÇA

— Pai, eu li as suas poesias. Você era bom naquele tempo, eim!

— Como, meu filho? Onde você viu?

— A mãe mostrou. Pena que você não tenha continuado a ser poeta.

O “Esplanada House” havia sido concluído, finalmente, apesar dos protestos de ambientalistas e arquitetos, e a família já ocupava um belo e grande apartamento. Graça custava a se acostumar, mas o achava melhor do que o apartamento em Cruzeiro. Joãozinho estava encantado. Fizera novos amigos e estudava com afinco para reparar os anos em que ficara sem escola. Acabava de se matricular em um colégio particular de grande fama.

Para Jesus o arranjo era ótimo. Ficava alguns dias com a família e outros na capital do país, executando seu trabalho, e passava noites agradáveis com Karen que, além de sexo,

proporcionava conversa agradável e instrutiva sobre os meandros da política. Naquela tarde estava em casa conversando com o filho.

— Pai, se um dia eu escrevesse um livro seria de poesia ou histórias da minha cabeça. Eu nunca escreveria um livro para puxar o saco de ninguém.

— O que é isso, Joãozinho? O que você está querendo dizer?

— Desculpe, pai... - A voz do garoto ficou trêmula e seu rosto corou. — Estou falando do “Menino Predestinado”...

— Você leu? Não gostou?

— Pai, eu não entendo nem quero entender de política. Tem gente que gosta do Loyola, tem gente que não gosta. Mas escrever um livro em homenagem ao presidente não é puxassaquismo?

Jesus quis dar uma bronca no menino, mas limitou-se a sorrir amarelo. No fundo concordava. Ele também pensava assim, mas precisava manter aquela vida.

HANSEN, C. *A mansão do mal*, São Paulo, Futurama, 2018. Capítulo 25º.

## “POEMAS”

### GERAÇÃO LIVRE

Você pode fazer o que quiser,  
você pode falar em liberdade .  
A liberdade é uma calça azul,  
camisa colorida, cinturão de couro  
que se vende nas lojas da cidade.

Se não souber cantar, pode grunhir,  
uivar, gritar, fazer um som qualquer.  
Enfim, você é livre porque é jovem.  
E ser jovem depende de querer.

Você pode andar em motos barulhentas,  
se tiver dinheiro pra comprar.  
Você pode sonhar com carros e aventuras,  
você pode sonhar, sonhar, sonhar...

Você pode trocar a noite pelo dia,  
trocar o barulho pela alegria,  
correr, correr, sem ter onde chegar.  
Ligar bem alto o som do seu hi-fi,  
falar inglês, ver TV, voar,  
curtir a vida enquanto ela durar.

Só não vale pensar, é perigoso,  
é cansativo, faz mal aos seus cabelos  
e traz inquietações nas madrugadas.  
Leva a fazer perguntas perigosas,  
traz responsabilidades angustiosas.  
E depois, para que pensar então  
se basta apertar apenas um botão  
e as coisas já vêm todas pensadas?

Reproduzido de: Academia Guarulhense de Letras,  
*Amostragem Literária, Centenário da Emancipação Política de*  
*Guarulhos*. Março de 1980, Castelo Hanssen, página 26.

## O RIO DA VIDA

O rio da vida me ensinou  
que pescar nada tem a ver com peixe.  
Sente à margem e deixe  
o rio em seu eterno caminhar,  
no seu eterno leito.

Ouçã histórias do vento,  
histórias que já eram,  
mas que sempre serão.

Não sonhe em vão  
com o bom peixe em sua frigideira,  
mas viva, por inteiro,  
a doce paz da margem.

HANSSEN, C. *Toda Poesia*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 153,  
In: Hanssen, C *Um cedo fita o horizonte*. Guarulhos. All Print.

## POEMA CACHAÇA

Eu queria fazer uma poesia  
que fosse cristalina como o dia  
para ser consumida como pão.

Uma poesia assim,  
agradoce como a fruta do mato,  
pura como a água do regato,  
melodiosa como uma canção.

Uma poesia assim,  
que trouxesse beleza em cada rima,  
para ser cantada no trabalho,  
para ser batucada na marmita,  
para ser comentada nas esquinas.

Uma poesia assim,  
comum e popular como a cachaça,  
que se bebe barato, que é de graça,  
que é do pobre, do rico, do sem nome.  
Uma poesia que todos entendessem  
como todos entendem a palavra amor  
ou a palavra fome.

HANSSEN, C. *Toda Poesia*, Guarulhos, Gerúndio Edições,  
p. 48, In: Hanssen, C *Canção pro sol voltar*.

## ALDEIA GLOBAL

Ao café da manhã  
vêm conversar comigo  
na janela de écran,  
reis e potentados,  
presidentes, soldados,  
atletas, milionários,  
santos e sicários,  
estrelas e astronautas.

Me falam de suas pautas,  
seus casos, seus ocasos,  
suas fronteiras, suas terras,  
suas guerras.

Eu escuto e me calo.  
Minha angústia, meu calo,  
a ninguém interessam,  
não entram na conversa.  
Nesta aldeia em que vivo  
tenho olhos e ouvidos,  
mas não tenho voz.

E o meu vizinho ao lado  
é um número na porta,  
eu não sei - nem me importa -  
qual será o seu nome,  
o que lê, o que come.

Nesta aldeia pequena  
onde reis e astronautas  
são nossos comensais,  
nós nos ignoramos,  
apressados passamos,  
“bom dia”, e nada mais.

Só sei que ele também  
recebe em sua casa  
na janela do écran,  
reis e potentados,  
presidentes, soldados,  
atletas, milionários,  
santos e sicários,  
estrelas e astronautas,  
ao café da manhã...

HANSSEN, C. *Toda Poesia*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 70,

In: Hanssen, C *Canção pro sol voltar*.



AURA GOLD

## INTRODUÇÃO

Após alguma hesitação, se deveria ou não transcrever aqui algumas anotações e textos por mim escritos há bastante tempo, resolvi fazê-lo por entender que de alguma forma poderiam contribuir para a reflexão de alguns leitores interessados em assuntos espirituais e que estejam de alguma forma em busca de seu EU INTERIOR através de mais um relato que os ajudaria a sentir emocionalmente a importância do sentimento MAIOR DO AMOR DE DEUS. Entretanto, faço-o despojadamente, sem intenção de pregar qualquer conceito que seja a favor de um ou outro sistema de organização religiosa. São divagações de um ser humano comum.

## MÃE

Gosto de rosas brancas e vermelhas, apesar de seus espinhos. Elas são delicadas, suaves, acariciantes, puras. Minha mãe também gostava muito de rosas brancas e as tinha plantadas em seu humilde

jardim lá em Vila Velha, cidade do Espírito Santo. Mãezinha, a única coisa que lamentei de verdade foi não ter podido vesti-la com o vestido novo branquinho que fiz especialmente para você e cobri-la com as amadas rosas brancas de seu jardim. Sei que onde está agora um jardim bem mais florido de rosas brancas prestigia você simbolizando a sua imensa capacidade de perdão, amor, abnegação e bondade características de seu espírito elevado. Sei também que devido a essas qualidades inerentes a sua alma você está ajudando seus filhos amados e a tantos outros filhos no mundo a se reencontrar no seu EU CRÍSTICO.

Na verdade nunca sabemos aqui na Terra quem somos. O orgulho, a cegueira do preconceito, o caminhar do peregrino à espera do renascimento sem descobirmos as sutilezas das parábolas do Divino Mestre que assim dizia: “Tendes olhos e não quereis ver, tendes ouvidos e não quereis escutar. Olhai os lírios dos campos, vedes como crescem puros e imaculados entre os espinhos e escutai a palavra d’Aquele que vos fala em nome do Pai”.

Só começamos a ter consciência do valor dos ensinamentos quando ouvimos em primeira instância os conselhos da mãe. Mas como nossa capacidade de discernimento fica muito abaixo de nossa crítica, egoísmo, insensibilidade com aquela que pode até ser analfabeta mas desenvolveu automaticamente a capacidade de amar sem restrições esse ser irônico que nos tornamos devido ao mundo que nos rodeia, que nos cobra estar atualizado com a tecnologia, nos impulsiona ao conhecimento científico e literário, e tantos outros recursos que usamos para nos apoiar em nossos conceitos de falta de tempo, ignoramos assim a simplicidade do SER que tudo sabe somente usando o que o PAI lhe ofertou gratuitamente e o distribuindo: AMOR.

Pretendi sem dúvida homenagear a todas as mães e também aos pais que, em grande maioria, conseguem internalizar esse sentimento materno em seus corações, dizendo um pouco do tudo que aquela que me possibilitou estar aqui agora, que consentiu nos meus devaneios, me autorizou a sair por aí para aprender por minha própria conta através da dor, das dificuldades, da maternidade e principalmente do amor tudo ou nada do que hoje SOU. Minha mãe MARIA.

### TEORIA DO NADA

O egoísmo é uma das causas da falência da humanidade. Se você desse a mão desinteressadamente ao seu irmão, quanto amor transmitiria, quantas mágoas consolaria, de quantas alegrias participaria. Mas, Deus do Céu, como achamos tudo isso difícil pois o egoísmo, a vaidade, a ironia que trazemos em nossa mente poluída formam uma barreira plasmática que nos separa do nosso semelhante e que conseqüentemente nos afasta do Criador.

Você daria a mão para cumprimentar um leproso? (naquela época passada), você beijaria um aidético, você abraçaria um louco? Claro que não, essa seria a resposta. No entanto se o fizesse nada aconteceria a você. Não se contagiaria pois o espírito só se contagia com os maus pensamentos e instintos perniciosos. Porém, que recebesse essa dádiva, esse carinho especial, sim, se contagiaria de energia positiva, de compaixão, de doação de amor. Mas a recomendação geral é que nos afastemos dos afetados por doenças contagiosas e assim o fazemos para nos prevenirmos do mal da carne. O Espírito fica pra depois então.

Nós não sabemos dar esmolas, pois o dinheiro dado a um mendigo, os restos de sua casa, comida, roupas, calçados velhos que você não usa mais, não são esmolas, são restos. Esmola é um

vocábulo pobre porque deveria sim, chamar-se de fraternidade, irmandade. Doar ao seu irmão o alimento mesmo que come, o agasalho mesmo que usa, a palavra gratuita de consolo e incentivo que lhe alivia e lhe aponta o caminho que nos leva ao Mestre.

Você acha que sofre quando sente uma violenta dor física, moral ou espiritual, mas pense no constante e incessante sofrimento dos loucos, dos suicidas, dos paraplégicos, dos frustrados e de todos perante os quais o seu sofrimento não passa de uma ínfima lamúria. Sim, porque você possui todos os recursos para se libertar desses sofrimentos e os outros, temporariamente enquanto na matéria, não.

Você ora pedindo por seu irmão na humanidade? Você é humilde, sem se humilhar? Seu riso é franco, sua personalidade é cristalina, pura, seus defeitos corrigíveis?

Então ajoelhe-se no chão, no quarto, no quintal, onde quiser e puder e agradeça a DEUS pois já está a meio caminho andado para a perfeição que é o caminho da eternidade para trabalhar mais tarde em prol da libertação dos seus irmãos na humanidade e em louvor à Santíssima Trindade: PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO sendo UM.

Banindo de nossos pensamentos qualquer sombra de conceitos como: prêmio e castigo e acreditando que DEUS só é unicamente AMOR E DOAÇÃO, os passos iniciais de nossa caminhada rumo ao lar já estarão sendo dados. Acreditar no momento santo, onde nos reintegramos Àquele que Somos.

Dar sem querer receber nada em troca, policiar seus pensamentos até que se tornem Luz, perdoar a ignorância temporária dos que ainda não encontraram o caminho ajudando-os na empreitada, no encontro Divino que nos leva para CASA. O Criador ama suas criaturas como os pais amam seus filhos mesmo que estejam no caminho errado, perdoa, ajuda no reencontro. Para

o Criador só existe um caminho: Seus braços abertos para nos receber a todos que somos suas criaturas onde persistirá sempre em nós O ESPÍRITO IMORTAL.

## A CRIANÇA

(Minha homenagem tardia a uma grande amiga de infância e a meu pai "querido" - "in memoriam")

Na fragilidade de um bebê está toda a ternura do mundo que chega a doer em nossos corações pelo carinho que sentimos ao aconchegá-lo em nossos braços.

Do seio materno brota o alimento que sacia a criança. Emocional e feliz se sente a mãe demandando um sentimento de proteção com aquele que está em seus braços, o qual protege com seu calor. Há flores de várias tonalidades de cores e espécies. As crianças, também como as flores, apresentam em sua individualidade essas nuances que as caracterizam como únicas.

Inês era uma menina inteligente, franzina e minha melhor amiga, um espírito irmão, em meados de 1949. Nós nos identificávamos perfeitamente pelos mesmos gostos, pensamentos e até mesmo fisicamente, a ponto de pensarem que éramos gêmeas. Quando a conheci ela estava doente, acamada há um longo tempo e eu na minha ingenuidade, não sabia do que se tratava, mas gostei dela assim que a vi, apresentada pelas nossas irmãs mais velhas, que recentemente tinham também se tornado amigas, adolescentes que eram. Brincávamos de bonecas e jogos no seu leito de enferma, mas um dia resolvi perguntar: - Inês, porque não saímos para brincar lá fora? Tem um quintalão e sol brilhando, é bem melhor né? Ao que ela me respondeu: - Você ainda não sabe? Depois que fiquei doente

há mais de um ano, eu não ando mais, minhas pernas ficaram fracas e se eu tentar, caio no chão.

Eu não sabia, mas insisti oferecendo minha ajuda, que ela segurasse em meu braço que eu a apoiaria não a deixando cair. Ela levantou-se apoiando-se em mim, deu dois passos e quis desistir. Não forcei, mas fiz com que ela me promettesse andar comigo todos os dias pelo quarto. No fim de uma semana, Inês saiu comigo do quarto andando e Dona Chiquinha, sua mãe, não acreditou no que viu porque os médicos haviam dado um diagnóstico de paralisia das pernas para minha amiga.

Daí em diante brincávamos sempre juntas, fazíamos algumas peraltices próprias da idade (6 anos), escrevíamos a duas mãos poesias pueris mas que nós achávamos maravilhosas. Transcreverei no final uma dessas, se encontrar nosso velho caderninho, prometo, mas não riam, viu?

Fui embora de B.H. para Vila Velha E.S. e nos correspondemos ainda por bastante tempo. Minha amiga Inês cujo milagre da cura de Deus aconteceu.

Eu sempre fui tímida, introspectiva, o que me valia na infância e adolescência o estigma de “estranha”, mas isso não me incomodava porque assim eu podia dar asas à minha imaginação, escrever, ler muito e afastar-me do que e de quem eu não tinha afinidade. Às vezes pelas minhas atitudes era considerada um pouco arrogante e irônica pelos adultos dos quais eu sempre sentia compaixão pois os achava muito infelizes, frustrados, vistos sob essa minha ótica pessoal. Não conseguiam falar sempre a verdade e riam quando não havia motivo para tal. Tudo isso de uma maneira geral pois particularmente, principalmente com relação à minha família, meus irmãos, minha mãe e meu pai, o pensamento era bem diferente. As mulheres que iam lá em casa, como mamãe era muito

dócil, ouvinte, elas descarregavam suas mágoas com os maridos, reclamavam que o dinheiro não dava pra nada e mamãe aconselhava-as a ter paciência, se organizarem porque tudo tinha sido a escolha de cada uma. Mamãe era sensata e bondosa.

Meu pai era para mim um herói. Viajava muito, era comerciante e quando voltava contava suas histórias engraçadas, ria, dançava, tocava violão e cantava e me carregava no colo me chamando de “tutuca”, “dondoca” e me trazia presentinhos. Um tecido para fazer roupa nova, uma pulseira, fitas para o cabelo (o meu era bem longo). Eu amava meu pai como a melhor pessoa do mundo. Me orgulhava dele. Quero hoje guardar em minha memória essa imagem dele como se o tempo ali estivesse parado e nada do que mais tarde pudesse acontecer me fizesse deixar de amá-lo. Meu pai querido, Antonio Teixeira Guimarães. (origem luso-síria)

Eu tinha sangue doce para crianças: as menores viviam me rodeando e eu as comandava nas brincadeiras, dava aulas, ajudava a corrigir e completar os exercícios escolares e as considerava como minhas filhas e filhos. Eu tinha apenas 10 anos.

Hoje tenho cinco crianças (1962 a 1973) me rodeando o dia todo, às vezes perco a paciência, às vezes me condeno por não dar a elas uma maior atenção. Elas precisam de mim, sou sua mãe e elas me amam, têm ciúmes de mim, me admiram, me acham bonita e algumas vezes se rebelam. Se eu facilitar, elas ficam o dia inteiro empoleiradas na minha cama e brigando por sua vez de falar comigo. “Deus, dai-me a coragem necessária para orientá-las no caminho do bem. Dai-me a energia que por vezes me falta para ampará-las com meu amor. O BEM se inicia na família, a nossa missão maior é criar e conduzir nossas crianças para enfrentarem suas provas futuras.

## CRIANÇA ORIENTADA SIGNIFICA O FUTURO DE UMA HUMANIDADE MAIS JUSTA, MAIS EVOLUÍDA E RUMO À ETERNIDADE.

DEUS abençoe a todas as crianças.

### FÉRIAS

À medida que o carro se afastava de São Paulo com destino à sua cidade natal, Vitória, Angelina ia meditando a respeito de vários fatos que a lembravam a cidade onde passara grande parte de sua vida. De vez em quando, olhava a paisagem sempre verde e cheirosa a seu redor, os rios, as formações montanhosas, apreciando nessas belezas naturais a obra grandiosa do Ser Maior. Uma imensurável paz de espírito dominava sua mente e os pensamentos com relação à querida mãezinha não lhe causavam angústia ou medo. Analisando esse sentimento, descobria que aquilo que parecia indiferença nada mais era do que uma paz proveniente do fato de que não precisaria ir até onde ela vivera para senti-la junto a si, ao seu coração amoroso...

Há algum tempo Angelina desnudou uma espécie de véu de cegueira voluntária a que submetera sua alma, descobrindo o verdadeiro caminho da redenção, sentindo-se mais confiante no futuro, amando as pessoas pelo que elas são internamente e não apenas pela aparência. É um caminho de fé e entrega ao Criador, criaturas que somos do seu infinito Amor. Ela era meio irônica, principalmente com pessoas relutantes que se costuma taxar como de “mentes fechadas”.

Na casa da irmã ela não sentiu emoção e dormiu à noite no quarto onde a mãe viveu e sofreu seus últimos momentos de vida.

Não chorou mas conversou com ela como ainda viva na matéria fosse, pois viva no espírito ela é e sabia que a ouvira. No dia seguinte foi ao cemitério depositar flores no túmulo e chorou pois não estivera perto quando da partida da mãe para lhe dizer quanto a amava, pedir perdão pelas faltas, abraçá-la em apoio ao sofrimento que lhe causava a doença. Enfim, tentava fazer agora o que antes não pudera devido a distância e impossibilidade de estar presente no momento final. Angelina e a irmã Marina foram até a casa do irmão para visita-lo. O lugar era muito pobre, os casebres de madeira, as lavadeiras nos tanques fora da casa, as crianças seminuas e sujas pela viela e os homens maltrapilhos nos botequins. Lá todos conheciam a Marina, ela era popular entre as pessoas. Comunicativa, caridosa, às vezes autoritária, chamando a atenção da mãe para o cuidado com o filho, mas sobretudo extremamente dotada de humanidade e simplicidade. Desprovida de vaidades e egoísmo, a seu modo ensinava essas lições de vida a todos, inclusive à sua irmã. Os sobrinhos, filhos do irmão Agenor, eram crianças sadias, apesar da humilde situação em que viviam. Cesar, o mais novo, tinha dois anos e não tinha mais a mãe e ao segurá-lo nos braços, Angelina tentou transferir-lhe todo o amor e carinho que lhe faltava. Pediu ao irmão para levar o menino com ela para São Paulo; Agenor agradeceu, mas não consentiu. Ele era pai e mãe ao mesmo tempo. Foi muito bom para Angelina rever sua família, seus sobrinhos, embora não pudesse fazer muito por eles, mas Marina lhe dava constante assistência. Dali foram visitar os outros membros da família com os quais ela tinha grande afinidade. As visitas, as conversas amenas com os primos queridos, a família reunida, rindo, chorando às vezes com as lembranças, o contato humano de amor e carinho redistribuídos fora de imensa importância na caminhada de Angelina rumo ao aprendizado humano da verdadeira espiritualidade.

Angelina, uma mulher comum, mãe, profissional dedicada em seu trabalho, aproveitou essas férias de um modo simples, sem aparatos e grandes novidades para retomar os laços de união familiar e teve esse pensamento, após voltar ao lar em São Paulo: “tenho uma única certeza: todos estaremos reunidos um dia (o tempo cronológico não existe) no grande Armagedon, diante daquele que nos deu a individualidade, a inteligência e tudo que é DELE é nosso porque somos UM com a Santíssima Trindade.”

## ORAÇÃO DO AMOR

Eu aqui sozinha a meditar,  
 Um filme passando pela minha cabeça acelerado,  
 Evidenciando os momentos vividos em meu caminhar.  
 Plantei, cultivei, colhi os frutos do meu querer  
 E sem saber porque tendo alcançado, perdi o rumo.  
 Palavras soltas, coração batendo forte, sofrer, perder.  
 Achava o rumo em mim mesmo, levantava depois da brusca queda,  
 Mas o confronto com meus fantasmas persistia.  
 O que estava errado em meu saber?  
 O que me afastava de meu querer?  
 O que me impedia de compreender?  
 O que me retirava o conhecer?  
 Eram os fatos, eram as palavras, eram o fazer ou desfazer?  
 Tudo, o Universo, os meus versos, tudo me conduzia para o êxtase  
 Mas algo conspirava secretamente para me abater.  
 Qual águia célere voava sobre as razões,  
 Sem me deixar abater por falsas emoções  
 Mas algo inexplicável sempre acontecia  
 Para de mim retirar as ilusões.  
 Olhei para além do meu conhecer,  
 Orei para os Seres do Alvorecer,

Roguei pelos amores do meu conviver,  
Esperei do Divino a solução  
Para o que não conseguia entender.  
Sofri, chorei, sapatee, adoeci, caí, quase morri  
Levantei, sorri, acalmei, dormi, acordei e entendi  
Tinha, tem um nome e precisa ser de mim eliminado.

O nome? O nome? O nome?

EGO.

Agora escrito em minúsculo até de mim desaparecer:  
ego.

Eu Sou Aura Gold



BISMAEL B. MORAES

## COSTUMES E O PRECONCEITO RELIGIOSO CONTRA A MULHER

A mulher é um ser humano superior; ela é a mãe de todos os homens, esses mamíferos vaidosos e, em regra, também preconceituosos e cruéis. Mas, a propósito, eu pergunto: haveria homem na Terra, caso a mulher não existisse? Em síntese, no mundo, existe algum rei, presidente, ministro, general, chefe religioso, magistrado, parlamentar, filósofo, cientista, doutor, artista, professor, letrado ou analfabeto, em qualquer atividade terrena, que não tenha nascido do ventre da mãe e que não necessitou do seio, dos braços, dos cuidados, das lições e do amor dessa mulher? Todos nós, com certeza, temos mãe; nem sempre temos pai.

Em seu livro “Vida de Jesus”, o escritor brasileiro Plínio Salgado tinha razão quando, em 1944, escreveu: “A mulher grávida

leva um destino no ventre, um germe de personalidade, a misteriosa geometria imanente de um corpo, de uma fisionomia, de um modo de ser; a centelha de um espírito; a semente de um fato social, que se pode chamar, um dia: revolução, revelação, gênio do bem ou gênio do mal”. Mas, “como o usa do cachimbo deixa a boca torta”, como afirma o ditado popular, desde as primeiras civilizações, o homem sempre se impôs pela força sobre a mulher. Aliás, como a inteligência constitui a individualidade moral do ser humano, sendo esta faculdade especial para certos seres orgânicos, e, com o pensamento, traz consciência e vontade a cada pessoa, os costumes se enraízam e, se não forem bons, deformam as pessoas, transformando-se num vício abominável, chamado preconceito.

E como o homem foi o ser que primeiro descobriu as letras, depois de muitos milênios, o preconceito, terrível vício moral, desde cedo, se agasalhou nos costumes dos povos, em especial, nas religiões. Suas diretrizes ou seus cânones foram estabelecidos pelos homens, mostrando as pesquisas que a mulher, em razão da sua condição biológica, com seus círculos menstruais, foi colocada, pelas seitas e as crenças formadas pela ignorância, como um ser impuro e tendente à tentação e mal. Existe até hoje a falsa ideia de que só os homens teriam sido criados por Deus! Aliás, é isso que se depreende dos velhos ensinamentos judaicos e cristãos.

Observe-se, a propósito, que os que se opuseram a isso (porque Deus concedeu a todos os seres humanos a capacidade de pensar, aprender e deduzir sobre os fatos), durante muitos séculos, – e a Idade Média é prova disso –, muitos foram dizimados nas fogueiras e nas masmorras. Mas, com a lição do Cristo – “Conhece a verdade, e a verdade te libertará” –, as mulheres e os homens de bem começaram a raciocinar de modo mais coerente: homem e mulher se completam e são seres necessários ao progresso da humanidade. O filósofo René Descartes ensinou: “A regra do conhecimento é

pensar com clareza; só o que é claramente compreendido é verdade”.

E, quando falamos sobre a mulher, não devemos nos esquecer de que, por tradição, costume, fé sem discussão, credence ou superstição, e o medo, os homens – alguns sinceros e bondosos, mas muitos deles interesseiros e ávidos por poder, sempre ditaram as regras a serem seguidas. E isso ficou patenteado quando, depois da Revolução Francesa de 1789, com a queda do rei, os filósofos e homens de letras (e nenhuma mulher aí foi inserida) resolveram fazer a “DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO”, e não os DIREITOS DO SER HUMANO, englobando homens e mulheres. Nessa “Declaração”, sobre a qual a “nata dos intelectuais” (sem raciocinar) já escreveu ou falou, e ainda fala, podem ser lidos artigos como o seguintes:

“Artigo I – “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”; artigo II – “Todo homem tem capacidade para gozar de direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie”; artigo VI – “Todo homem tem direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana, perante a lei”; artigo VIII – “Todo homem tem direito a receber, dos tribunais nacionais competentes, o remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pelas constituições e pela lei”. E, sucessivamente, nos artigos X, XI, XIII, XV, XVI, XVII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII e XXIX, como se a mulher não tivesse nenhuma importância como ser humano.

Por essa chamada “ideia libertária” que veio da França para o mundo, esquecendo por completo o papel essencial da mulher -

como mãe, filha, avó, esposa, irmã, companheira -, os códigos de Direito de várias partes da Terra mantiveram sempre o ser feminino quase como se não existisse. Assim, por exemplo, pode-se observar o Código Civil Brasileiro de 1916, obra de juristas cultos, que se diziam cristãos, e conhecedores de várias línguas, dentre eles Clovis Bevilacqua (hoje, nome de praça), trouxe: “Artigo 2º - Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil; Artigo 4º - A personalidade civil do homem começa do nascimento com vida”. Durante 86 anos, nenhum homem de letras no Brasil se opôs a esse texto machista. Agora, em 2002, entrando em vigor de 2003, o novo Código Civil Brasileiro, depois das muitas lutas das mulheres, foi mais honesto: “Artigo 1º - Toda pessoa é capaz de direitos e deveres na ordem civil”; Artigo 2º - A personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida”. (Notaram a diferença entre HOMEM e PESSOA?)

Mas, agora, como se acha a legislação brasileira sobre o respeito às mulheres? Vejamos.

Diz a Constituição Federal, Lei Maior do país, em seu artigo 3º, como um dos “objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, inciso IV – “promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. E, no artigo 5º, inciso I: - “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”.

Mais adiante, no artigo 226, § 3º, encontra-se o seguinte: “Para efeito de proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre homem e mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”. Já no § 5º desse mesmo artigo, está explícito o seguinte: “Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercido igualmente pelo homem e pela mulher”.

E desde 7 de agosto de 2006, nós temos a Lei nº 11.340, a chamada Lei Maria da Penha, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, dando garantias às mulheres em geral contra a ignorância dos homens. Alvissaras às mulheres!

## POSSE E PORTE DE ARMAS

A posse ou o porte de arma representa a enganosa ideia de que o indivíduo se acha em plena segurança, permitindo-lhe bancar o “mocinho!” contra o semelhante, podendo até tirar-lhe a própria vida, sob alegação de “legítima defesa”. Na verdade, a arma de fogo só tem três “serventias”: ameaçar, ferir ou matar, e todas são crimes capitulados no Código Penal – ameaça (art.147), lesões corporais (art. 129) e homicídio (art.121).

Nem pensar em argumentar com o comportamento norte-americano, que permite a qualquer pessoa maior de 18 anos comprar arma e levá-la para casa. A *National Rifle Association* (NRA) doou 51 milhões de dólares na campanha norte-americana de 2016, que elegeu o presidente Trump, e este afirma que os diretores da NRA são “grandes patriotas”. Não é à toa que, recentemente, um rapaz de 19 anos, numa escola do interior da Flórida, comprou um fuzil AR-15, com ele matando 17 pessoas e ferindo 14, enquanto o presidente Trump fala em escolas de psiquiatria para tais pessoas, “esquecendo” a indústria de armas!

Será que a indústria de armas e munições, gastando enormes fortunas para eleger suas “bancadas da bala”, não seriam correponsáveis por milhões de crimes perpetrados pelos instrumentos com os quais enchem as burras de dinheiro? Assim, não há no mundo morte por arma de fogo que não tenha por responsável o grande fabricante de armas e munições. Todos falam

em segurança pública, mas ainda não aprenderam a viver em paz na sociedade!

Estamos em ano eleitoral, mas nenhum político tem interesse em tratar desse assunto abertamente. Ainda em 2005, quando a população brasileira foi chamada a se manifestar sobre a matéria, os “lobbies” dos fabricantes e vendedores de arma diziam que o “governo quer desarmar o homem de bem e não os criminosos”. E o povo, iludido, votou a favor de que todos pudessem adquirir arma “para sua defesa contra os bandidos”. Pobre povo!

Infelizmente, as próprias Leis Orgânicas da Magistratura e do Ministério Público concedem ao magistrado e ao membro do MP a prerrogativa de portarem armas de fogo, sem a necessidade de porte! Não faz muito que um juiz matou um vigilante de supermercado em Fortaleza, no Ceará, e um promotor público, munido de pistola, atirou em um banhista em Guarujá, São Paulo. Portanto, parece que o magistrado e o promotor não descobriram ainda o significado e a importância do Direito e da Justiça!

Sabe-se que os gastos com as armas de fogo, segundo estatísticas, são de 30 milhões por hora, o que equivale a bilhões nos cofres e nos bolsos desses magnatas de um produto de fácil consumo, tanto para os governos como para os vaidosos, que falam em segurança pública, mas ainda não aprenderam a viver na sociedade e só argumentam com o dedo no gatilho. Pobres seres humanos, que aceitam de bom grado enriquecer os fabricantes da morte e esquecem de que nós precisamos conviver como irmãos sinceros.

## NA RETIRADA

TÔ CANSADO DE LUTAR.	DE SEU FULANO E SICRANO,
SERTANEJO TAMBÉM CANSA.	EU ESCUTO, O ANO INTEIRO,
TANTA FALA JÁ OUVI,	QUE VEM AJUDA E DINHEIRO,
TANTA FALA SEM SUSTANÇA,	MAS, NO FIM, SÓ DESENGANO.
QUE, PARECE, ATÉ PERDI	RIO É SABIDO E CONTORNA
MINHA FÉ, MINHA ESPERANÇA.	ROCHAS, MONTANHAS, BARREIRAS.
NÃO SOU DE DESANIMAR	VOU FAZER A VEZ DOS RIOS
E NÃO FUJO DE CARETA	E DEIXAR DESSA BESTEIRA,
MAS A COISA FICOU PRETA...	DE MALHAR EM FERRO FRIO,
NO SERTÃO FALTA LUAR.	POIS SÓ ARRANJO CANSEIRA.
LUTAR CONTRA O QUE NÃO VEJO,	REMÉDIO PRA MINHA DOR
MAS SABENDO QUE EXISTE,	É CORRER PRA CAPITAL,
O MEU BRAÇO NÃO RESISTE.	QUE TEM ATÉ HOSPITAL,
TÁ SUMINDO MEU DESEJO	EDIFÍCIO, ELEVADOR...
DE CAVAR E DE CARPIR,	VOU VENDER MINHA CABRITA,
DE VER MUITA PLANTAÇÃO:	DEPOIS, JUNTAR MEUS TERÉNS
CAFÉ, MILHO, ALGODÃO,	E PARTIR, DE CARRO OU TREM,
ARROZ, FEIJÃO, E SORRIR!	JÁ QUE NINGUÉM ME ACREDITA.

VOU GANHAR MUITO DINHEIRO. SÓ NÃO TENHO PROFISSÃO,  
MAS, COM ESSAS DUAS MÃOS, EU DOU SERVENTE DE PEDREIRO.  
E SE A SORTE ME AJUDAR, QUANDO EU CHEGAR À CIDADE,  
COM MAIS OPORTUNIDADE, EU POSSO ATÉ ENRICAR!



CLAUDEMIR  
PEDROSO DA SILVA

## BULLYING E A BÍBLIA

### BULLYING, O QUE É?

Bullying é um termo utilizado para designar a prática de atos agressivos. É um termo inglês que significa “ameaçar ou intimidar”. O termo é utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully ou “valentão”) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender.

Bullying pode assumir várias formas e pode incluir diferentes comportamentos, tais como:

- Violência e ataques físicos

- Gozações verbais, apelidos e insultos
- Ameaças e intimidações
- Extorsão ou roubo de dinheiro e pertences
- Exclusão do grupo de colegas

Bullying é a institucionalização do preconceito sem razão. As vítimas sofrem o “bullying” por puro prazer dos agressores, sem qualquer motivo ou razão que supostamente seja justificável. É um comportamento consciente, intencional, deliberado, hostil e repetido, de uma ou mais pessoas, cuja intenção é ferir outros.

Apelidos, risadas, fofocas, empurrões e zoar o colega são brincadeiras aparentemente inofensivas, mas que podem trazer graves consequências ao desenvolvimento psíquico, principalmente dos adolescentes.

Bullying não é um conflito a ser resolvido, tem a ver com desprezo – um forte sentimento de desgostar de alguém considerado como sem valor, inferior ou não merecedor de respeito.

Este desprezo vem acompanhado por três aparentes vantagens psicológicas que permitem que se machuquem os outros sem sentir empatia, compaixão ou vergonha:

- Sentimento de poder, de que se têm o direito de ferir ou controlar outros;
- Intolerância à diferença;
- Liberdade de excluir, barrar, isolar e segregar outros.

Sem se deixar perceber, a vítima de bullying se sente humilhada, perseguida, intimidada. E as consequências são depressão, angústia, baixa auto-estima, estresse, evasão escolar, atitudes de autoflagelação e até suicídio. Este é, portanto, um tipo de violência camuflada.

Suas formas mudam com a idade: bullying escolar, assédio sexual, ataques de gangue, violência no namoro, violência conjugal, abuso infantil, assédio no local de trabalho e abuso de idosos.

### • Caracterização do bullying

O bullying é um problema grave que acontece todos os dias, em quase todo o mundo e divide-se em duas categorias:

• **Bullying direto:** é a forma mais comum entre os agressores (bullies) masculinos;

• **Bullying indireto:** conhecido como agressão social, é a forma mais comum em bullies do sexo feminino e crianças pequenas, caracterizada por forçar a vítima ao isolamento social.

Este isolamento é obtido através de várias técnicas:

- Roubar e/ou danificar objetos pessoais de uma pessoa, como livros ou material escolar, roupas
- Espalhar rumores e comentários negativos sobre a vítima.
- Fazer com que a vítima faça o que ela não quer, ameaçando-a;
- Fazer comentários negativos sobre a família da pessoa, sobre a sua aparência pessoal, orientação sexual, religião, raça, nível de vida, nacionalidade.
- Levar a vítima ao isolamento social;
- Praticar o cyber bullying (criar páginas falsas sobre a vítima em variados sites);
- Fazer chantagem;
- Utilizar expressões ameaçadoras;
- Agredir física e/ou verbalmente colegas, de forma sistemática e prolongada no tempo;

- Tirar bens aos colegas (dinheiro, objetos pessoais).

A potencial vítima de bullying pode ser uma criança ou um jovem que apresente determinada característica que a torne um alvo fácil, como por exemplo, ser mais gorda ou magra, gaguejar, usar óculos, etc.

Os pais e educadores devem estar atentos a possíveis sinais (fobia à escola, baixo rendimento, depressão, baixa autoestima, etc.) que possam surgir por parte dos filhos ou alunos. O bullying não deve ser confundido com as brincadeiras que normalmente acontecem na infância e adolescência.

#### • Quem pratica o Bullying?

Quem pratica o Bullying, geralmente, nem se preocupa em ser simpático com os colegas; gosta de ser admirado e de meter medo nos outros alunos; pode vir a exercer uma influência negativa sobre o grupo.

Admite-se que os que praticam o bullying têm grandes chances de se tornarem adultos com comportamentos antissociais, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas.

#### • O alvo do bullying

O alvo das atitudes de bullying, que pode ser um grupo ou uma pessoa, não dispõe de recursos, poder ou habilidade para reagir e impedir os atos danosos de que são vítimas. Em geral, as vítimas de bullying são: pouco sociáveis, inseguras (tanto que sequer procuram ajuda), têm poucos amigos; são quietas, passivas e não têm esperança de se adaptar ou ser aceitas pelo grupo.

Sua baixa autoestima é agravada por críticas comumente feitas pelos adultos sobre a sua vida. Às vezes, chegam até a se considerar merecedoras do sofrimento que passam. Em casos extremos, as vítimas se sentem tão oprimidas que podem acabar tentando ou cometendo o suicídio.

## O BULLYING NA HISTÓRIA HUMANA

Na atualidade, um dos temas que vem despertando cada vez mais, o interesse de profissionais das áreas de educação e saúde, em todo o mundo, é sem dúvida, o do *bullying*. Termo encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica, que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais.

O bullying possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos no qual seres humanos interajam: na escola: nas famílias, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral), nos asilos de idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais (entre vizinhos). Enfim onde existem relações interpessoais, há probabilidade de bullying.

## LOCAIS DE OCORRÊNCIA

### Bullying nas Escolas

O bullying pode acontecer em qualquer faixa etária e em qualquer lugar, mas o cenário onde ocorre com maior frequência e gravidade é a escola. Por isso, muitas instituições de ensino já incluíram o tema em suas grades curriculares para ser debatido com os alunos.

O bullying escolar, como é chamado, preocupa educadores e psicólogos pelo fato de as crianças e adolescentes estarem em

fase de formação de caráter e personalidade, e uma experiência de agressão pode gerar um trauma para a vida adulta.

Ofender, fazer mal físico, magoar, todo o desrespeito é um tipo de violência. Nomes e apelidos pejorativos tem levado muitas crianças e adolescentes a sentirem o desejo de abandonar a escola, sem que os pais saibam o motivo.

Os motivos apontados como causadores do bullying são os mais variados. Desde a desestrutura familiar, com relações afetivas de baixa qualidade em que a violência doméstica é real ou em que a criança representa o papel de bode expiatório para todas as mazelas, ou quando autoridade é imposta por meio de atitudes agressivas e violentas e até a valorização dos bens materiais, como carro, tênis importado, e o não possuir um desses bens pode ser motivo para perseguições. A violência vivenciada pela comunidade é tida como a principal razão.

Por outro lado, as pesquisas também revelaram não haver diferença entre alunos de escolas públicas e escolas particulares quanto à incidência de bullying. O que se observou foi que a forma como ele é praticado varia de uma escola para outra.

O bullying começou a ser pesquisado quando se descobriu o que estava por trás de muitos suicídios entre adolescentes. Por achar que não passava de brincadeira entre colegas, os pais não davam atenção às reclamações dos filhos e muito menos a escola o fazia. Sem esse apoio, o adolescente vivencia desde a queda da auto-estima até, em casos mais extremos, o suicídio e outras tragédias.

De acordo com dados obtidos em trabalhos internacionais, não existe escola sem bullying. Até o que aparentemente é uma brincadeira pode ser considerado bullying. Alguns estudiosos defendem que a prática do bullying, tão comum em outros países,

não é o que existe no Brasil. Aqui, afirmam, é mais comum a violência escolar e não atitudes de intimidação. Com um nome ou outro, a verdade é que este tipo de procedimento tem trazido graves conseqüências aos alunos, principalmente aos adolescentes.

## CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

Aqueles que são alvo das agressões são geralmente escolhidos por fugirem dos padrões comuns à turma – o gordinho ou o magricela, o calado, o estudioso, o recém-chegado, entre outros.

Os meninos estão mais envolvidos com o *bullying* violento, tanto como autores quanto como alvos. Já entre as meninas, o *bullying* também ocorre, mas costuma se caracterizar como prática de exclusão ou difamação.

O tamanho estimado do problema, segundo uma *pesquisa* realizada pelo Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e relatada na Folha de S. Paulo em 21 de março de 2010, é impressionante:

- 70% dos alunos afirmam que viram, pelo menos uma vez, um colega sofrer algum tipo de agressão dentro da escola;
- 9% viram alunos serem atacados várias vezes numa única semana;
- 10% garantem que testemunham diariamente esse tipo de cena.

O mesmo se pode dizer do tamanho estimado da conseqüência:

- 43% dos alunos se sentem angustiados no ambiente escolar;
- 36% sentem medo com certa freqüência;
- 10% estão sempre com medo.

Uma criança vítima de bullying pode apresentar baixa estima, depressão e ansiedade. Os adolescentes que promovem o bullying, quando adultos, apresentam um comportamento anti-social e então presenciados casos de violência, atos de vandalismo e agressividade. Crianças criadas sem limites e a falta de afetividade na família, muitas vezes proporcionam esta situação.

Sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de bullying:

- Enurese noturna (urinar na cama)
- Distúrbios do sono (como insônia)
- Problemas de estômago
- Dores e marcas de ferimentos
- Síndrome do intestino irritável
- Transtornos alimentares
- Isolamento social / poucos ou nenhum amigo
- Tentativas de suicídio (bullycídio)
- Irritabilidade / agressividade
- Transtornos de ansiedade
- Medo de expressar emoções
- Problemas de relacionamento
- Abuso de drogas e álcool
- Depressão maior
- Relatos de medo regulares

- Resistência /Aversão a ir à escola
- Demonstrações constantes de tristeza
- Mau rendimento escolar
- Atos deliberados de autoagressão

A criança ou adolescente que é alvo de bullying, dependendo de suas características individuais e sua relação com o meio social, em especial a família, poderá não superar o trauma sofrido na escola.

O bullying muda a história de vida do ser humano. Uma pessoa que poderia ter uma construção emocional de auto-estima equilibrada, com o bullying passa por uma frustração e rejeição sem necessidade.

Poderá crescer com sentimentos negativos, tornando-se um adulto com sérios problemas de relacionamento. Poderá assumir, também, um comportamento agressivo, ou tender à depressão. No trabalho, poderá sofrer ou praticar o bullying.

#### PREVENINDO O PROBLEMA NA ESCOLA

Quando não há uma atitude de prevenção e combate ao bullying, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado. Todos os alunos são afetados negativamente, inclusive as testemunhas, causando ansiedade e medo.

Alguns alunos até se tornam autores de bullying, quando percebem que este comportamento agressivo não está trazendo nenhuma consequência para quem o pratica.

Para evitar o bullying, as escolas devem investir em prevenção e estimular a discussão aberta com todos os atores da cena escolar,

incluindo pais e alunos. Para os professores, que tem um papel importante na prevenção, alguns conselhos de especialistas:

- Esclareça o que é bullying;
- Avisar que a prática não é tolerada;
- Conversar com os alunos e escutar atentamente as reclamações e sugestões;
- Estimular os estudantes a informar os casos;
- Reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema;
- Identificar possíveis agressores e vítimas;
- Acompanhar o desenvolvimento de cada um;
- Criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regime escolar;
- Estimular lideranças positivas entre os alunos, prevenindo futuros casos; Interferir indiretamente nos grupos o quanto antes, para quebrar a dinâmica de Bullying;
- Prestar a atenção nos mais tímidos e calados. Geralmente as vítimas se retraem.

As medidas adotadas pela escola para o controle do bullying, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, contribuirão positivamente para a formação de uma cultura de não-violência na sociedade.

### MEU FILHO, VÍTIMA DE BULLYING

Tão importante quanto prevenir esse tipo de situação é saber que caminho seguir ao identificar que o filho foi vítima de bullying.

Os pais devem conversar com os filhos com muita calma, e fazer com que a criança perceba que essa é uma situação que deve ser denunciada e assumir ele, o pai, a responsabilidade pela denúncia. Mostrar que o bullying não é aceitável e que não é culpa de quem o sofre.

Psicólogos afirmam que quando o bullying acontece é porque a criança, de alguma forma, não sabe como se defender. Diante deste fato, surge a necessidade e importância das famílias gerarem nos filhos essa capacidade de defesa, pois é ela quem primeiro prepara o indivíduo para o mundo, e o bullying é uma frustração que está no mundo.

Se for necessário, como o é em alguns casos, os pais devem procurar ajuda profissional nesses para que as crianças não levem para a fase adulta os traumas causados pelo bullying.

### MEU FILHO, AUTOR DE BULLYING

Muito se fala em quem é vítima de bullying, mas o agente, ou seja, quem infringe a agressão, também deve receber atenção e acompanhamento. A criança que pratica o bullying pode estar sofrendo a influência de um grupo de colegas ou ter problemas com a autoestima, perseguindo as outras como forma de se auto-afirmar. O agente de bullying cresce acreditando que pode ganhar as coisas no grito, no enfrentamento, e isso traz consequências sérias, como desvios de conduta. Diante disso, o que fazer?

Em primeiro lugar, é preciso conversar. Saiba que ele está precisando de ajuda. Não tente ignorar a situação, mas mantenha a calma e verificar o que está errado no relacionamento familiar e corrigir a questão. Demonstre que o ama, porém demonstre também que você não aprova esse comportamento. Que isso é errado e que não deve ser repetido. Procure saber o porquê ele está agindo assim.

Garanta a ele que você vai ajudá-lo. Encoraje-o a pedir desculpas a quem possa ter agredido, pessoalmente ou por carta. Destaque coisas positivas para melhorar a sua autoestima.

Os filhos devem ser criados dentro de limites estabelecidos, respeitando as diferenças. Creio que, a partir do instante em que os pais são avisados que o filho é um agente de bullying, devem tomar providências imediatas.

Infelizmente vivemos num tempo em que corrigir o filho é perigo de denúncia a Conselho Tutelar, Deus nos deu os filhos como herança. Herança é para ser cuidada, preservada e conservada das mazelas deste mundo. Não devemos ter medo de aplicar alguma forma de penalidade a nossos filhos, caso contrário, estaremos criando um grande problema para nós mesmos e também para a sociedade

Procure criar situações em que ele possa se sair bem, elogiando-o sempre que isso ocorrer. Garanta a ele que você vai ajudá-lo. Com o consentimento dele, entre em contato com a escola, converse com professores, funcionários e amigos que possam ajudá-lo.

*“Herança do SENHOR são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão. Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta.” (Salmos 127:3-5).*

#### COMO PROTEGER OS FILHOS DESSA AMEAÇA?

Diante da ameaça do bullying, o que os pais podem fazer? De que maneira podem proteger seus filhos dessa agressão? O diálogo entre pais e filhos é fundamental, bem como mostrar interesse na vida e nas atividades da criança, mantendo aberto um canal de comunicação e confiança.

Há uma razão para isso: toda a força do bullying está no segredo com que o assunto é tratado. Normalmente, a criança é intimidada pelos colegas e não conta nada para os pais, pois há um consenso entre os alunos de que recorrer à ajuda dos pais é sinal de fraqueza. Dessa forma, a criança vítima de bullying tenta resolver o problema sozinha, enquanto o agressor aproveita a impunidade para continuar com a prática.

Um bom conselho que damos aos pais é que vocês podem e devem se basear na Palavra de Deus para orientar seus filhos incentivando o comportamento cristão. A “regra de ouro” pronunciada por Jesus no sermão da montanha é tratar os outros como desejamos ser tratados - *“Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”* (Lucas 6:31).

Sabemos que, para a criança, adolescente ou jovem, isso parece ser difícil. O texto não fala especificamente sobre o bullying, mas reprova essa atitude e, de resto, todo o comportamento impiedoso com o semelhante.

Ao estudar a Palavra de Deus é possível encontrar exemplos e ensinamentos para situações atuais. Se quisermos um exemplo bíblico de bullying, podemos nos reportar à experiência de Daniel e seus três amigos.

Ainda adolescentes, eles foram levados para a Babilônia, a fim de estudar ‘a letra e a língua dos caldeus’. Aquela era considerada a ‘universidade’ daqueles tempos e era também um local de terríveis perseguições.

Os quatro amigos tiveram suas convicções religiosas questionadas e seus nomes - que tinham significados nobres - trocados por outros com significados depreciativos. Ora, claramente, isso é uma forma de bullying. Segundo a Bíblia, Daniel e seus amigos não apenas sobreviveram, mas também prosperaram naquele lugar (cf. Dn 1:3-21).

O bullying atinge com mais facilidade quem não tem amigos, ou seja, as crianças solitárias que, por isso mesmo, são vítimas mais fáceis. Contar sempre com Deus e cercar-se de amigos e irmãos que possam nos proteger é uma lição que podemos aprender com a experiência de Daniel para derrotar o bullying.

## BULLYING NA BÍBLIA

### Pensando biblicamente sobre Bullying

A Bíblia está cheia de denúncias contra a maldade e os recursos que usam os maus contra os fracos. Denuncia aquilo que hoje chamamos de bullying. Apesar do termo bullying não estar na Bíblia, isso não quer dizer que a Bíblia não se dirige significativamente a esta expressão da nossa cultura.

Considere os dados da pesquisa feita pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) sobre os tipos de bullying mais freqüentes:

- Apelidar: 54,2%
- Agredir: 16,1%
- Difamar: 11,8%
- Ameaçar: 8,5%
- Pegar pertences: 4,7%.

A Bíblia dirige-se a cada um destes aspectos. E ela vai além: tem palavras de consolo e fortalecimento para o sofredor, caminhos de verdadeira transformação em Cristo para o agressor, palavras de incentivo para o pacificador.

Você e eu temos a oportunidade de penetrar na vida destas pessoas por meio de um relacionamento de amor. Podemos identificar os problemas usando a nomenclatura que Deus usa e aplicar as verdades das Escrituras.

Encontramos na Bíblia inúmeras ilustrações e ensinamentos sobre ira, conflito e discriminação, e também a solução para tais problemas. Quando a Bíblia menciona algo com tanta freqüência, podemos esperar que seja uma luta universal.

O bullying não é novidade! Os pecados relacionados com conflito interpessoal ocupam boa parte das listas compiladas pelo Apóstolo Paulo em passagens como Romanos 1:29-31, II Coríntios 12:20, Gálatas 5:19-21, Efésios 4:31, Colossenses 3:8 e II Timóteo 3.2-4.

E a solução: *“Todavia, não foi isso que vocês aprenderam de Cristo. De fato, vocês ouviram falar dele, e nele foram ensinados de acordo com a verdade que está em Jesus. Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade”* (Ef 4:20-24).

Qual tem sido a sua reação diante do que temos presenciado em nossos dias com as crianças e os adolescentes na escola, na vizinhança e até mesmo na igreja? Não podemos ficar calados e nada fazer. Como desenvolver uma estratégia para prevenir o bullying entre crianças e adolescentes? Como aconselhar?

Somos chamados a ser bons observadores da nossa cultura e a pensar biblicamente sobre os componentes do “fenômeno bullying”, buscar e sistematizar o ensino bíblico, traçar uma estratégia de atuação e ministrar com sensibilidade e amor aos três grupos:

• **Os praticantes do bullying** – crianças ou adolescentes com comportamento violento, a caminho de se firmarem como adultos agressivos;

• **As vítimas de bullying** — crianças ou adolescentes que sofrem e podem ter problemas significativos no relacionamento com Deus, consigo mesmas e com outros;

• **As testemunhas do bullying** — todos aqueles que, como nós, são parte de uma cultura em que este comportamento tem se tornado cada vez mais comum e gerado as mais diversas reações, da frustração à indiferença, da revolta ao medo.

A Igreja de Cristo tem um grande trabalho a realizar, eu diria até que, um grande desafio. Para isso, é necessário debruçarmos cuidadosamente sobre a Palavra, não na busca frustrada de um versículo que mencione o bullying, mas com a disposição de aprender a pensar sobre os “fenômenos de nossos dias” com base em princípios bíblicos e construir uma teologia prática que atenda às necessidades atuais. Cristo e Sua Palavra são suficientes para transformar integralmente as vidas marcadas pelo bullying.

Usando o livro de do apóstolo Tiago, David Powlison em seu livro “*Como Alcançar o Coração do Conflito*” ajuda-nos a entender onde as atitudes e ações agressivas tem início, *insight* que podemos aplicar proveitosamente ao problema do *bullying*. Escreve ele:

*“Os conflitos afetam todos nós: você, eu, as pessoas com quem convivemos e trabalhamos. A ira é apenas um dos fios no problema maior de conflitos interpessoais. Sim, ações e emoções de ira ocupam freqüentemente o centro do palco nos conflitos, mas uma extensa família de reações também toma parte no drama da vida real: medo, dor, autocomiseração, fofoca, fuga, busca de conforto no escapismo, mentira,*

*manipulação e até mesmo uma alegria perversa. [...] Contender é uma característica fundamental dos pecadores. Reflete a imagem de Satanás: mentiroso, assassino, causador de divisões, agressor. Promover a paz diz respeito a Deus, em Cristo, e àqueles que estão sendo renovados à Sua imagem. Podemos consultar vários textos bíblicos, mas os capítulos 3 e 4 de Tiago são a passagem clássica e extensiva que revela a mente de Cristo sobre o assunto”.*

## O “BULLYING” DE JOSÉ

Podemos dizer que o “bullying” é velho na Bíblia por fazer parte de uma história conhecidíssima e talvez o mais velho “bullying” da história humana seja o bullying de José. José foi maltratado, machucado e ferido pelos seus irmãos mais velhos. Rejeitado a ponto de ser vendido como escravo e separado de sua família por longos anos.

É bem provável que José tenha sido umas das primeiras vítimas dessa situação. Vejamos o texto:

*“Quando os seus irmãos viram que o pai gostava mais dele do que de qualquer outro filho, odiaram-no e não conseguiram falar com ele amigavelmente” (Gn 37:4).*

*“Seus irmãos demonstravam abertamente o incômodo que sentiam, e o ápice de tal insatisfação se deu com a venda de José: “o venderam por 20 peças de prata aos ismaelitas, que o levaram para o Egito” (Gn 37:28).*

A rejeição é um princípio maligno de proporções sociais devastadoras. Ela apequena, tritura, machuca, e dói na vítima rejeitada. Além do mais joga na cara do rejeitado a sua insignificância social, econômica, política, etc. Sugerindo, em contrapartida, desejos enormes de vingança.

É um sentimento perigoso, além do mais, porque falseia os fatos. Nunca, por exemplo, alguém foi condenado por rejeitar outrem. Mas a semente da rejeição, após ser plantada, já levou muita gente a praticar crimes de nefastas proporções.

A atitude de rejeitar alguém pode se transformar de uma simples ante-sala em palco principal de grandes tragédias. Nesse ritmo, nossa sociedade está indo em direção ao abismo existencial, e por desconhecerem o seu real significado, e as conseqüências danosas da sua prática inconseqüente, as pessoas não estão nem aí para as enormes feridas que estão causando no próximo quando passam a rejeitá-lo sem maiores justificativas, cometendo o “bullying”.

Os altos e atuais índices de criminalidade, os grandes conflitos, as grandes conflagrações que tantos males têm causado à humanidade tiveram início através de inocentes gestos de rejeição.

José é apenas uma história que acabou bem, pois o amor de Deus sobre ele foi maior do que o “bullying” de seus irmãos. Mas o que faremos com essa geração que hoje está sendo ferida e maltratada pela turma que ela procura seguir ou fazer parte? Precisamos urgentemente pregar o Evangelho do Amor de Deus à estes jovens!

### BULLYING DE ELISEU E ELIAS

No livro de II Reis 2:23-24 está escrito: “Então [Eliseu] subiu dali a Betel; e, subindo ele pelo caminho, uns meninos saíram da cidade, e zombavam dele, dizendo: Sobe, calvo; sobe, calvo! E, virando-se ele para trás, os viu, e os amaldiçoou em nome do Senhor. Então duas ursas saíram do bosque, e despedaçaram quarenta e dois daqueles meninos.”

Muitos Ateus se validam deste texto da Bíblia apresentando a maldade de Deus por haver feito perecerem os meninos que

ofenderam verbalmente o grande profeta do Senhor. O que ocorreu com o Profeta é o que chamamos hoje de Bullying.

O profeta era “careca”, ou melhor “calvo” e andando, os meninos tiraram sarro dele por isso e o Profeta, como qualquer outro ser humano, ficou irado e proferiu a maldição.

Ah, quem dera se tivéssemos esse poder, de Deus se vingar de nós em relação a essas ofensas. Quando lemos a Bíblia, podemos ver que quando alguém nos ofende é o mesmo que estar ofendendo a Deus, pois somos imagem e semelhança dele.

Podemos sim entender e aceitar o fato de Deus ter vingado o profeta. Mas Deus não poderia ter misericórdia dos meninos que ofenderam Eliseu? Mas Eliseu era profeta do Senhor, e tudo que saía da boca de um profeta do Senhor teria que ser cumprido. Então, no momento em que os meninos provocaram a ira de Eliseu, ele proferiu a maldição; como Deus confiou a sua Palavra ao profeta, o que ele disse cumpriu-se.

Assim como Elias, que por intermédio da palavra dele, do profeta, não choveu por durante 3 anos e meio e Deus assinou em baixo: “*Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos.*” (Tg 5:17-18)

Eliseu também proferiu a palavra de maldição e Deus assinou embaixo e fez conforme a palavra do Profeta. Muitos falam que isso foi pra servir de Exemplo a todos quanto a ofensas verbais.

Podemos ver através deste texto que Deus não gosta de brincadeiras, de apelidinhos, é por isso que ele deu Nomes a cada ser, cada coisa existente neste universo. Creio que temos nas

Sagradas escrituras este registro para servir de exemplo para nós até ao dia de hoje. Cabe a nós ter o conhecimento e a decência em toda a nossa maneira de viver, isso inclui até no falar. Deus leva a sério pequenas coisas.

### A AÇÃO RESTAURADORA DE DEUS

As pessoas prejudicadas por ações *de bullying* podem tomar algumas atitudes em seu dia-a-dia, para evitar maiores dificuldades. Os especialistas orientam que elas devem afastar-se das pessoas que praticam o *bullying* até que o problema seja solucionado.

Em hipótese nenhuma devem ficar sozinhas com o agressor porque sempre será mais seguro falar com ele perto de outras pessoas. Jamais responder às provocações porque essa reação fará com que o outro aumente as humilhações. Evitar manter a agressão e o agressor em segredo. É importante contar o que está acontecendo para os professores, pais ou responsáveis. Deus sempre faz a sua parte, mas é necessário que cada um também faça a sua.

A alma guarda os sentimentos, as mensagens negativas, os traumas, as lembranças boas ou más do ser humano. Tudo o que produziu feridas na alma é canalizado para o comportamento da pessoa.

Mas Deus tem poder para sarar a alma, restaurar a vida humana e ser abrigo contra os opressores: *“Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu.”* (Sl 42:5).

A renovação da mente, pela Palavra de Deus, faz com que os conceitos bíblicos vençam as idéias negativas existentes na mente da pessoa: *“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que*

*experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”* (Rm 12:2).

Há poder nos pensamentos porque eles condicionam a mente e a mente comanda a forma de cada um. Por isso é importante ler a Bíblia habitualmente e permitir que o Espírito Santo faça as devidas alterações nas idéias negativas: *“Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.”* (Fp 4:6-8).

O diálogo com Deus produz resultados benéficos e necessários à alma. Se imaginarmos uma seção de psicoteologia, haverá o paciente, o terapeuta e o Espírito Santo. O paciente fala para seu terapeuta quais são seus sentimentos e conta sua vida em detalhes. O terapeuta, direcionado pelo Espírito Santo, ministra cura na alma e desenvolve um trabalho de acompanhamento até haver mudanças na vida da pessoa.

Deus é onipresente, por isso pode ouvir as orações de uma vítima do *bullying* e acompanhá-lo até que sua alma seja restaurada e a pessoa tenha a vida abundante prometida por Jesus (cf. Jo 10:10). A terapia divina tem como base o amor, a bondade, a misericórdia e a graça de Deus.

Para aqueles que têm dificuldades de diálogo, entre em seu quarto, feche a porta e fale com Deus. Fale sobre como imagina que será a sua semana de aula, no colégio. De como será o dia de

Trabalho na empresa. Fale sobre os sentimentos ruins que se instalaram em seu coração. Fale sobre os fracassos por não conseguir mudar seus pensamentos e comportamentos. Fale sobre suas feridas da alma.

O processo de cura interior tem como ponto de partida a disposição da vítima do *bullying* em ter suas feridas saradas e a oração é um meio muito eficaz para demonstrar isso.

Quando Deus afirmou “*não é bom que o homem esteja só*” (cf. Gn 2:18) estava se referindo ao fato de não ser o ideal que o ser humano seja uma ilha. Por isso, deve procurar desenvolver relacionamentos com pessoas ou com grupos, onde as diferenças individuais sejam aceitas.

Os relacionamentos interpessoais são ótimos tratamentos para as feridas da alma porque melhoram o autoconhecimento, a autoestima, a autoaceitação, o respeito próprio e o devido ajustamento à sociedade.

O relacionamento diário e constante com Deus produz saúde na alma. Ele conhece seus filhos e sabe onde ministrar seu bálsamo curativo (cf. Sl 139). Esse relacionamento particular pode acontecer em todos os lugares: ao levantar, na rua ou dentro do ônibus ou carro, na escola, no bairro em que mora, nas refeições, durante as tarefas de casa, à noite, na hora de deitar, etc.

Um relacionamento íntimo e profundo com Deus pode curar as feridas da alma e dar um futuro promissor.



**CLOVIS DOMINGUES**

Acadêmico Efetivo desde 2001

Cadeira 26 Patrono: Hildebrando de Arruda Cotrim

Medalha do Mérito Cultural João Ranali

desde 21/02/2016

## GOTAS ACADÊMICAS

### UM IDEALISTA: GASPARINO JOSÉ ROMÃO

Desde os primórdios acadêmicos, e até anteriormente, tive a honra de desfrutar da amizade do Dr. Gasparino José Romão, de saudosa memória e que tantos ensinamentos nos deixou com sua sabedoria e seus exemplos de vida.

Em minha adolescência e juventude, frequentava a Capela de São Geraldo, na Av. Guarulhos, no bairro da Ponte Grande. Nessa época já era evidente o trabalho do advogado do bairro a quem todos recorriam em suas necessidades e prontamente eram atendidos. Era o final do anos 50 e 60 do século passado (século XX).

O jovem advogado, Dr. Gasparino, era também um frequentador e apoiador dos trabalhos ali realizados pelos missionários Claretianos e depois pelos padres Teatinos que, até hoje, prestam preciosos serviços a todos. Nessa época, até os meados dos anos 60, o povo era formado por algumas famílias que se conheciam, se respeitavam e se ajudavam formando uma família maior no Bairro da Ponte Grande. Ainda não haviam começado as migrações, principalmente dos nordestinos e nortistas que povoaram os mais diferentes locais do bairro, enriquecendo o local com suas culturas e seus trabalhos. Povo, na sua maioria, humilde mas de muito valor, que passou a fazer parte também da família da Ponte Grande.

Naqueles idos tempos, citados acima, já afluíam os dons do advogado que, além dos seus trabalhos na área do direito, dedicava boa parte do seu tempo para ajudar, ainda mais, a união dos pontegrandenses, imprimindo o primeiro jornalzinho da Ponte Grande, edição rudimentar, mas com formato suficiente para que as notícias fossem compartilhadas com mais famílias, sempre buscando refletir as necessidades básicas do bairro a fim de um atendimento cada vez melhor para todos.

Católico de formação, nascido nas Minas Gerais, era presente em diferentes trabalhos que a Igreja Católica local já prestava. Um dos fundadores da Conferência de São Vicente de Paulo, fazia os trabalhos inspirados nas atitudes do santo dos pobres e também em Frederico Osanan seu fiel seguidor. O trabalho silencioso era descobrir famílias necessitadas e prover-lhes o básico necessário para uma sobrevivência digna, mas seguindo a norma vicentina, tudo era realizado no silêncio, sem nenhuma divulgação, a não ser entre o grupo para que os víveres pudessem ser angariados.

Em minha adolescência ajudava como podia na elaboração e distribuição do Jornal da Ponte Grande, sendo que, praticamente, a

totalidade dos encargos era realizada pelo “advogado de plantão” pois era o único no bairro. Com a possibilidade de usar apenas uma mão, pois havia perdido a outra em sua juventude, ainda em Minas Gerais, datilografava e mimeografava (mimeógrafo a tinta), por vezes até as altas horas, numa dedicação de causar admiração de todos.

Mesmo separados pela distância, pois já não morávamos no mesmo bairro e apenas nos encontrávamos, esporadicamente, nos poucos bancos comerciais da cidade, ou ainda em algum acontecimento religioso, nossa amizade continuou fundamentada no sólido início de histórias parecidas e de muito respeito mútuo.

Mas o tempo implacável avançava e, já com experiências no ensino e também na política, o advogado passou a ser professor da faculdade de direito recém-trazida para Guarulhos pelo seu amigo, e também advogado, Dr. Adolfo de Vasconcelos Noronha.

De ideais parecidos e amantes do direito, os dois advogados embalaram o sonho de ter em Guarulhos uma Academia de Letras e, depois de algumas tentativas dentro do campus, sem muito êxito, pensaram em desistir naquele local e continuar o ideal fora do campus por vários motivos práticos e de continuidade.

Ato contínuo, o Professor Gasparino Romão, como era conhecido, tomou para si a responsabilidade.

Era o ano de 1978 e as tratativas tiveram início, comandadas pelo advogado da Ponte Grande, que saiu em busca de nomes com perfis dentro do que achava exigido para a formação do primeiro grupo de acadêmicos das letras. Lógico que o primeiro a ser lembrado foi o amigo Professor Noronha e juntos pensaram outros nomes e talvez uma data propícia para o início do novo desafio, pois a cidade já crescera o suficiente e merecia um sodalício, formado por voluntários locais e operários das letras.

Sim, foi assim que os nomes foram sendo encontrados. Lembro que, nessa época, ele comentou comigo sobre esse desafio e até me fez o convite que achei impossível aceitar dada a minha condição não estar no patamar dos demais citados por ele. Penso tenha sido só mais uma gentileza ao amigo de longa data, companheiro na confecção e distribuição do jornal da Ponte Grande e irmão de fé da Capela São Geraldo. Certamente comentar sem convidar poderia não ser o melhor e ele era aquele que queria fazer sempre o melhor.

### DE SONHO À REALIDADE

Depois de muito trabalho na seleção dos nomes, chegou o grande dia, a grande data. Era o dia do aniversário da cidade e, nada melhor do que celebrar a especial data com o primeiro encontro oficial para a realização de algo tão importante, como um presente à Guarulhos: a fundação da Academia Guarulhense de Letras.

O presente, preparado com tanto trabalho, foi muito bem aceito. Lá estavam autoridades cívicas, militares e religiosas festejando o intento inaudito na cidade. Com muitas testemunhas ficou oficializado o Sodalício das Letras, denominado **Academia Guarulhense de Letras**.

Precisava compor uma primeira diretoria para coordenar os trabalhos e o presidente escolhido, não podia ser outro e, por unanimidade, o eleito foi Gasparino José Romão.

Sem muito espaço a mim permitido nesta edição, por se tratar de uma edição com os demais acadêmicos dispostos a participar, registro que o presidente ficou nessa função durante vinte anos (1978/1998).

Nesse espaço de tempo, Gasparino me presenteava a cada edição de um novo livro, com dedicatórias especiais.

### MINHA VEZ DE PARTICIPAR DO SONHO

Não sabemos como ou porque acontecem os desdobramentos do nosso viver mas, certamente, vamos nos surpreendendo a cada etapa.

Nunca imaginei, outrora, ter a ousadia de fazer parte de um grupo tão seleta, e mais ainda, dedicado às letras da minha cidade com objetivo tão relevante: “Cultivo das letras”.

No ano de 2001 me dei conta que podia reunir muitos escritos esparsos e lançar meu primeiro livro. Logo que a ideia me foi permitida pensei no amigo da Ponte Grande, meu bairro de origem, que poderia fazer o prefácio e até me ajudar em algumas dúvidas, naturais de um marinheiro de primeira viagem. Marquei então, por telefone, a visita com a finalidade acima registrada.

Era um entardecer e lá chegando, em sua residência, vieram à minha mente muitas histórias que tínhamos para recordar e viver, mas não podíamos deixar de tratar do assunto que motivara o encontro.

Quando, na idade da razão, conseguimos ver pessoas que fizeram parte da nossa infância ou juventude, as emoções afloram e as recordações tomam a frente de outros assuntos mais atualizados. Assim mesmo aconteceu com os dois amigos: trabalhos comunitários, assuntos de igreja, família, etc.

Ainda, antes do assunto proposto, foi-me servido um lanche regado com café, leite e chocolate. Era uma recepção feita por amigo e amigo mineiro, povo tradicionalmente acolhedor.

Enfim chegamos ao ponto. Mostrei-lhe as páginas preparadas para a composição do livro Viva Feliz, composto por pensamentos, assertivas e orações, com o intuito de deixar reflexões para a vida. Com toda atenção ele foi lendo uma a uma e fazendo observações

elogiosas concordando com as assertivas, principalmente. Sem pressa, foi dizendo que faria o prefácio e isso me deixou muito feliz, não somente porque era ele fundador da Academia de Letras mas, mais ainda, porque voltávamos a trabalhar juntos na tarefa de edificar a todos. Seu prefácio, sem dúvida, também funcionou como testemunha das minhas andanças e deu mais credibilidade ao que ali estava escrito. Foram momentos que marcaram profundamente nossas vidas pelas belas histórias de décadas passadas.

Ao me despedir, ouvi a frase que nem imaginava ouvir devido à simplicidade do trabalho e à ciência das minhas limitações: *“agora já pode entrar na Academia de Letras e você é meu convidado”*. Saí dali surpreso, porém certo de que isso não aconteceria.

Após receber o esperado prefácio escrito pelo meu amigo de longa data, enviei o livro para a gráfica e em setembro de 2001 realizei o primeiro lançamento em minha comunidade eclesial no bairro do Bom Clima, após a celebração da Palavra. Como não poderia deixar de acontecer, lá estava, além de boa parte da comunidade eclesial, como convidado especial, o autor do prefácio, acompanhado de sua querida e saudosa filha Aurora. Como representante da Academia de Letras, fez a saudação e traçou um perfil do livro e do autor, recheado de bondade e amizade.

Ao sair do local, novamente me falou sobre a academia e pediu-me que lhe enviasse um exemplar com meus dados pessoais para a avaliação dos seus pares acadêmicos. Agradei por tudo e falei que ia pensar.

A participação no sonho do amigo Gasparino era algo que imaginava muito distante, mas mesmo assim fiz o que me havia pedido, ficando uma centelha de esperança que pudesse prosperar aquilo que ele me dissera.

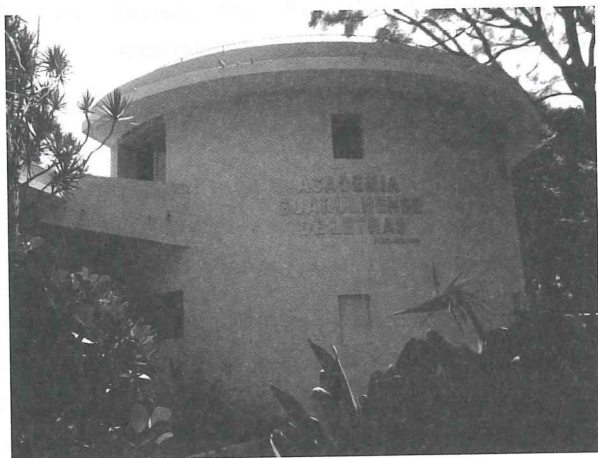
Passados alguns dias, reuni o que me houvera solicitado e, falando-lhe ao telefone me informei o dia da reunião solicitando a permissão de fazer uma visita na ocasião para conhecer o ambiente e os acadêmicos. De pronto concordou e me informou o local e hora.

Chegado o dia e hora, lá estava eu sendo apresentado como seu amigo de longos anos e também candidato a assumir uma das cadeiras do sodalício. Meio sem concordar e sem jeito, ouvi do secretário Laerte Romualdo de Souza a seguinte frase: *“apresentado pelo Gasparino já se considere acadêmico”*.

Não estava entendendo quase nada até tomar conhecimento do que estava por acontecer e isso foi surpreendente e encantador. Estavam todos esperando o presidente para tomar posse naquele dia. Isso talvez não fosse tão importante não fora as condições da posse. Nada mais nada menos, era o Professor Adolfo de Vasconcelos Noronha que estava subindo as escadas, carregado por outros acadêmicos, pois estava com uma doença terminal e tomaria posse passando a gestão ao vice Bismael Batista de Moraes. Colocaram-no na cadeira de presidente e a emoção encheu o ambiente de algo não descritível. Foram saudações emocionadas, poemas oferecidos a ele e por fim as palavras do presidente empossado, poucas mas cheias de emoção e gratidão. Esse ambiente de tantos bons sentimentos me tocou profundamente e passei a desejar que concordassem com a minha admissão.

Logo depois de alguns dias, recebi um telefonema, comunicando-me a aprovação e a informação de quando seria a posse. Meio sem entender, passei a convidar parentes e amigos para o evento anual da Academia que aconteceu nas dependências da Câmara Municipal de Guarulhos, ainda na Praça Getúlio Vargas. Lembro-me carinhosamente e agradecido dos meus convidados lotando aquelas dependências. Meu Patrono, Hildebrando de Arruda Cotrin, ali foi representado por duas de suas filhas, às quais também sou muito grato.

## UM TEMPO AINDA MAIS OUSADO



Depois de alguns anos no sodalício, foi-me permitido presidi-lo. A gestão 2012/2014 foi por mim comandada com muita alegria e dedicação promovendo etapas importantes para a caminhada vitoriosa da confraria. Um tempo de muito trabalho e realizações que, posso dizer, sem dúvida nenhuma, homenageou o amigo fundador prestando-lhe a homenagem da Medalha do Mérito Cultural João Ranali, medalha essa que leva o nome de outro acadêmico da primeira hora e de grande valor para todos guarulhenses.

Certamente, nenhuma homenagem traduzirá a gratidão pela preciosa amizade com o fundador e presidente por vinte anos da Academia Guarulhense de Letras, mas tenho algo a registrar que poderá nos ajudar na reflexão desse tempo ousado que o Senhor me permitiu viver.

Gasparino José Romão, de saudosa memória, ajudou a muitos sempre e disso não se valeu em causa própria, sempre na forma

humilde e sábia de viver. Viveu 87 anos e deixou um legado extraordinário para seus parentes e amigos. Tenho comigo registradas muitas histórias de bem que testemunhei e muita sabedoria de viver que acompanhei. Não sabemos os porquês mas foi durante minha gestão como presidente da Academia de Letras (*um dos seus sonhos*) que em junho de 2014 ele faleceu. Homenagens em vida fiz-lhe diversas e lhe agradecia sempre pelos exemplos de homem de fé e de trabalho, mesmo com suas limitações.

Guardo com muito carinho as recordações da gestão como presidente, mas, mais ainda a certeza de ter procurado fazer sempre o melhor como o meu homenageado e até posso dizer, seguindo seus passos. Lembro-me que durante minha gestão fiz-lhe visitas em seu calvário falando e ouvindo histórias boas que jamais serão esquecidas.



Considero mesmo uma ousadia ter sido presidente da Academia Guarulhense de Letras, porém mais ousadia ainda presidir um seletto grupo que conteve em seus quadros por 36 anos a figura extraordinária do advogado Dr. Gasparino José Romão, meu amigo.

## CELEBRAÇÃO DOS 40 ANOS

Algo que celebre 40 anos de existência, mesmo sem o reconhecimento-ajuda dos poderes constituídos que passam à deriva dos interesses maiores buscando, infelizmente, muito mais seus objetivos pessoais, é merecedor de todas as homenagens. Assim é a Academia Guarulhense de Letras.

Homens e mulheres passaram e passam pelas cadeiras acadêmicas fazendo a história que fica nos anais da cidade, independente de partidos políticos ou outros interesses, nutrindo a pureza de trabalhar pelas letras e, voluntariamente, entregar parte de suas vidas na direção de dias melhores para todos.

Nossas homenagens aos pioneiros de 1978 e a todos que, com inspiração e coragem, enfrentam todos os desafios na busca incansável da sementeira do bem.

Quatro décadas de muito trabalho e perseverança merecem uma grande celebração. Então, vamos celebrar. AVANTE, QUE O SENHOR GARANTE!



EDISON EVARISTO  
VIEIRA JUNIOR

## SOBRE O TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

### INTRODUÇÃO

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) é uma patologia mental considerada grave pelos profissionais de saúde e pode causar desde problemas familiares até um declínio global de atividades sociais, acometendo, geralmente, indivíduos jovens. O TOC consiste no aparecimento de pensamentos invasivos, impulsões, ideias que se tornam obsessões. Tais obsessões podem levar o indivíduo a

realizar rituais (atos compulsivos) para aliviar a angústia causada pela obsessão ou a comportamentos de evitações, onde o sujeito se esquia de situações que podem causar-lhe desconfortos, partindo daí as primeiras dificuldades. O TOC pode ser diagnosticado, ainda cedo, em crianças, evitando que a patologia cristalize-se e torne-se crônica, fazendo com que as chances de sucesso do tratamento diminuam. Por outro lado, o TOC também pode ser produzido e mantido dentro do meio familiar, pois a exposição constante dos rituais compulsivos aos familiares pode torná-los comuns, fazendo com que os familiares se adaptem. Ou em outros casos onde a família confunde os comportamentos obsessivos e compulsivos da criança com características de sua personalidade. Enquanto alguns teóricos são favoráveis ao envolvimento dos familiares logo no início do tratamento, outros afirmam que antes o profissional deve analisar criteriosamente a interação entre o paciente e os familiares, pois, em muitos casos, a família pode ajudar a manter os sintomas do TOC.

De acordo com Moraes (2002) o tratamento para o TOC pode ser através de medicamentos, de psicoterapia ou junção de medicamentos e psicoterapia, quando os sintomas são muito graves, pois muitas vezes o TOC vem acompanhado de outras patologias como fobias e a Síndrome de Tourette, que é um transtorno caracterizado por tiques motores e vocais, conhecido também por Doença de Gilles.

Já o tratamento psicanalítico dá ênfase apenas à psicoterapia, sem uso de medicamentos, na qual o sujeito é levado a compreender sua vida psíquica no sentido de diminuir a ansiedade e consequentemente os sintomas do TOC.

## O QUE É O TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO?

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) é uma patologia mental considerada grave pelos profissionais de saúde e pode causar desde problemas familiares até um declínio global de atividades sociais, acometendo, geralmente, indivíduos jovens. O TOC consiste no aparecimento de pensamentos invasivos, impulsões e ideias que se tornam obsessões. Tais obsessões podem levar o indivíduo a realizar rituais repetitivos (atos compulsivos) para aliviar a angústia causada pela obsessão ou a comportamentos de evitações, nos quais o sujeito se esquia de situações que podem causar-lhe desconfortos, partindo daí as primeiras dificuldades.

O TOC pode causar inúmeros sofrimentos ao paciente, levando-o ao isolamento social, sentimentos de incapacidade, perda excessiva de tempo, entre outros. Conhecer os sintomas do TOC é muito importante, sobretudo para pais, professores e todo aquele que lida com crianças e adolescentes, pois conhecer a doença em fase precoce auxilia muito e aumenta sensivelmente as chances de sucesso do tratamento. (CORDIOLI, 2004).

## DIAGNOSTICANDO

Muitos pais não percebem que os comportamentos repetitivos e estereotipados dos filhos podem ser sintomas de TOC e quando não procuram tratamento (pois não o reconhece como doença) chegam a estimular, elogiando comportamentos de organização desmedida dos filhos, por exemplo. A autocrítica às compulsões presentes no TOC é rara nas crianças e em adolescentes, sendo mais comuns em adultos, que se incomodam com os rituais, mas não conseguem deixar de realizá-los. (GUEDES, 2001).

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo em crianças e adolescentes possui algumas particularidades, diferenciando-se da ocorrência desta patologia em pessoas após a adolescência. Rosário-Campos (2001) abre a questão sobre a criação ou não de subgrupos, para tratamento e pesquisa, de portadores de TOC, levando em conta as diversas particularidades da doença. A criação de subgrupos, argumenta, poderia facilitar a criação de formas de tratamento mais adequadas ao subgrupo correspondente, no caso, as crianças e adolescentes. Além disso, a autora coloca uma outra questão: quando devemos diagnosticar o início do TOC? Já que muitos autores divergem sobre esta questão. Alguns estudiosos propõem que a idade de início do quadro deve ser avaliada de acordo com o surgimento dos sintomas. Outros autores propõem considerar a idade em que os sintomas começam a interferir com o funcionamento da pessoa. Outros sugerem que deveria ser avaliada a partir do momento em que o paciente procura alguma forma de tratamento.

As peculiaridades na ocorrência do Transtorno Obsessivo-Compulsivo em crianças e adolescentes, se comparadas com a ocorrência em adultos, levam-nos a questionar algumas posições dos profissionais e estudiosos que trabalham com o assunto. Primeiramente questiona-se se tais peculiaridades, como as comorbidades mais comuns em crianças e adolescentes que em adultos e o modo de encarar a doença, não seriam motivos para se pensar na criação de subgrupos de portadores, citados acima, para tratamento e pesquisa diferenciados, pois assim poderia se criar um aparato especial para determinados subgrupos e auxiliar na criação de novos meios de tratamento. Pesquisando subgrupos específicos, se poderia chegar a conclusões menos amplas, compreendendo melhor as particularidades da doença. (ROSÁRIO-CAMPOS, 2001).

A autora desenvolveu a tese em questão baseada no fato de que as crianças e adolescentes possuem particularidades sobre a manifestação da doença e forma de reagir perante ela. Muitas crianças, por exemplo, procuram ajuda profissional numa média de 2,5 anos depois do aparecimento da doença e nos adultos isto já sobe para 16,3 anos, quando em início logo após a adolescência. Mas estes números podem ter visões diferentes diante dos profissionais e/ou portadores.

Em um contexto psicanalítico, o diagnóstico se daria através da observação da vida psíquica pregressa do sujeito em contato com seu estado emocional atual. O estado emocional permanece inalterado, porém, as representações envolvidas em sua manifestação é que se alteram. Em uma análise mais profunda, pode-se supor que existem motivos para o estado emocional angustiante, mas a representação original fora substituída por outra, que passa a ser a forma manifesta da patologia. Vale ressaltar que esta substituição da representação está sempre ligada à vida sexual do indivíduo, que de alguma forma tornou-se inconsciente, dando a característica desconexa das obsessões. (FREUD, 1895).

Um outro aspecto importante do ato obsessivo é que ele serve para uma conciliação entre forças antagônicas do psiquismo. Ao mesmo tempo em que o ato obsessivo tenta evitar o ato proibido (pulsão sexual), sua manifestação tenta trazer uma satisfação semelhante ao ato que deseja evitar, num processo de deslocamento, onde uma representação faz uma alusão (simbolismo) ao conteúdo reprimido, que se manifesta nos comportamentos obsessivos. (FREUD, 1907).

Em se tratando exclusivamente de crianças, Freud (1908) afirma que os sintomas obsessivos surgem justamente com o desaparecimento da erotização da zona anal, pois as excitações

que surgem na infância relacionadas a esta zona, - assim como em outras zonas erógenas como a boca e as genitais - são defletidas através de reações psíquicas que se opõem às pulsões sexuais provenientes das zonas erógenas, pois estas são sublimadas a partir do período de latência. Estas forças reativas ocorrem pelo fato de no decorrer do desenvolvimento, a atração pela sujeira relacionada aos excrementos torna-se perturbadora e incongruente com a cultura vigente, que é asséptica.

## TRATAMENTO

- Fase anal - Ocorre entre os dois e os quatro anos. Neste período, mais especificamente aos 2 anos, a criança começa a desenvolver o controle muscular ligado à defecação, sendo que a descarga reflexa produzida pela pressão nos músculos do esfíncter anal, torna-se agradável. Neste estágio, a região anal torna-se a zona erógena.

O TOC pode ser diagnosticado, ainda cedo, em crianças, evitando que a patologia cristalize-se e torne-se crônica, fazendo com que as chances de sucesso do tratamento diminuam, mas, por outro lado, o TOC também pode ser produzido e mantido dentro do meio familiar, pois a exposição constante dos rituais compulsivos aos familiares pode torná-lo comum, fazendo com que os familiares se adaptem, ou em outros casos onde a família confunde os comportamentos obsessivos e compulsivos da criança com características de sua personalidade. Enquanto alguns teóricos são favoráveis ao envolvimento dos familiares logo no início do tratamento, outros afirmam que antes o profissional deve analisar criteriosamente a interação entre o paciente e os familiares, pois, em muitos casos, a família pode ajudar a manter os sintomas do TOC. O tratamento para o TOC pode ser através de medicamentos,

de psicoterapia ou junção de medicamentos e psicoterapia, quando os sintomas são muito graves, pois muitas vezes o TOC vem acompanhado de outras patologias como fobias e a Síndrome de Tourette, que é um transtorno caracterizado por tiques motores e vocais, conhecido também por Doença de Gilles. (GUEDES, 2001).

Cordioli (2004) propõe, baseado em sua experiência clínica e em pesquisas que corroboravam tais experiências, que a família tem um papel fundamental na prevalência do TOC. A família pode ser a peça fundamental para o sucesso do processo terapêutico. Geralmente o impacto na família das compulsões de portadores de TOC, sobretudo em situações graves, pode ser muito desagradável para todos. Os portadores podem isolar-se do restante da família, ou até mesmo serem isolados por esta, ou impor seus hábitos compulsivos ao restante da família. Em outros casos, a família fica impaciente e acaba cedendo e nada faz contra as compulsões, acomodando-se a elas, ou, as critica de forma virulenta, gerando sentimentos de culpa no portador de TOC, o que pode agravar a doença. Com isto o autor chegou à conclusão de que a inserção da família no processo terapêutico é muito importante, tanto no sentido de ajudar a conscientizar o paciente no que se refere a suas obsessões e compulsões como estimulá-lo a continuar o processo terapêutico, que geralmente causa um certo grau de ansiedade no seu início. Uma avaliação conjunta entre terapeuta, familiares e o paciente traz uma integração maior, o que colaborará positivamente para o tratamento da doença.

Já Guedes (2001) se propôs a analisar os processos de interação entre pacientes com TOC e seus familiares, na medida em que foi analisando em muitos pacientes que os rituais compulsivos típicos da referida patologia, são, em quase todos os casos, mantidos pelos próprios familiares. A autora indica que deve ser analisada com muito critério a inclusão de familiares no tratamento do TOC,

pois estes podem ajudar como podem atrapalhar totalmente o tratamento. A autora alega que as constantes oposições aos sintomas do TOC podem levar a família a um estado de acomodação, isto é, se adaptam e convivem com os rituais para não aumentar os níveis de tensões. Em outros casos os familiares até ajudam a produzir os rituais compulsivos através de comportamentos estabelecidos como regras que são estimulados nos demais, sobretudo nas crianças. Conhecer bem a relação entre familiares e paciente é fator fundamental para um tratamento adequado, executando intervenções com maiores chances de sucesso.

Moraes (2002) analisou o tratamento medicamentoso do Transtorno Obsessivo-Compulsivo em crianças e adolescentes e concluiu que pode ser muito eficaz no que tange ao desaparecimento de seus sintomas. Analisando minuciosamente as alterações neuroquímicas dos indivíduos com TOC, o autor descobre que tal transtorno pode ser tratado com antidepressivos. Suas hipóteses levaram a realizar experiências com crianças e adolescentes portadores de TOC e teve muito sucesso, fazendo desaparecer os sintomas da doença, mas outros efeitos colaterais surgiram e foram tão ruins em comparação com os sintomas da doença tratada, como náuseas, sonolência e até ideações suicidas como em um caso que o autor mostra, de um adolescente que ingeriu quase 100 cápsulas de fluoxetina (antidepressivo) numa tentativa de suicídio. Com os resultados apresentados, o autor conclui que mais estudos precisam ser realizados sobre tratamentos do TOC, inclusive a mistura de medicamentos para que os efeitos colaterais não sejam tão danosos aos pacientes e ajam somente sobre os sintomas do TOC.

Em psicanálise, o tratamento não cita o uso de medicamento ou outras formas de ações e se atém à psicoterapia. Neste tipo de trabalho, o tratamento deve superar as defesas do ego que se

manifestam, sobretudo, no discurso meticuloso que tenta desconstruir ou questionar o trabalho analítico e na dificuldade em relatar o que lhes sucede. Somente após esta superação é que o paciente terá condições de compreender suas ansiedades. (LIBERMAN, 1982)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo na infância e na adolescência ainda é um tema em franco desenvolvimento e muitos autores ainda divergem sobre a forma de diagnosticar e tratar a doença.

Sobre o diagnóstico, é necessário que cada vez mais sejam popularizados os conhecimentos em relação ao TOC e aos demais transtornos mentais, no sentido de fazer com que as pessoas comuns possam detectar precocemente os sintomas das patologias e iniciar o quanto antes um tratamento mais adequado. Tal popularização do conhecimento, obviamente, deve se atentar para não criar uma espécie de alarde exagerado contra qualquer comportamento que as pessoas possam julgar inadequado e classificá-lo como patológico. Pois geralmente são os familiares os primeiros a perceberem os sintomas dos transtornos mentais. Já os profissionais precisam ter o mesmo tipo de cuidado quanto ao diagnóstico no sentido de não iniciarem um tratamento medicamentoso, por exemplo, em um caso no qual outras formas de intervenções seriam o suficiente.

Por fim, o tratamento também carece de uma criteriosa avaliação diagnóstica no sentido de direcionar adequadamente as intervenções necessárias. Vê-se que a formação do profissional ainda influi na forma do tratamento. Enquanto alguns ainda apelam para o uso exclusivo do medicamento e medicamento com

psicoterapia, outros focam apenas a psicoterapia como intervenção necessária.

Como bem colocou Moraes (2002), é preciso que os profissionais se dediquem em mais estudos referente ao Transtorno Obsessivo-Compulsivo, no sentido de delimitar cada vez mais uma linha diagnóstica para uma adequada condução de orientação e tratamento.

## REFERÊNCIAS

CORDIOLI, A. V., *Vencendo o Transtorno Obsessivo-Compulsivo*. São Paulo: Artmed, 2004.

FREUD, S. (1895). Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 3.

FREUD, S. (1907). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 09.

GUEDES, M. L., (2001) *Relação família-paciente no transtorno obsessivo-compulsivo*. Tese de Doutorado - Escola Paulista de Medicina. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo. 2001.

LIBERMAN, D., *Psicopatologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

MORAES, C., *Psiquiatria na infância e na adolescência: O TOC infantil*. In: 7. Congresso Brasileiro de Psiquiatria Clínica, 2002, Campinas, SP. Anais.

ROSÁRIO-CAMPOS, M. C., *Peculiaridades do Transtorno Obsessivo-Compulsivo na infância e na adolescência*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, n. 23 (Supl II), p. 24-26, 2001.



FÁBIO CARDOSO  
DOS SANTOS

## A LEITURA DA TIRINHA: OS SENTIDOS E SUAS FUNÇÕES

### INTRODUÇÃO

Para levar o Professor e os possíveis leitores à reflexão de como a leitura da tirinha pode ser conduzida por outros ângulos, temos com este trabalho a intenção de discorrer sobre três níveis básicos de leitura no gênero: sensorial, emocional e racional.

Atualmente encontramos as tirinhas em variadas situações de leituras como frisou Silva (2012, p. 12), “em todo lugar, estão instauradas em jornais, revistas, na internet, nos livros didáticos e principalmente nos vestibulares, onde é testado, por meio delas, o poder de leitura e interpretação do candidato”.

De acordo com Silva (2012, p. 12), “seja para divertir, divulgar ou denunciar algo, as tirinhas despertam a atenção das crianças,

adolescentes e adultos em geral, pela grande semelhança com as histórias em quadrinhos, também conhecidas como HQs”. A autora ainda observa “que atualmente há uma gama de professores e pesquisadores carentes de respostas sobre a linguagem e leitura das tirinhas”.

O tema é bastante amplo e interessante, de extrema importância para a formação do professor, do educando e do cidadão para que exerçam a leitura na sociedade onde estão inseridos. Para seguirmos com a proposta recorremos a Lajolo na sua compreensão de que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. “É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (Lajolo, 1982, p. 59).

Segundo Geraldí (2011), é preciso reconhecer que a leitura é o estudo do texto, sendo esta a mais praticada em aulas de Língua Portuguesa e que precisam ser desenvolvidas diversas práticas de leituras pretendidas no texto.

Sentimos a necessidade de observar no estágio supervisionado realizado até aqui, que a maioria dos professores não adota uma perspectiva de leitura quando trabalha com as tirinhas. Assim, consideramos relevante investigar na perspectiva sensorial, emocional e racional, a leitura desta, pois esse gênero possibilita diversas perspectivas de leitura. Portanto, esta é a lacuna que este trabalho visa preencher.

Nessa afirmação nossa pesquisa pretende responder a seguinte questão: Será que é importante trabalhar com a tirinha na sala de aula na perspectiva da leitura sensorial, emocional e racional?. Ao longo da pesquisa responderemos a referida pergunta.

## 1 O ATO DE LER E OS SENTIDOS

De acordo com Martins (1982), o propósito para a compreensão da leitura é tentar por meio de uma abordagem despreziosa avaliar aspectos básicos do processo de leitura que implicam o ato de ler. Para ela:

O leitor, entretanto, pouco se detém no funcionamento do ato de ler, na intrincada trama de inter-relações que se estabelece. Todavia, propondo-se a pensá-lo, perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura, os quais são possíveis de visualizar como sensorial, emocional e racional. Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação do objeto lido (Martins, 1982, p. 36-37).

Nas palavras de Martins (1982) a leitura é dinâmica e se apresenta em três níveis inter-relacionados, como evidenciados acima, que visam experiências, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que essas leituras se inserem. A autora ainda aborda que percorrendo uma “feira, um bricabraque, um museu ou um antiquário, certamente saltam-nos as mais variadas sensações, emoções e pensamentos” (Martins, 1982, p. 37). Para ela, cada indivíduo reagirá a esses conjuntos de objetos de maneira diferente; existem alguns que, às vezes, não resistem à tentação de tocá-los, cheirá-los ou fazê-los funcionar.

A autora cita outros casos quando assumimos uma postura de reverência e encantamento diante de um objeto consagrado: “um manuscrito de autor notável, uma cadeira que pertenceu a alguém famoso, um original de quadro há muito admirado através de reproduções” (Martins, 1982, p. 37). Ocorrem também os momentos em que a autora afirma que se descobre pensando o porquê da existência de tais objetos, e quais são as intenções de sua criação, sua finalidade, o que de fato significaram para os seus criadores e

possuidores, como os objetos se relacionam com o momento histórico e social e o lugar em que foram criados, qual o seu sentido para mim e para o mundo em que vivo, afirma (Martins, 1982).

Passaremos agora a explicitar as leituras que são: sensorial, emocional e racional.

### 1.2 A LEITURA SENSORIAL

De acordo com Martins (1982), a leitura sensorial começa desde muito cedo e nos acompanha por toda a vida. Para ela “embora a aparente gratuidade do aspecto lúdico, do jogo e das imagens, bem como as cores, os materiais, os sons, e os cheiros, tudo isso incita o prazer” (1982, p. 40-41). A autora discorre sobre a leitura sensorial, vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não mesmo que inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações ou justificativas. Martins (1982, p. 42) afirma que antes de “ler um texto escrito, um livro é um objeto, tem forma, cor, textura, volume, cheiro, pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas”.

### 1.3 A LEITURA EMOCIONAL

A leitura emocional segundo Martins (1982) lida com os sentimentos que implicam necessariamente falta de objetividade, entretanto a autora enfatiza que para essa leitura é preciso levar em consideração o subjetivismo. Nas palavras da autora, enfatiza que: “No terreno das emoções as coisas ficam ininteligíveis, escapam ao controle do leitor, que se vê envolvido por verdadeiras armadilhas trançadas no seu inconsciente” (Martins, 1982, p. 48). Ela ainda afirma que “essa leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer” (1982, p. 48-49). Porém, essa leitura poderia ser mais valorizada.

De acordo com a autora (1982), na leitura emocional emerge a empatia, que nas palavras dela é: “tendência de sentir o que sentiria caso estivessemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção”. Entretanto, para ela uma criança não só é mais receptiva como mais espontânea quanto a manifestar emoções, revelando então a empatia de modo exacerbado. Segundo Martins (1982, p. 52), “A criança tende a ter maior disponibilidade que o adulto pelo simples fato de, em princípio, tudo lhe ser novo e desconhecido e ela precisar conhecer o mais possível a fim de aprender a conviver com esse mundo”.

Martins (1982, p. 52-53), propõe que nós pensemos o texto menos como objeto, e percebamos o texto como um acontecimento, algo que de fato acontece ao leitor. Principalmente porque na leitura emocional não importa perguntarmos sobre o seu aspecto, sobre o que certo texto trata, em que ele consiste, mas sim o que ele faz, o que provoca em nós e na sociedade em que ele está inserido.

A autora discorre sobre a leitura emocional na vida das classes sociais para as quais seriam dirigidos fotonovelas, telenovelas, programas de rádio e TV tipo mundo-cão e afirma que: “De fato, uma leitura mesmo que superficial revela muitos quadros intimamente ligados às frustrações e angústias de cada leitor, vindo também ao encontro de suas fantasias mais comuns”. E,

Diante das desgraças presenciadas através do vídeo, ouvidas pelo rádio ou lidas nos jornais e revistas, tende a desenvolver-se no leitor um processo catártico: se as suas agruras são tantas, há piores... Por outro lado, há sempre algo que alimenta a ilusão de se conseguir, como na novela, “tirar o pé do barro”, num golpe de sorte: um amor rico, uma herança, uma alma generosa... (Martins, 1982, p. 56):

Para a autora a importância da leitura emocional não está somente vinculada no âmbito individual, mas no das relações sociais, aqui a autora nos convida para a necessidade de darmos mais atenção às questões da sociedade. Martins (1982) enfatiza que a leitura emocional não pode conotar desprezo, ao contrário, deveria levar a uma aprofundada leitura que se origina da realidade. Portanto, a autora enfatiza que a convivência, senão a conveniência social e política, principalmente nos centros urbanos, nos leva a expressar emoções dissimuladas e nos vai transformando em joguetes de nossas racionalizações, porém essa leitura deveria se fazer no sentido contrário ao que de fato sentimos com base na sociedade real a que pertencemos.

#### 1.4 A LEITURA RACIONAL

Segundo Martins (1982), a leitura racional possui um “caráter eminentemente reflexivo, dialético”. A percepção do texto é dada ao leitor pela observação de sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto estabelecendo assim, um diálogo entre texto e leitor com o contexto no qual a leitura se realiza ao mesmo tempo em que o leitor se distancia de si, e se aproxima do texto lido em busca da realidade do texto. A autora ainda enfatiza que “o processo de leitura é permanentemente atualizado e referenciado no texto” (Martins 1982, p. 66). A autora afirma que:

*Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais* (Martins, 1982, p. 66).

Martins salienta que a leitura racional “não é importante por ser racional, mas por aquilo que seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social” (Martins, 1982, p. 66).

A autora esclarece que o leitor não estuda efetivamente o texto como um todo, como expressão de uma visão de mundo quando, frequentemente confunde “a leitura racional com a investigação pura e simples do arcabouço formal de um texto, com o exame de sua estrutura interna enquanto sistema de relações entre as partes que o compõem”. O leitor ao realizar desse modo o estudo do “texto em si”, elimina a dinâmica da relação leitor-texto-contexto, limitando consideravelmente uma compreensão maior do objeto lido (Martins, 1982, p. 70).

Segundo Martins (1982) existe o chamado distanciamento crítico, característico da leitura racional que induz a disposição sensorial e o envolvimento emocional a cederem espaço à prontidão para o questionamento. Porém, para a autora (1982), enquanto a leitura racional permite conhecer o texto familiarmente sem apenas senti-lo, na relação do leitor com o texto, se observa a tendência de acentuar o que é verificável ocasionalmente nesse texto, a partir do vivido no decorrer da leitura sensorial e/ou emocional.

Martins (1982) afirma acerca de como se constrói o sentido ou sentidos no texto, segundo ela “partindo do pressuposto de que nada é gratuito num texto, tudo tem sentido, é fruto de uma intenção consciente ou inconsciente, importa, e muito, na leitura racional captarmos” tal construção. Para tanto, verificaremos a seguir como essas leituras estão impressas nas tirinhas de Quino.

### 1.5 A TIRINHA DE QUINO NA PERSPECTIVA DE MARTINS (1982)

Com base no estudo das leituras sensorial, emocional e racional já abordado acima sob a ótica de Martins (1982), e a nossa constatação na observação do uso das tirinhas em sala de aula em outras perspectivas de leitura, que não é o foco da nossa pesquisa, percebemos que a tirinha é utilizada como pretexto para o ensino de gramática em atividades de Língua Portuguesa. Sentimos a necessidade de elencar outras leituras possíveis de se realizar com a tirinha na sala de aula. Escolhemos a tirinha de Quino para verificar se ela pode ser trabalhada na perspectiva citada acima, a fim de que o Professor consiga trabalhar tanto no Ensino Fundamental II e no Médio de maneira significativa. Segue a tirinha selecionada abaixo:



Figura 1 – Tirinha de Quino Fonte: Disponível em: <http://www.gcn.net.br/gcnblogs/jornalescola/?p=2244>. Acesso em: 21 de nov. 2013.

Na tirinha acima temos quatro quadrinhos na sua estrutura composicional, temos também as personagens Mafalda e sua amiga Susanita que compõem o cenário da tirinha. No primeiro quadrinho percebemos na fala de Susanita quando diz: “QUANDO EU

CRESCER QUERO TER MUITOS VESTIDOS!”, e Mafalda responde: “E EU MUITA CULTURA!”, de acordo Martins (1982), percebemos que no primeiro quadrinho há a leitura sensorial como afirma a autora, essa leitura começa muito cedo e nos acompanha por toda vida. Para ela o jogo das imagens e cores, dos materiais, dos sons, dos cheiros incita o prazer, a busca do que agrada (Martins, 1982, p. 40-41). A autora discorre sobre a leitura sensorial; vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo que inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações ou justificativas. Como é caso de Susanita quando enfatiza a necessidade de ter muitos vestidos quando crescer, pois provavelmente ela faz leituras do mundo em que ela está mergulhada, que é o de consumo. Diferente de Mafalda que enfatiza que quando crescer quer ter “cultura”, pois provavelmente é a leitura sensorial que ela percebe do mundo no qual ela está inserida.

No segundo e terceiro quadrinhos nós temos uma leitura racional que, segundo Martins (1982), tem um “caráter eminentemente reflexivo, dialético”. A percepção do texto é dada ao leitor pela observação de sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo assim, um diálogo entre texto e leitor com o contexto no qual a leitura se realiza ao mesmo tempo em que o leitor se distancia de si e se aproxima do texto lido em busca da realidade do texto. A autora ainda enfatiza que “o processo de leitura é permanentemente atualizado e referenciado no texto” (Martins, 1982, p. 66).

Como percebemos na fala de Susanita quando diz: “SE VOCÊ SAIR NA RUA SEM CULTURA, A POLÍCIA TE PRENDE?”, e Mafalda responde: “NÃO”. Aqui percebemos que Susanita percebe o mundo dentro de uma leitura racional, pois ela conhece as normas de convivência em sociedade e, por essa razão diz a Mafalda sobre sair na rua sem cultura, contudo é evidente que

ninguém é preso tendo cultura ou não dentro da realidade social do homem. E, Mafalda, por sua vez, também, conhece as regras de convivência da sociedade.

No terceiro quadrinho Susanita diz: “EXPERIMENTA SAIR SEM VESTIDO”. Nessa passagem percebemos que a leitura racional se evidencia por meio da fala de Susanita, pois ela conhece as regras de convivência social, fazendo valer a leitura racional no contexto da tirinha.

No último quadrinho percebemos a leitura emocional que segundo Martins (1982), “uma criança não só é mais receptiva como mais espontânea quanto a manifestar emoções, revelando então a empatia de modo exacerbado”. Segundo Martins (1982, p. 52), “A criança tende a ter maior disponibilidade que o adulto pelo simples fato de, em princípio, tudo lhe ser novo e desconhecido e ela precisar conhecer o mais possível a fim de aprender a conviver com esse mundo”. Como é o caso quando Mafalda diz: “É TRISTE TER QUE BATER EM ALGUÉM QUE TEM RAZÃO!”, pois, Mafalda apesar de ser uma criança já conhece o mundo dos adultos, fica decepcionada com a fala da Susanita e externa sua indignação, levando a postura agressiva quando bate em sua amiga, externando assim, a leitura emocional.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possíveis leituras do gênero tirinha, feitas nessa pesquisa, estão longe de ser uma classificação rígida e imutável; ao contrário, a tirinha tem um grande potencial para ser explorado sob diversos ângulos de leitura. Temos ciência de que o que foi exposto aqui não esgota o assunto, por mais detalhada que procurou ser sua apresentação. São muitas as características que o gênero tirinha

engloba, porém nos limitamos apenas nas características encontradas na tirinha da personagem Mafalda, de Quino. A proposta foi mostrar as tendências de produção e recepção do gênero tirinha de modo a facilitar sua identificação e, principalmente, sua leitura sensorial, emocional e racional.

É importante que o leitor perceba que todo texto tem algo mais a dizer do que o que está posto na sua estrutura interna, que o texto está imbuído de emoções, sentidos, experiências pessoais, de intenções, influências de contexto e histórias. É o que percebemos na nossa análise. Entretanto, lemos tudo o que nos rodeia, levando em consideração os aspectos realmente relevantes para a elaboração do verdadeiro intelecto que não menospreza nenhum desses três níveis básicos de leitura. Contudo a autora afirma que:

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais (Martins, 1982, p. 66).

Com o respaldo da pesquisa sobre as leituras citadas e a importância dessas, para que o leitor possa se posicionar na sociedade de forma racional, podemos afirmar que o tema é de extrema relevância para a formação do indivíduo, pois tanto a leitura racional soma-se à sensorial para que as três juntas deem condições para que a tirinha seja de uma perspectiva mais significativa, a fim de perceber o texto e também o contexto da tirinha e da sociedade em que indivíduo está inserido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1982.

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Jéssica da. *As tirinhas de Quino: Um olhar crítico para o gênero*. Trabalho de Conclusão de Curso no Centro Universitário Metropolitano de São Paulo, 2012.

<http://www.gcn.net.br/gcnblogs/jornalescola/?p=2244>



FERNANDO CANTO  
BERZAGHI

## “QUE FOI O PROJETO “FÊNIX CULTURAL?”

### INTRODUÇÃO

#### RESUMO HISTÓRICO DO EVENTO

O “Projeto “Fênix Cultural”, defendido por Fernando Canto Berzaghi na conferência distrital de Águas de Lindoia, no exercício rotário 78 - 79 do Rotary Clube de Guarulhos - Vila Galvão, deu origem ao Complexo Cultural do lago na Vila Galvão”, município e comarca de Guarulhos.

II - História e fundação do Centro Cultural João Cavaleiro Salém - lago da Vila Galvão, na praça Cícero Miranda s/n.

III - História e fundação do Centro Permanente de Artes no lago de Vila Galvão-na praça Cícero Miranda s/n.

IV - O Processo de tombamento legal e compulsório do Complexo Cultural do Lago dos Patos.

### COMO TUDO COMEÇOU?

Tudo começou com o Projeto “Fênix Cultural” de nossa autoria, defendido por nós na Conferência Distrital do Rotary Internacional, em Águas de Lindoia. Esse projeto à semelhança da “Fênix” buscava o Renascer das cinzas: a Arte, a Cultura, o Esporte e o Lazer em Guarulhos, especialmente no bairro de Vila Galvão, com foco no Lago de Vila Galvão, também conhecido como “Lago dos Patos” e seu entorno.

A inspiração veio do antigo educandário denominado “Liceu Brasil”, instalado nas dependências dos prédios remanescentes da antiga Fazenda Cabuçu.

Por ser um local muito aprazível, o antigo “Parque Balneário da Vila Galvão” serviu por muitos anos como parte do Roteiro Turístico do Estado de São Paulo, com projeção nacional.

### II - HISTÓRIA E FUNDAÇÃO DO CENTRO CULTURAL JOÃO CAVALHEIRO SALÉM - LAGO DA VILA GALVÃO - NA PRAÇA CÍCERO MIRANDA

Consta dos anais da História, que nos seus tempos áureos a antiga sede da fazenda Cabuçu, naquele sítio, recebeu visitas ilustres como as do Conde Prates e do próprio D. Pedro II.

Enquanto aluno, no decantado Colégio que ali funcionava, o querido “Liceu Brasil”, cujo garboso uniforme era verde e branco,

tivemos a honra de ter como mestre, dentre outros, o próprio Diretor do colégio: prof. Homero Rubens de Sá, sua digníssima esposa, a professora Wanda Mascagni de Sá, nossa professora de Língua Portuguesa e que muito contribuiu para despertar em nós o gosto pelas letras e pela frase portuguesa. Outra figura marcante foi Néfi Tales, nosso professor de História.

Como aluno desse tradicional educandário tivemos a honra de privar de amizades ilustres, como a do famoso ator global, Claudio Marzo, da Ex. Secretária da Justiça de Guarulhos: Dra. Miriam Freire, do artista plástico: Aurisnede Pires Stephan, cognominado Edy: professor da UNG, do empresário Dagner Geraldo Corrêa Turri, presidente da Santa Casa de Guarulhos, etc.

Já com relação ao professor Néfi Tales, tivemos uma grande amizade, que nasceu da relação aluno-professor e depois se intensificou, quando lecionamos Literatura na antiga Escola Normal do tradicional IECC, Instituto de Educação Conselheiro Crispiniano de Guarulhos, onde ele era Diretor.

Na política, o professor Néfi, como era chamado teve rápida ascensão, elegendo-se vereador, depois prefeito de Guarulhos.

Então, como ex-aluno e frequentador do Lago. E, ao fazê-lo constatamos que aquele verdadeiro “Jardim Encantado”, que era o “Liceu Brasil” se transformara num local de destruição, de ruínas, e refúgio de bandidos, servindo de banheiro, de ponto de distribuição, uso de drogas, de prostituição, etc.

Foi diante desse quadro dantesco que resolvemos agir. Fomos até o nosso ex. professor do Liceu Brasil e prefeito, requerendo providências no sentido de preservar aquele precioso sítio cultural e histórico para a cidade.

Nessa altura já membro do Rotary Club de Guarulhos - Vila Galvão, ocupamos o cargo de Diretor da Avenida de Serviços à Comunidade e depois a presidência do clube, no exercício 78-79.

Diante desse quadro de degradação por que passava o nosso “Liceu Brasil” é que resolvemos requerer a restauração do que havia sobrado do “Liceu Brasil” e transformá-lo num Centro Cultural, que acabou resultando no Processo 77 – 78 do prefeito Néfi Tales e culminou na criação e instalação do “Centro Cultural João Cavalheiro Salém”, justa homenagem ao querido professor Salém, nosso colega no IECC, e no festejado “Colégio Claretiano de Guarulhos.”.

Nosso objetivo, quando idealizamos esse Centro de Cultura, era associar esporte e lazer à cultura, ou seja, enquanto as pessoas caminhavam, poderiam participar de uma exposição de arte, assistir a um espetáculo de teatro, a uma palestra, consultar um bom livro, apreciar a natureza ali existente, observar aves e animais, além, é claro, de cooperar para com a preservação de um Ecossistema maravilhoso que é o Lago, o Estádio Cícero Miranda, o Centro Cultural, o Centro Permanente de Artes e seu entorno.

A criação e instalação do Complexo Cultural da Vila Galvão foi um bom começo, por servir a população de Guarulhos em geral e a de Vila Galvão em particular.

### III - DO CENTRO PERMANENTE DE ARTES

No setor cultural, nossa gestão, enquanto Diretor da Avenida de Serviços à Comunidade e depois enquanto Secretário da Educação, Esporte e Turismo foi muito abençoada, pois tivemos a oportunidade defender a Criação do Complexo Cultural “João Cavalheiro Salém” e depois como Secretário, já em 1982, a Criação

do Centro Permanente de Artes”, as novas instalações da AGL, “Academia Guarulhense de Letras” e Biblioteca em 11 de agosto de 1982, em nova etapa de sua feliz existência.

A inauguração do Centro se deu no glorioso 11 de agosto de 1982 e contou com numeroso público que lotou as dependências do Centro. Contou com a presença do Judiciário, do Legislativo, da Educação, das entidades representativas da Cultura, do Prefeito Municipal de Guarulhos, Doutor Rafael Rodrigues Filho, do Doutor Antônio Filardi Luiz, Juiz de Direito da Comarca, etc.

O Centro Permanente de Artes contou já por ocasião de sua inauguração com um acervo inicial de 32 obras de artistas guarulhenses e com a presença de mais 164 alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que prestigiaram o evento histórico para a cidade.

“Foi, sem dúvida, um grande momento para a Arte e a Cultura em Guarulhos a criação e instalação do Centro Permanente de Artes”; a nova sede da AGL, Academia Guarulhense de Letras e Biblioteca inaugurados por nós e pelo prefeito Dr. Rafael Rodrigues Filho, no dia da fundação dos cursos jurídicos no Brasil, dia 11 de agosto de 1982.

De fato, assim que apresentamos o projeto “Fênix Cultural”, com sugestão para instalação desse importante Centro permanente de Artes, o prefeito em exercício, Rafael Rodrigues Filho, homem prático e de grande visão pública, o aprovou de imediato...

Daí, nós nos pusemos a trabalhar no sentido de viabilizar a obra.

Nesse sentido, destinamos o antigo mobiliário que estava disponível na Biblioteca “Monteiro Lobato” de Guarulhos.

Para decorar devidamente o Centro e criar um espaço adequado para uso dos artistas de Guarulhos e de outras regiões, recorreremos à empresa “Lustres Santa Maria”, que gentilmente ofereceu os móveis e toda decoração do espaço.

Fomos muito abençoados no setor cultural naquele ano. A colheita foi sazoadada.

O trabalho foi feito exatamente com o objetivo de preservar o Ecossistema, um verdadeiro oásis dentre a selva de pedra de um sítio que traz consigo a história e as tradições de nossa cidade, que remontam ao antigo “Parque Balneário da Vila Galvão”, conhecido no âmbito estadual e até mesmo nacional.

#### IV - O PROCESSO DE TOMBAMENTO LEGAL E COMPULSÓRIO DO COMPLEXO CULTURAL DO LAGO DOS PATOS.

Outra vitória recente da Arte, Cultura, Esporte e Lazer foi a aprovação de nosso requerimento e Relatório à Prefeitura de Guarulhos para o competente Tombamento Legal e Compulsório do Complexo Cultural do Lago dos Patos, na Praça Dr. Cícero Miranda.

Ouvindo o Prefeito de Guarulhos, o Processo voltou ao Egrégio Conselho do Patrimônio Histórico de Guarulhos, do qual fazemos parte como membro efetivo, representando a augusta AGL - Academia Guarulhense de Letras - para análise e deliberação. E, em votação feita pelo mesmo, foi aprovada por unanimidade de votos.

Assim aprovado, o tombamento desse importante sítio cultural e ambiental fica o mesmo protegido da ação predatória, da especulação imobiliária, da devastação do Verde, do Bioma ali existente, dos Ecossistemas, do Meio Ambiente, etc.

Essa foi realmente uma grande vitória da Arte, da Cultura, Esporte e Lazer para a laboriosa população de Guarulhos.

Resta-nos agora, juntamente com a Sociedade Civil Organizada e o zeloso Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Guarulhos, mais a AGL Academia Guarulhense de Letras, fazer gestões junto aos órgãos competentes no sentido de preservar e proteger esse precioso Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Guarulhos.

Em síntese, o Movimento Cultural desencadeado por nós visou e visa a valorizar a cultura, a arte, a ciência, a filosofia, ensinamentos morais, estética numa visão multidisciplinar e transversal, através de interfaces comunicantes, sempre em busca da promoção humana e na busca da tão sonhada paz urbana...

Por derradeiro, é importante lembrar que ganhamos para nossa cidade em geral e para nossa Vila Galvão em particular esse importante nicho de vida, cultura, lazer e história com a criação e instalação dos centros culturais.

#### FERNANDO CANTO BERZAGHI

Autor e mentor do projeto denominado “Fênix Cultural”, que foi apresentado e aprovado na Conferência Distrital de Rotary Internacional, em Águas de Lindoia, no Exercício Rotário 78-79 – Rotary Club de Guarulhos-Vila Galvão- propondo a Criação e Instalação do Complexo Cultural da Vila Galvão – “Lago Dos Patos.”.

Membro efetivo da AGL - Academia Guarulhense de Letras-Cadeira de nº 32 -, cujo patrono é o ilustre Prof. Dr. Adolfo Vasconcelos Noronha.



ISABEL BORAZANIAN

## POEMAS

### DESEJOS DIVERSOS

O retrato que eu vejo  
não é o desejo  
do que eu quero para mim  
Abraço meus versos  
me viro no inverso  
de desejos diversos  
que fluem sem fim  
Eu canto a certeza  
da vida que é incerta  
que prende e liberta  
sentimentos diversos  
que habitam em mim  
Sentimentos diversos  
que abraçam meus versos  
em desejos diversos  
nos começos, nos meios e nos fins...

## ENCONTROS

Não saberia dizer  
da força do acaso  
que embala os encontros  
de almas amigas  
que encontram guarida  
ao se conhecerem

São tantos os mistérios  
da vida que segue  
dos sentimentos que elegendem  
o caminho a seguir

## A MÚSICA...

A música...  
É trilha sonora de momentos  
é registro de sentimentos  
que permeiam nossas vidas  
que traduzem nossas almas  
que nos agita e acalma  
no mistério que é a vida

A música invade a alma  
percorre o corpo  
desperta sentimentos  
passeia pelos sentidos  
faz sonhar...  
faz refletir...  
faz chorar...  
faz sorrir...  
faz dançar...  
faz dormir...  
faz cantar...  
faz recordar...  
faz fluir...

A música...  
É trilha sonora de momentos  
é registro de sentimentos  
que permeiam nossas vidas  
que traduzem nossas almas  
que nos agita e acalma  
no mistério que é a vida

## VIAGEM

A atmosfera acaricia meu querer  
 Beijos que na boca brincam  
 Cadenciados, deliciosos, matreiros  
 Doce sabor desencadeando sensações  
 Emaranhado de emoções que me fazem dançar no leito  
 Fito seus olhos e me agarro em seu peito  
 Gingo no espaço sem sair do lugar  
 Homem feroso me atíça pra amar  
 Implode em meu corpo tamanha energia  
 Já sinto que sabe que é minha alegria  
 Leve, sua mão no meu corpo caminha  
 Meu corpo se esquece e o amor se aninha  
 Navego nas ondas das emoções  
 Ouvindo e dizendo das sensações  
 Peito ofegante, olhar rodopia  
 Quanta harmonia nesta melodia!  
 Ritmo, compasso, cadência, emoção...  
 Suave, selvagem sinto a canção  
 Tempo sem hora, hora sem tempo  
 Um flash de luzes brilhou no momento  
 Viagem de êxtase, prazer e calor  
 Xantungue dourado  
 Zênite do amor.

## QUERÊNCIA

Quero a luz branqueando minh'alma  
 avivando minha calma  
 acariciando meu querer  
 Quero que a paz tão desejada  
 se traduza em meus caminhos  
 e por onde passar  
 possa lançar carinhos  
 e sensações de bem-querer  
 Meu querer se estremece  
 cresce, cresce...  
 Tem uma sede que parece  
 que nunca terá fim  
 Meu estar é muito mais  
 muito mais do que estar  
 Ele vaga, rodopia, gira  
 faz euforia e esbarra no amar

## SONHOS

Sonhos não são utopias  
 São alimentos pra alma  
 Que brandamente a realidade acalma.  
 Em esperanças de um novo dia  
 Sonho com a paz do planeta  
 Observo as estrelas através da luneta  
 E percebo quão vasto é o Universo  
 Que infinitas são as emoções  
 Sentindo que os sonhos não são utopias  
 Vibra em meu ser tamanha alegria  
 Corro na chuva de braços abertos  
 E o meu riso liberto se expande no ar  
 Corro, brinco, faço folia  
 E o dia chega em euforia  
 O sol aparece, já se fez dia  
 E eu nem dormi!  
 Como posso acordar?

## POR SENTIR

A sensibilidade me agarrou  
 dando voltas na minha mente  
 e me senti impotente diante da situação  
 A sensibilidade não quis adormecer  
 pois a querência de um tempo sincero e justo  
 marchou na frente, fincou bandeira  
 fazendo-se presente no tempo, no espaço, no ar  
 A sensibilidade mora nos meus poros  
 Onde o choque se faz  
 e arregança minha falsa estabilidade  
 revirando meu coração, feito furacão  
 Um gosto de nada remexe tudo  
 a perplexidade desencadeia meu equilíbrio  
 a realidade é pesada e fria  
 os sonhos se tornam utópicos e escassos  
 pois a serpente do abandono  
 passeia por entre os contornos do meu país  
 E cansado de fome  
 o menino magrinho  
 sentou de mansinho  
 na beira da estrada  
 e nunca mais acordou...

## CALÇA LEE DESBOTADA

Existi num tempo  
 de calça Lee desbotada  
 Resisti ao tempo  
 de calça Lee desbotada  
 o cigarro Minister  
 a vontade Hollywood  
 Resisti no tempo  
 de calça Lee desbotada  
 Me vesti no tempo  
 me engrandeci no tempo  
 me arranhei no tempo  
 de calça Lee desbotada  
 Amassei barro  
 li revista em quadrinhos  
 me falaram em desenhos  
 me amassaram em despromessas  
 me encontrei no tempo  
 de calça Lee desbotada  
 Vi gente de saia florida  
 chinelo, sapato colorido  
 Vi mãos marcadas  
 de um tempo de arte  
 Na face  
 a expressão continha espanto de descoberta  
 Na reta encontrava-me  
 e na curva me deitava pra poder respirar  
 Vivi num tempo  
 de calça Lee desbotada

Me contaram que novidade do novo era velha  
 que o velho era novo  
 no meu tempo de calça Lee desbotada  
 Da coca pro café  
 da pipoca pro chicle  
 amei o tempo em que vivi  
 de calça Lee desbotada  
 Me despiram da realidade em que vivia  
 e me mostrei nua e verdadeira em essência  
 e me aceitei como era, como sou...  
 Riam de mim quando aparecia  
 com o casaco até os pés  
 os cintos coloridos  
 a sacola de lona judiada  
 e me acreditaram quando falei de versos  
 quando cantei poemas  
 e quando me declarei como era  
 sem ter declarado a mim mesma  
 Me acreditei...  
 Me delíciei...  
 fazendo as coisas que fiz  
 e dizendo que tudo era bom  
 E que o sufoco de tudo valia  
 e quando pude retratar em tela  
 o sabor vermelho  
 o sabor da vida  
 que aflorou das minhas mãos  
 Criar  
 Criando  
 Me criando

na arte, da arte, com arte...  
Me declaro artista  
sem pretensão  
mas com a certeza da arte  
que envolve este mundo  
A arte de cantar hinos  
a arte de amar  
e de dizer um palavrão  
tudo sem censura, sem premeditação  
mas espontâneo  
como o riso, o choro  
como o bater de asas  
Eu existo no tempo  
de calça Lee desbotada  
fumando Hollywood, tomando café  
comendo pipoca, mascando chiclé  
Eu ainda existo no tempo  
e me disseram que o tempo é meu  
se o que fui é o que sou  
e o que sou é o que serei  
então, o tempo ainda é meu  
pois o que fui reflete no que sou  
e o que sou, no que serei  
Eu ainda existo no tempo  
ainda me ditam na face verdades  
ainda sonho, ainda sinto  
ainda existo e serei do tempo  
mesmo quando não mais existir  
Volto em imagens passadas  
o espaço sentido

a entrega do corpo e da alma  
e os entalhes vigoram dentro de mim  
Não mais me anarquizo no tempo  
Sinto paixão...  
sinto respeito e carinho  
por tudo que me deixaram  
por tudo que deixei  
Volto, e me encontro na escadaria  
do espaço em que aprendi a acreditar na arte  
me encontrando, me lembrando...  
e posso dizer que voltei  
não de calça Lee desbotada  
mas com a liberdade da vida  
na palma da minha mão.

## ENTREGA

Zumbe o som  
 Chiados, recados  
 O ônibus passa e apita sua melodia  
 É dia!  
 A altivez cristalina me espia  
 É dia?  
 Que dia?  
 O som sai correndo  
 Criando uma dança  
 Dançam no ar as emoções  
 Enlaçada na trança das sensações  
 Sinto leveza e alegria  
 Bailar, deixar-se levar nesta louca melodia  
 Não! Não? Não! Não?  
 Sim! Sim? Sim! Sim?  
 Não! Sim? Sim! Não?  
 Não... Sim... Não... Sim...  
 Quero dançar!  
 A música branda se faz  
 Arvoredo do medo foi embora  
 A viagem dos sonhos o arrebatou  
 E fui rodando, entrando na dança  
 Leve e solta feito criança  
 Flashs de sonhos desencadearam meu querer  
 Corri na memória e encontrei você  
 Em plumas suaves se fez o meu corpo  
 Senti na minha boca  
 Teu beijo, teu gosto...

## CORRAM, CRIANÇAS... CORRAM!

Corram, crianças... corram!  
 Perfurem o espaço  
 adentrem as avenidas  
 espalhem pensamentos coloridos  
 nos desenganos da lucidez  
 Corram, crianças... corram!  
 Venham ver o sol  
 que vem chegando de mansinho  
 fazendo charminho, dourando momentos  
 pra poder despertar  
 Corram, crianças... corram!  
 Contem verdades de amor  
 ao ouvido do vento  
 pois em fração de momentos  
 ele as espalhará  
 Corram, crianças... corram!  
 Vivam e existam a pureza real da infância  
 pois, um dia, a mesma será lembrança  
 ficará registrada na memória  
 pra nunca mais soltar  
 Corram, crianças... corram!  
 A natureza está sendo ferida  
 está se perdendo...  
 girando com a vida  
 Corram, crianças... corram!  
 Quem sabe? Ainda encontrem algum campinho  
 com pé de mamona, moranguinhos  
 capim peludinho, maria-pretinha

erva-doce docinha, florzinhas do mato  
 mato verdinho, barro coloridinho  
 canto de passarinho, vento suave e fresquinho  
 pra avivar e ativar a imaginação  
 Corram, crianças... corram!  
 Protestem! A imaginação está falindo  
 a máquina vem surgindo  
 roubando suas possíveis descobertas  
 engolindo sentimentos...  
 robotizando ações  
 Corram, crianças... corram!  
 ... o pique, a amarelinha, a mãe-da-lata  
 o trepa-trepa, o pula-corda, a mão-na-mula  
 balança-caixão, boca-de-forno  
 o-gato-e-o-rato, coelhinho-sai-da-toca  
 os brinquedos improvisados...  
 a ciranda-cirandinha, as bolinhas de gude  
 a peteca, as brincadeiras de casinha  
 a perna-de-lata, levanta-figurinhas  
 as acrobacias do pião...  
 estão sumindo da história  
 estão se perdendo com o tempo  
 esperando salvação  
 Corram, crianças... corram!  
 Corram! Tentem deter  
 se ponham a correr  
 pois os pássaros acesos na praça  
 intencionam acenar  
 seu último ADEUS  
 Corram, crianças... CORRAM!

## ENCONTRO

O Amor ampara meus sentidos  
 Traduzindo com magia  
 o aconchego e o bem-querer

A Arte ampara minhas cores  
 Traduzindo em verdades  
 a minha essência de ser

Na liberdade sincera  
 onde o encontro é real  
 A Arte encontra o Amor  
 O Amor encontra a Arte  
 E não existe final...



IVO DE SOUZA

## AMOR AOS ANIMAIS

### A CALOPSITA E O VAQUEIRO

Eu e Annabel estávamos envolvidos na reforma da cozinha e do banheiro de nossa casa quando recebemos e aceitamos o convite para passar uns dias na fazenda de amigos a vinte quilômetros de um povoado ao norte de Minas Gerais. Estávamos na praia a mil e duzentos quilômetros da fazenda. Na manhã de sábado seguimos para o nosso destino no carro de nossos anfitriões. Fizemos uma parada estratégica em Adamantina para dormir e conhecer aquela cidade histórica. Ao contrário da praia, onde chovia quase toda tarde por conta do sol escaldante daquele inverno seco, na fazenda não chovia havia muito tempo e, durante o dia, fazia um calor intolerável, naquele sertão semi-árido. À noite, entretanto, a temperatura caía consideravelmente e amanhecia com o termômetro marcando quatorze graus. Rajadas de vento que desciam da Serra do Espinhaço deixavam a sensação térmica ainda menor, ao ponto de ter que usar cobertores durante a madrugada.

Na semana combinada para o retorno, a ansiedade começou a tomar conta de nós. Na manhã de quarta-feira, ocorreu um fato interessante, digno deste registro. O doutor Vander demonstrando sua calma peculiar, levantou-se em seu horário habitual, montou em seu cavalo para o costureiro galope matinal. Tudo corria normalmente. Annabel levantou-se e logo a seguir foi preparar o café da manhã. Admirando a beleza bucólica da Serra do Espinhaço, chegou à varanda grill e percebeu que a calopsita estava fora da gaiola. Aflita, voltou para a cozinha e gritou:

- Dália, o passarinho de seu marido está fora da gaiola. Dália, que ainda estava no quarto, deu uma gargalhada e respondeu:

- Meu marido é muito respeitoso, não sai por aí com o passarinho de fora.

- Não é disto que estou falando, redarguiu Annabel. Estou falando da calopsita.

Dália rebateu dizendo:

- A calopsita é muito jovem ainda e está numa gaiola metálica, não tem como escapar.

- Então alguém a soltou, continuou Annabel, ela está fora da gaiola.

A gaiola passou a noite no espaço gourmet. Um espaço com cobertura e fechado em três lados por paredes e um lado aberto, com quatro metros de largura. Annabel insistiu preocupada, com a possível fuga do pássaro. Devido a tanta insistência de Annabel, Dália pulou da cama vestida numa camisola de seda marroquina, com sete cores, lembrando os sete véus de uma dançarina do ventre, e ficou estarecida e ao mesmo tempo confusa, ao confirmar que a gaiola estava vazia. Chorando compulsivamente, Dália saiu correndo em direção ao curral, em busca dos vaqueiros para ajudá-la. A pele

branca de suas coxas contrastava com a terra vermelha daquele chão. O vento em seu cabelo longo e o brilho de sua camisola lembravam cenas de filmes hollywoodianos da década de quarenta. Enquanto Dália corria ao encontro dos vaqueiros, pedi a Annabel que pegasse na cama dois lençóis de casal para fechar a entrada da varanda gourmet. Apesar de minha deficiência visual, consegui prender o primeiro lençol na calha do telhado com prendedores de roupa. Antes que eu prendesse o segundo lençol, Dália retornou acompanhada dos vaqueiros Geraldino e Ismael, enquanto Niquelo saiu em busca do doutor Vander. A calopsita, alheia a nossas preocupações, já havia feito seu primeiro voo. Estava pousada entre a parede e o telhado, próximo ao caibro.

Ismael assumiu o trabalho de prender o segundo lençol. Ao invés de usar os pregadores, amarrou uma das pontas no tubo de queda da calha e a outra ponta no lençol que eu havia prendido, deixando um vazio no meio. Enquanto isso, Geraldino tentou pegar o pássaro enfiando a mão pelo beiral, mas não conseguiu alcançá-lo. A calopsita voou, bateu no primeiro lençol e voltou ao centro da varanda. Geraldino e Ismael entraram no salão da churrasqueira para tentar pegá-la, mas não conseguiram. Cada vez que eles se aproximavam, ela voava e escapava. Voou até aproximar-se do telhado, girando, girando, até conseguir achar o vazio deixado pelo lençol e se sentir livre. Neste momento, Dália entrou em pânico novamente e chorava copiosamente. Até soluçava ao ver sua calopsita voando rumo à liberdade. Sua liberdade porém foi interrompida por um grupo de gaviões que pareciam estar a sua espera. Ouvia-se o guinchar dos gaviões e, sob o som de pinhé..., pinhé..., pinhé..., um deles deu um voo rasante e pegou a calopsita. Os vaqueiros, que correram pelo cerrado, acompanhando o voo sem destino da calopsita, viram quando ela foi agarrada e aos gritos de pegou..., pegou..., assustaram os gaviões que acabaram soltando

a calopsita. A calopsita, que era muito jovem e sem experiência de vida, estava desorientada, mantinha-se parada, às vezes caminhando no chão, em busca de uma moita para se proteger. O vaqueiro Geraldino, usando de seu conhecimento, no momento em que a calopsita parou, lançou seu chapéu como quem joga um laço para prender um garrote ou um potro valente e, certamente, cobriu a calopsita. Os gaviões, como formas de protesto contra os vaqueiros, guincharam ruidosamente sobre suas cabeças com voos rasantes como se quisessem levá-los no lugar da calopsita. Cansados da corrida e dos gritos que deram, os vaqueiros retornaram calmamente à casa para devolver o bípode de estimação da dona Dália. Mal apareceram por trás dos arbustos, embora ainda distantes, começamos a interrogá-los se haviam conseguido recapturá-la. Ante a resposta positiva, Dália que já havia tomado chá de maracujá, de laranja e de camomila, colhidos ali mesmo no quintal da casa grande e preparado pela Annabel, fez com que todos tomassem daqueles chás, inclusive os vaqueiros. Após colocar a calopsita de volta na gaiola metálica, os vaqueiros tomaram o chá e retornaram aos seus postos de trabalho como verdadeiros heróis. Com os batimentos cardíacos ainda alterados e um soluço preso na garganta, Dália, Annabel e eu começamos a analisar a gaiola para saber como a calopsita conseguira escapar e chegamos à conclusão que a calopsita conseguiu levantar a porta da gaiola e sair. Quando o doutor Vander voltou de seu passeio matinal, montado em um cavalo quarto de milha, malhado como aquele dos chefes indígenas. (Sem cocar e sem lança é claro), já estava tudo sob controle. Depois de reprisar os fatos, muitos risos, e uma xícara de café, intuímos que o passarinho do doutor Vander não estava fora da gaiola, mas a calopsita da dona Dália queria voar.

## O CACHORRO QUE COMIA CHOCOLATE

O vilarejo era formado por planície, mar e montanhas. O mar, com ondas que pouco se alteravam, lavava as areias brancas constantemente, como se quisesse participar da brincadeira de roda das crianças da escola que tinham a praia como prolongamento do seu pátio de recreação. Da montanha descia um curso-d'água que logo se transformava numa linda cachoeira e, após serpentear a planície, formava um lago antes de lançar-se ao mar. Na planície, além do pequeno núcleo residencial, havia uma enorme plantação de cacau. A maioria dos moradores daquele vilarejo vivia da plantação e da colheita do cacau. Havia roças com outros produtos agrícolas, que normalmente colhiam para sua subsistência. A pesca era pouco explorada. A vida dos roceiros era maçante, monótona e cansativa. Esta monotonia só era quebrada quando os caminhões apareciam para recolher a colheita e no dia da festa do cacau. Por ocasião da festa do cacau, quando se elegia a rainha do chocolate, apareceu no vilarejo um senhor alto, forte, de cabelos e barbas grisalhos, óculos escuros, com uma gravata azul com listras vermelhas e brancas, falando com sotaque estrangeiro. Estava acompanhado de mais dois homens de calças jeans e paletó, sem gravata e uma mulher de óculos escuros, salto alto, elegantemente vestida, com a qual o engravatado conversava em língua estrangeira. Circularam pela plantação de cacau, entre as residências e, antes de ir embora, foram até a praia, fotografaram a escola, o encontro da cachoeira com o mar e partiram. Meses mais tarde, os dois homens voltaram e deram início à construção de uma enorme fábrica de chocolates.

Quando a fábrica ficou pronta, outras pessoas vieram morar naquele lugar. A monotonia acabou. As pessoas passaram a

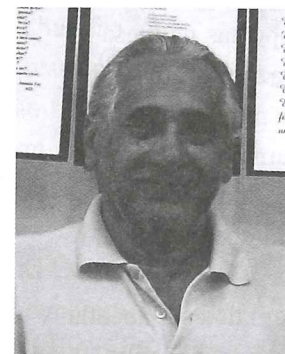
conversar mais, ressurgiu o amor entre elas. Até os animais pareciam mais alegres. Um cachorro que antes passava o dia inteiro dormindo na pracinha da capela, mas que acompanhara os movimentos do engravatado na primeira visita, começou a caminhar pelas ruas. Ia até a porta da fábrica todos os dias pela manhã e ao final da tarde. Durante o dia visitava os cacauzeiros várias vezes. O cachorro era de porte médio, tinha pelos nas costas na cor de chocolate, na barriga tinha pelos brancos e no peito uma mancha preta, na altura do coração. Por sua altivez passou a receber alimento de todo mundo. Comia de tudo, até chocolate. Apesar disso, aquele cachorro não parecia contente, continuava suas idas e vindas até a lavoura de cacau. Raramente ia até a praia, mas mantinha sua pontualidade britânica na porta da fábrica. Numa destas raras vezes que ia à praia parou em frente à escola durante o intervalo da aula, no horário da merenda. Alguns alunos, depois de acariciá-lo, lhe deram a sobra de seus lanches. O animal, correspondendo aos carinhos, começou a balançar a cauda e as orelhas de felicidade, se entrelaçando nas pernas das crianças, rolando no chão e colocando as patas pra cima como se pedisse afago na barriga, latindo suavemente. Quando deram o sinal de entrada para os alunos retornarem à classe, o cachorro saiu em disparada pela praia, junto ao mar, com as patas submersas, espirrando água o mais longe que podia, dava cambalhotas no final da praia e voltava, depois foi até o lago, mergulhou, nadou, nadou e foi até a escola, chacoalhou os pelos para tirar o excesso de água, deu três latidos em forma de agradecimento pelo carinho e voltou para a pracinha.

A professora, que observara todo aquele movimento, aproveitou o momento para falar de amor e carinho entre as pessoas, incluindo os cuidados com os animais domésticos ou domesticados, além dos demais animais que compõem a fauna e dão equilíbrio ao eco-

sistema, observando a extinção de alguns desses animais de forma predatória. À noite, tendo a lua cheia como testemunha, a professora encontrou sua grande paixão, seu namorado. Contou-lhe a história do cachorro com as crianças, ocorrida naquela manhã e sugeriu que o adotassem. Ele respondeu que não tinha onde colocá-lo. Ela então ofereceu o quintal de sua casa e pediu que ele construísse ali uma casinha para o cachorro. Assim o fizeram. Todos os dias a professora dava-lhe de comer e beber e um carinhoso abraço. O cachorro acompanhava a professora até a escola, onde passou a ser querido e acariciado pelos alunos. Enquanto a professora estava em aula, o cachorro voltava a sua rotina de visitas à lavoura de cacau, à fábrica de chocolates e à igreja. A fábrica, periodicamente, recebia visitas de pessoas do mundo inteiro e um desses visitantes, vendo o cachorro, se interessou por ele e começou a fazer várias perguntas a seu respeito até chegar à professora. O visitante contou-lhe, então, sobre uma raça de cachorro em extinção, da Dinamarca, onde havia uma cadela e os dinamarqueses estavam em busca de um exemplar macho, da mesma espécie, para cruzar e dar continuidade à raça. A professora ficou desconfiada e disse que ia pesquisar sobre o assunto. Justo agora que ela tinha dado um lar para o cachorro, vermífugos, vacinas e tosa higiênica, queriam tomá-lo. Até nome ele recebeu. Passou a se chamar Cacau e ganhou o respeito de todos.

Sua pesquisa começou com o seu namorado que trabalhava no escritório da fábrica e tinha acesso a internet. Através desta pesquisa ficou constatada a existência da tal cadela na Dinamarca e a procura de um macho daquela raça. Logo surgiu um impasse: como provar que o Cacau era mesmo o cachorro procurado? Através do sangue. Combinaram através da internet, fazer uma troca de amostra de sangue e assim foi feito. Foi uma amostra pra lá e veio uma pra cá. Em ambas a análise deu positiva. Cacau era

mesmo um cachorro dinamarquês que comia chocolates. Com a ajuda da associação de proteção aos animais, Cacau viajou para a Dinamarca. Um ano depois. Cacau voltou com dois chocalatinhos, digo, dois filhotinhos, um macho e uma fêmea, deixando na Dinamarca o mesmo número de chocalatinhos.



JOÃO BOSCO DA ILVA

## POEMAS

### ENCONTRO DE VATES

O Bobo da Corte num canto  
no outro um menino letrado  
é Pedro Muniz de Alencar  
prontinho para responder  
de tudo que o Servo-sião  
tiver para lhe perguntar

e o jogo já vai começar  
lembrando que são três questões  
trazidas pra se perguntar  
e o Bobo da Corte dispara  
me conte do jogo da vida  
e Pedro começa a falar

as fichas dispostas na mesa  
o lance só traz mais um risco  
roleta pronta pra girar  
assim cada um do seu jeito  
na vida ganhando e perdendo  
e a sorte para acompanhar

mas tem quem detesta apostar  
não joga, não luta, não vive  
assiste seu tempo passar  
e risco assume quem joga  
o jeito se pega jogando  
na vida se tem que jogar

e o Bobo da Corte  
pergunta ao menino  
se perde a batalha  
um Grande Guerreiro  
que morre em combate

e Pedro Muniz  
o menino letrado  
responde sem medo  
no mesmo minuto  
com jeito de Vate

Um Grande Guerreiro  
que morre em combate  
não perde a batalha,  
só tomba finado  
com limpa conduta

Só perde a batalha  
se o peito respira  
e o coração bate,  
e ainda com vida  
desiste da luta

e o Bobo da Corte por fim  
pergunta ao menino letrado  
se o capitalismo ruim  
é o novo bezerro adorado  
e como um Bezerro de Ouro  
se sente Dono do Tesouro  
no meio, princípio, e no fim  
porque que na guerra ou na paz  
é ele quem faz e desfaz  
e Pedro responde assim

porque as potências do cão  
se fartam de armas letais  
e tem ao alcance da mão  
as vidas e os restos mortais

nas telas de computadores  
preparam terríveis sensores  
voltados pra destruição  
e o átomo pra se processar  
tornando a fissão nuclear  
brinquedo de radiação

## A CULTURA EM CATARSE

Andando pelo centro da cidade, encontrei Zé de Dalina, um antigo amigo meu. Um desses caras que lutam por uma ‘Cultura’ que reflita a vontade do ‘Artista’, e, responda aos puros anseios do povo. Nos cumprimentamos, e ele já foi dizendo:

“Rapaz, eu tenho umas coisas pra falar...”.

E começou a despejar ...

“Tu sabes a diferença entre ‘Cultura popular’ e ‘Cultura de massa’?”

Não deu tempo nem de preparar a resposta, e ele já arrematou:

“A ‘Cultura popular’ é a Cultura que nasce do povo expressando a alma de cada um”. “A ‘Cultura de massa’ é a cultura que é imposta ao povo, por interesses de poder”.

E, mandou mais uma:

“Tu sabes o que é ‘Identidade cultural’?”

E ele mesmo respondeu:

“Identidade cultural’ é a propriedade do cidadão, repleta de ‘valores culturais’ que enaltecem os sons, as cores, os cheiros, os sabores, e os costumes de sua terra”. Leon Tolstói já expressava este princípio quando disse: ‘Só seremos universais se conhecermos e amarmos nossa aldeia’”.

E, seguiu em frente:

“E, são os ‘Artistas’ fazendo arte com talento e sensibilidade, os responsáveis por estimular o povo a produzir Cultura. E um povo que produz sua própria Cultura é um povo com ‘Identidade cultural’”.

E, com eloquência, e gestos visivelmente acentuados, prosseguiu:

“Se, como vimos, é tão fundamental a ação dos Artistas como Agentes culturais, faz-se necessário que os mesmos disponham de um cenário favorável à execução de seus papéis. E, por isso, cabem algumas considerações. Por exemplo”: “É preciso que os Artistas atuem (cada vez mais) coletivamente cobrando ações do Poder público em favor da Cultura, assim como os homens públicos entendam a importância da Cultura para a formação de uma sociedade plena. Se estas questões não forem minimamente resolvidas, seguiremos tendo, de um lado da ponte, ‘Fazedores de cultura’ com pastas de ‘projetos culturais’ embaixo do braço. Do outro lado da ponte, Administradores públicos sentados em cima de um ‘cofre’ com uma folha de papel na mão onde se lê: ‘Mil maneiras de dificultar o acesso do ‘dinheiro público’ aos ‘Fazedores de cultura’’. E esta ponte precisa ser transposta, pois os Agentes culturais precisam do dinheiro público, a eles destinados por lei, para fazerem cultura.”.

Parou para respirar, e mandou ver:

“Percebo também um descompasso no diálogo entre a ‘Classe cultural’ e a ‘Classe Empresarial’. Nesta relação os ‘Agentes culturais’ não têm acesso aos ‘Empresários’. E, nossa cidade dispõe de um Parque industrial, de um Comércio, e, de um setor de prestação de serviços, dos maiores do Brasil. No entanto, toda essa riqueza passa distante da ‘realidade cultural’. Talvez, pelo desejo capitalista da obtenção de lucro imediato. Quando esse lucro pode vir, não de projetos culturais, mas dos cidadãos ‘cultos’ renascidos da execução desses mesmos projetos. Basta que para isso os empresários abram suas portas para os Agentes culturais com ‘oficinas culturais’, ‘shows musicais’, ‘aulas de música’, ‘teatro’, ‘...’ nas ‘lojas comerciais’, nos ‘hotéis’, nas ‘fábricas’, ‘...’”.

Agora Zé de Dalina entrava nos ‘finalmente’...

“Diante das dificuldades acima expostas, de mais outras aqui não levantadas, e da necessidade de se vislumbrarem novas propostas, faz-se necessário que os Artistas se organizem para através de discussão ampla, construïrem suas legítimas reivindicações. É com organizações consistentes que as idéias se materializam, abrindo janelas para projetos sólidos e coesos. É nos Debates, Encontros, Fóruns, que os problemas são discutidos. E, quanto mais plurais os Encontros, mais representativos são os resultados. Sempre com a consciência de que estes eventos são passos iniciais e preparatórios no caminho que conduz à valorização da ‘Arte’ e da ‘Cultura’ no Brasil”.

Ele, já se preparando para sair, voltou-se pra mim, e disse:

“Quando cada um se mostra como parte da história, o todo se traduz em reserva de imensa sabedoria”.

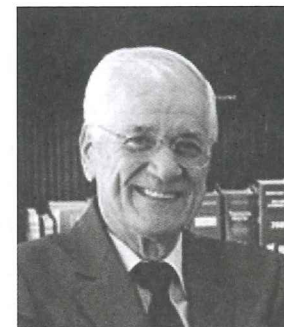
E já sumiu no meio do povo ...

Eu fiquei ali parado, pensando em tudo que Zé de Dalina me falou. E deduzi que a condução de uma ‘política cultural’ pelo poder público deve levar em conta a vontade dos que executam as ações culturais. Concluindo que o contrário disso estimula o surgimento de bolhas de improdutividade e de conflitos, dentro do processo administrativo. Foi quando me veio à mente uma frase do Poeta Castelo Hanssen:

“O palhaço não pode ser o dono do Circo porque ele entende apenas de arte, não entende de dinheiro”.

E eu, ainda extasiado com a fala de Zé de Dalina, imaginei o que ele talvez dissesse ao Poeta como réplica:

“O palhaço não. Mas o Bilheteiro sim pode ser o dono do Circo. Pois ele não tem a habilidade do trapezista, mas sabe o que o Circo precisa para o ESPETÁCULO não parar”.



JOÃO CARLOS BIAGINI

## FESTA ELEITORAL PATRIÓTICA E O MOVIMENTO BRASILEIRO CRISTÃO

No dia 19.11.1969, a pessoa exemplar e mais importante do esporte brasileiro, Pelé, marcou o milésimo gol. Pegou a bola, beijou-a e disse: “Pensem no Natal. Pensem nas criancinhas”. Foi muito criticado por essas duas frases. Passados 48 anos, os 90 milhões de habitantes passaram para 218 milhões em 2018. A festa pela conquista da Copa do Mundo de 1970 foi estrondosamente comemorada por todos os brasileiros. O futebol é uma festa! Em 18.07.1971, tive a oportunidade de ver a despedida do Rei da seleção. Nunca me esqueço da emoção vivida. No Maracanã, 140 mil pessoas gritando o nome Pelé, enquanto ele dava a volta olímpica. A festa do futebol é sempre bonita. Nas Copas, a cada 4 anos vemos ruas pintadas e bandeiras nacionais por todo o canto, num amor sazonal à pátria.

Desde pequeno acompanho a política por influência do meu pai. Embora ele fosse semialfabetizado, todo final de semana comprava o jornal “O Estado de S. Paulo” e lia as matérias de política. Eram matérias investigativas, não ideológicas. Muitas vezes fiquei com ele. Naquela época, tive a oportunidade de presenciar um comício de Jânio Quadros, em frente à estação da Estrada de Ferro Sorocabana, em Assis. “Varre, varre, varre, varre vassourinha! Varre, varre a bandalheira!” A campanha de Jânio Quadros era centrada na corrupção atribuída a Adhemar de Barros, ao qual foi vinculada a frase pejorativa de “rouba, mas faz”.

A corrupção existe desde o início do mundo e está registrada na Bíblia. Porém, de uns anos para cá, a corrupção ficou imensurável, incontrolável, impregnada em todo o sistema político e governamental brasileiro. Se na época Jânio-Adhemar a corrupção era atribuída a uma pessoa, hoje envolve todo o sistema político através das propinas e do caixa dois, o dinheiro vivo que irriga as campanhas eleitorais.

Para tentar tapar o sol com a peneira, entidades de renome nacional apoiaram o uso do dinheiro do povo nas campanhas eleitorais. Os idealistas dessa solução imaginaram que com o dinheiro, a televisão e a imprensa possibilitariam a continuidade do domínio do poder e da hegemonia do pensamento.

Como disse Garrincha, para o técnico da seleção brasileira antes de jogo da Copa de 1958 : “O senhor já combinou com os russos? Estamos vendo que os políticos e a imprensa se esqueceram de combinar com o povo. Os brasileiros amantes do futebol se tornaram amantes da pátria. A imprensa, cega, surda e muda, não publica uma foto de passeata ou movimento patriota. Mas o movimento patriótico, conservador no linguajar da imprensa, existe até na cidade de Gandu, no interior da Bahia.

Vivemos um longo tempo sob a égide do politicamente correto. Os jornalistas e a imprensa impuseram um comportamento obrigatório a todos os brasileiros. Todos os que fossem contrários ao politicamente correto seriam e foram execrados.

Os políticos, os especialistas e os analistas políticos não perceberam que o sentimento do povo era outro. O povo sempre foi conservador e percebeu que o politicamente correto faz mal a todos. Tudo virou ofensa e motivo de ação judicial. O povo, ordeiro e correto, concluiu que a raiz do problema é moral. Os políticos, os jornalistas e a imprensa não perceberam que a moral não é uma virtude, mas uma obrigação de cada um.

A partir das eleições de 2010, com a introdução do tema aborto no debate eleitoral, a questão moral passou a ser observada pelo povo. Quem não respeita a vida humana intrauterina não respeita nada. Em 22.10.2010, o bispo Dom Luiz Gonzaga Bergonzini, depois de ficar escondido durante uma semana, por risco de vida, concedeu entrevista coletiva a todos os jornais e revistas brasileiros e escreveu: O PT é o partido da mentira e da morte. O país da mentira estava acabando. O país da verdade estava se levantando.

A partir de 2013, as festas patrióticas que aconteciam no futebol passaram a ser aplicáveis a temas importantes da vida política. O povo realizou o primeiro movimento contra os desmandos acontecidos na administração pública e na política. Imenso número de pessoas nas ruas, protestando contra a corrupção.

Posteriormente, outros momentos de preocupação com o futuro do Brasil foram esboçados, mas prejudicados por vândalos, criminosos e black blocks que os tornaram muito arriscados.

A imprensa anacrônica, dominadora e dominada pelo socialismo, continuou seu discurso pensando que nada havia mudado. Em 13.11.2017, o editor-executivo da Folha de S. Paulo

confirmou que a maioria dos jornalistas é esquerdista. Josias de Souza, jornalista tarimbado e de renome, escreveu o artigo *Escalada de Bolsonaro desafia Lula e a lógica*, no Blog do Josias neste 02.10.2018, que o candidato mostra “o moralismo bisonho, o desprezo pelos signos democráticos, o ódio à imprensa, a segurança imposta *manu militari*...” e afirma que “A sociedade brasileira, com seus valores escrachados e seus princípios flexíveis, revelava-se majoritariamente refratária à disciplina sanguínea do fascismo”.

Com todo o respeito, discordo das afirmações: o moralismo do povo não é bisonho, o povo não despreza a democracia, não tem ódio à imprensa, não tem valores escrachados e também não é fascista, pois não é socialista e não é adepto de regimes ditatoriais. O povo brasileiro é sensato, tem bom senso. Essa visão tosca não leva em consideração que grande parte do povo tem origem judaica, italiana, polaca, africana e de muitos outros países, cujas famílias fugiram das ditaduras e das guerras assassinas de Hitler, Stalin, Mussolini, Mengistu Haile Mariam, Idi Amin Dada, Pol Pot, Fidel Castro e toda a corja de ditadores assassinos da humanidade.

Tempos atrás, ouvi de um jornalista que a revista Veja deveria fechar, porque publicava matérias contra seus interesses. O primeiro ato de um governo socialista é acabar com a imprensa livre. Todos os meios de comunicação são controlados pelo governo. Quanta cegueira e estupidez: no primeiro caso, os empregos dos jornalistas acabam e no segundo todos os jornais e revistas particulares fecham, novamente acabando com os empregos. Como acontece na Venezuela, somente as produzidas pelo governo são admitidas. A imprensa brasileira está cega e surda para a realidade, sofrendo de imunização cognitiva, ou seja, tem todas as provas de um fato mas faz de conta que não vê.

O povo brasileiro nunca foi esquerdista. É um povo afável, liberal, amigo e admirado por todos os turistas que aqui aportam.

O politicamente correto impedia a manifestação da população. Isso acabou em 2010, a partir da introdução da discussão moral nas eleições. O aborto, o crime mais hediondo que existe e a maior de todas as imoralidades, foi o indutor dessa coragem da sociedade de defender seus posicionamentos, independentemente de grupinhos contrários.

Os grupos de homossexuais, as lésbicas, as peladas, o MST, os sindicalistas, os queimadores de pneus, as mentiras do Lula e do grupo dos companheiros presos ou a caminho da cadeia e todos aqueles que dificultaram a vida dos brasileiros durante os últimos anos amedrontaram a população e pensaram que os crimes e a maldade deles nunca seriam apurados. Enganaram-se ao pensar que o povo continuaria aceitando tudo.

Tudo mudou! A Internet, que aqui chegou em 1996, deu liberdade à manifestação para qualquer pessoa. São mais de 200 milhões de celulares ligados à rede mundial. A informação é instantânea. A preservação da intimidade é zero. A pessoa é filmada e fotografada em todos os lugares, por câmeras das vias públicas ou aparelhos particulares. A imprensa ideológica deixou de ser hegemônica. As imoralidades e iniquidades se tornaram visíveis.

Obras materiais não interessam mais. A promessa da transposição das águas do Rio São Francisco, que conseguiu milhões de votos e conclusão foi prometida para 2012, até hoje não foi terminada. O trem bala Rio-São Paulo que nunca existiu.

Grande parte da mudança comportamental do povo se deu pela força da pregação evangélica. No artigo pós-eleições faremos uma retrospectiva das ações das pessoas que provocaram essa mudança.

Independentemente do resultado das eleições de 7.10.2018, a festa eleitoral patriótica emocionou a todos e pode continuar, pois

os cristãos têm princípios e interesses convergentes. Todos juntos, os cristãos podem criar o Partido do Movimento Brasileiro Cristão e deixar de lado todos os partidos socialistas.

Repetindo Pelé, precisamos respeitar e cuidar das criancinhas, desde a fase intrauterina, para transformá-las em jovens e adultos de bem, e proteger o idoso até a morte natural. Com os princípios cristãos, deitado no esplêndido berço ambiental, o Brasil pode realizar-se no presente e se transformar no celeiro do mundo.

A perseverança em Cristo mudará a vida dos brasileiros. O Movimento Brasileiro Cristão transformará o Brasil no país da Verdade, da Vida e da Justiça!

## HOMENAGEM AO PATRONO

### Biografia - Homenagem

José Manuel Mateos Martinez utilizava-se do pseudônimo “J. Maelick”, nos livros por ele escritos e publicados ao longo dos anos.

Nasceu no dia 02 de dezembro de 1942, em Madrid – Espanha. Veio para o Brasil, com seus pais, aos 8 anos de idade, após a 2ª Guerra Mundial. Aqui chegando, teve muitas dificuldades com a língua portuguesa. Quando estava em processo de alfabetização, ficou encantado com os gibis, que facilitaram muito o aprendizado e deram início ao seu hobby de ler todo tipo de livro.

Estudou engenharia. Também se formou em direito, na Faculdade de Direito de Guarulhos, esta que começou no Colégio Santa Catarina, no bairro da Ponte Grande. Ocupou o cargo de Procurador da Câmara Municipal de Guarulhos, onde ficou até a sua aposentadoria.

Foi cofundador do Grupo LÊ Guarulhos e também participou da formação do Clube dos Escritores da cidade. Promovia atividades e eventos culturais, na Biblioteca Monteiro Lobato e nas escolas. Participou de Bienais Internacionais do Livro, em São Paulo, com as obras: “Uma Sociedade Secreta”, “O Enigma das Figuras Vivas”, “A Senda Oculta da Alquimia” e “No Tempo das Lan Houses”, títulos que ultrapassaram as fronteiras brasileiras e chegaram a outros países de língua portuguesa.

Sempre foi uma pessoa dedicada, íntegra e correta. Ficou extremamente feliz em fazer parte da Academia Guarulhense de Letras, a partir de 15/03/2014, à qual se dedicou de corpo e alma.

Seu grande objetivo foi transmitir seu humilde conhecimento de Filosofia e Estudo do Pensamento dos Povos Antigos, das civilizações do passado e de línguas, algumas já desaparecidas.

Destinou todo o dinheiro arrecadado com suas obras para os asilos de Guarulhos.

Em 20 de julho de 2015, partiu para o lar celestial, de onde, junto com os demais imortais desta academia, deve estar jubiloso de sua pujança.

Que Deus ilumine no Céu o já iluminado “J. Maelick” aqui na Terra, a quem tenho a honra de suceder na cadeira 24 deste sodalício.

Uma salva de palmas a José Manuel Mateos Martinez, nosso querido J.Maelick.

Teatro Abílio Baeta Neves, FIG-UNIMESP - Guarulhos

Em 27 de junho de 2018, por João Carlos Biagini

## DISCURSO DE POSSE

**O quê trouxe você aqui?**

No dia da sabatina feita pelos confrades e congreiras, na sede da Academia, me fizeram a pergunta “O quê trouxe você aqui?”

Naquele instante, respondi: o livro.

Depois da sabatina, comecei a refletir sobre a pergunta e a resposta. A resposta estava certa porque para ser admitido na Academia o escritor precisa ter uma obra de sua autoria exclusiva. Mas o livro não é a única razão de nós estarmos aqui. Ele é o início de um novo tempo. A vida sempre recomeça!

Nasci em 1947, no ato de amor entre meu pai e minha mãe. Vivi nove meses naquela piscina quentinha e exclusiva, chamada bolsa amniótica. Como devia ser gostoso, nadando e cutucando as costelas de minha mãe!

Em 22 de junho de 1948, fui expulso daquele lar intocável e saí para o mundo. Chorei muito, porque não queria sair.

Mas não fiquei no prejuízo. Ganhei o colo quentinho de minha mãe e muito amor. Meu pai se esforçava para me dar carinho e prover as necessidades da família.

Cresci, virei aquele moleque que andava bastante para chegar até a escola. A iniciação do conhecimento, naquela escolinha de uma sala só, se deu pela “Cartilha Sodré”.

Quem se lembra? “A pata nada, pata –pa, nada –na.”

Um dia, já no ginásio, hoje ensino fundamental, disse a meu pai que não estudaria mais.

Que loucura! Ele passou a mão na cinta e eu botei sebo nas canelas. Corri muito e fugi para não apanhar. Mas nunca mais falei que não iria estudar.

Terminado o ginásio, veio o colegial, hoje ensino médio, a contabilidade, o trabalho em várias funções, as faculdades de Letras e de Direito.

Pensei que tivesse terminado. Que nada!

Os estudos nunca mais pararam. Diariamente, várias horas. A aquisição do conhecimento é contínua e interminável. Hoje, repito o filósofo Sócrates: só sei que nada sei!

Então, depois dessa explanação, pergunto a todos os presentes: o quê me trouxe aqui?

Dois fatores me trouxeram aqui: o amor de meus pais, durante toda a vida, e o conhecimento.

Sem o amor eu não teria nascido e sobrevivido!

Sem o conhecimento eu não escreveria o livro!

Penso que, na sabatina, faltou a segunda pergunta: Quem trouxe você aqui?

São duas as respostas, ambas contidas nos Dez Mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo.

Deus, quando fui gerado, me deu o sopro da vida. E também me deu a oportunidade de ter muitos amigos, que gostam e acreditam no meu modo de viver, no meu trabalho.

O amor ao próximo me trouxe aqui, pelas mãos do escritor guarulhense e autor de 9 livros, o confrade Clóvis Domingues, que deu incentivo á minha candidatura. E, também, pelas mãos dos

demais confrades e congreiras desta quarentona e gloriosa Academia Guarulhense de Letras, que me julgaram apto para participar com eles de tão honrosa distinção. Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 – CEP 07115-020 – Guarulhos-SP

Concluindo: o amor e o conhecimento me trouxeram aqui. Amor de Deus, dos pais, irmãos, da minha esposa, o esteio da minha vida, dos filhos, parentes, amigos, dos desconhecidos e até dos inimigos, que nos estimulam a pensar e a lutar mais.

Agradeço a todos aqueles que, de uma maneira ou outra, participaram da minha vida e me ajudaram a ser quem sou e a estar aqui.

Se eu pudesse retribuir e aconselhar alguém, aconselharia a estudar sempre e amar sempre porque,

Ninguém pode nos tirar o conhecimento!

E o amor jamais acabará!

Muito obrigado!

Teatro Abílio Baeta Neves – FIG-UNIMESP

Guarulhos, 27 de junho de 2018.

João Carlos Biagini

Acadêmico Cadeira 24



JOSÉ AUGUSTO  
RODRIGUES PINHEIRO

## TUDO É UMA QUESTÃO DE MÉTODO

Os hábitos são construtores do nosso destino. Consequentemente, bons hábitos dão origem a ricas experiências de vida. O melhor de todos os hábitos é aquele que beneficia as outras pessoas; ou seja, praticar boas ações cotidianas. Nos meus 41 anos de trabalho remunerado, completados em 12/9, eu tive a oportunidade de servir com plena alegria. Na função de comunicador da Rádio Boa Nova, onde atuei por mais de 10 anos, eu entrevistei milhares de pessoas nas mais de 2.600 edições do programa RBN Notícias.

Uma das matérias jornalísticas ocorreu no início de 2016, quando Daniel Kovacsik visitou os estúdios da emissora para expor as suas ideias sobre o “Método natural de combate ao câncer”, cujo nome faz justo reconhecimento aos seus bisavós Estevam e Maria Kovacsik. Este realizou pesquisas por conta própria e deixou importante legado para a sociedade. Emblemáticas palavras do cientista, nascido em 1903 no Leste Europeu, estão contidas no início do livro: “Nunca entregaria os resultados de minhas pesquisas a um particular, pois desejo doá-los à humanidade inteira, através das autoridades competentes, com pleno conhecimento do público”. O tratamento é gratuito.

A conversa preliminar com Daniel me cativou e eu passei a estudar o assunto, motivado pela divulgação de descoberta que eu entendi ser de extrema relevância. Planejada para durar cinco minutos, no máximo, a entrevista praticamente ocupou toda a hora de duração do radiojornal. Semanas depois, eu estava diante dos pais de Daniel, em busca de mais informações sobre a tão sonhada cura para o mal que vitimou a minha vovó Brasília, a única que eu conheci.

No dia 2 de setembro, domingo, a família Pinheiro foi à Livraria Martins Fontes, na avenida Paulista, a fim de abraçar novamente o Daniel durante o lançamento do livro *Uma Vida pelo fim do câncer*. Ele é coautor ao lado de Vinícius Piva. Para minha surpresa, a história da entrevista foi mencionada pelo autor na página 99 da obra, com direito a foto nos estúdios da RBN. Se você se interessou pelo assunto, procure no youtube o documentário “Da origem ao fim do câncer”.

Em tempo – A minha homenagem póstuma a Zé Bértio, que iniciou a sua brilhante carreira de radialista na Difusora Hora Certa 1450 AM, antigo nome da Boa Nova de Guarulhos.

## O BRASIL QUE EU NÃO QUERO

No prazo de 20 anos, eu tive a especial felicidade de visitar o Museu do Louvre em 1989 e 2009. Nas duas ocasiões, eu fiquei imensamente admirado por observar o esmero com que os franceses tratam os tesouros do passado: milhões de peças bem preservadas; informações compartilhadas com respeito aos turistas de todo o mundo. Causou-me surpresa, contudo, o fato de que os catálogos explicativos sobre as diversas alas do Museu não apresentarem versão na língua portuguesa. Indagado por mim sobre esse ponto, um funcionário respondeu que havia prospecto em espanhol – e que “as duas línguas são quase iguais”. Lamentei o fato.

O lamento cresceu desmesuradamente na noite de 2 de setembro, quando chegaram as primeiras notícias a respeito do terrível incêndio que dizimou o Museu Nacional, localizado no Rio de Janeiro, em prédio que abrigou a sede do Império. Foram 200 anos de história que arderam, consumindo a maior parte do riquíssimo acervo. Sociedade que não preserva o seu passado – extraindo dele as lições básicas de cidadania - não tem como preparar o ambiente ideal para as próximas gerações. Os sucessivos governos nacionais não têm conseguido cumprir minimamente com as suas obrigações na área da Cultura – ou em qualquer outra. Políticos sem ética nem escrúpulos ocupam o seu tempo meramente com a próxima eleição. Esse é o retrato em preto e branco que vem descolorindo o nosso “sorriso verde-amarelado”.

Lembro-me do menino que estudou no Grupo Escolar José Alves de Cerqueira César, em Vila Galvão, no início da década de 1970, e que cantava o Hino Nacional Brasileiro semanalmente no pátio da escola. Esse jovem, em sua primeira infância, foi informado pela professora Jurema que no futuro ele seria comunicador das boas notícias sobre o então demograficamente chamado “País do Futuro”.

Quarenta e cinco anos se passaram, e o futuro não chegou conforme eu imaginei. Talvez jamais seja alcançado o objetivo de nós edificarmos uma nação que preencha de orgulho o nosso coração. Amo o Brasil como o território escolhido para eu nascer. E agradeço a Deus pela brava gente que edificou esta Pátria. Porém, há momentos em que dá vontade de pedir perdão aos índios, legítimos pioneiros, devolvendo-lhes solene e humildemente o que ainda resta da ‘terra brasilis’.

### FÉ NA VIDA, COM FOCO NO BEM

Em 2003 eu participei do amigo-secreto na empresa na qual eu prestava serviços. Leitor voraz, eu pedi de presente um exemplar de *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*, do escritor norte-americano Stephen Covey (1932-2012). Eu li a obra em apenas três dias, na semana entre o Natal e o ano-novo. Esse livro tornou-se *best-seller* – expressão da língua inglesa para indicar os títulos mais vendidos no mundo editorial. Foram comercializadas mais de 15 milhões de cópias em 38 idiomas, desde a primeira edição em 1989.

O hábito que mais me impressionou foi o número três: “Primeiro, o Mais Importante”. O objetivo, segundo o autor, é priorizar, planejar e executar as atividades semanais, baseando-se no grau de importância da tarefa. Há, inclusive, uma tabela que demonstra que o tempo disponível é utilizado equivocadamente nas urgências ou nas missões simples – que pouco ou nada acrescentam aos objetivos definidos pela pessoa para o dia presente.

Em 20 de agosto, eu iniciei a jornada profissional com inúmeras pendências que consumiam a minha melhor energia. Foi quando eu decidi empregar o terceiro hábito de Covey; além de dar atenção ao caderno de exercícios do palestrante brasileiro Paulo Vieira “Foco

na Prática”, que eu estou preenchendo diariamente. Trata-se de obra que tem a meta de mudar a trajetória do leitor em apenas dois meses de tarefas voltadas para os 11 pilares que sustentam a nossa existência. É muito interessante descobrir como o tempo pode ser bem aproveitado; caso seja desfrutado com acerto, boa vontade e inteligência emocional.

Vinte e cinco séculos atrás, o filósofo chinês Confúcio utilizou como base de seus princípios as tradições e crenças comuns de seu povo. Ele pregava o absoluto respeito aos antepassados, a total reverência dos jovens em relação aos idosos e a família como sustentáculo de um governo ideal. É atribuída a Confúcio a frase “Escolha um trabalho que ama, e você nunca terá que trabalhar um dia sequer na vida”. A verdade é imutável e ultrapassa as barreiras do tempo. Há muitos anos eu deixei de ‘trabalhar’, dedicando a minha atuação à melhor maneira de ser útil ao maior número possível de pessoas. Servir sempre, com Fé na Vida e plena Gratidão aos valores eternos: este é o foco.

### EMOÇÕES QUE SE RENOVAM...

Roberto Carlos é cantor e compositor cuja carreira atinge décadas de imenso sucesso. Seu público fiel alcança milhões de pessoas em todo o mundo. No ano de 1981, em parceria vitoriosa com Erasmo Carlos, o artista gravou “Emoções”. O verso “Quando eu estou aqui, eu vivo esse momento lindo” foi lembrado pelo diretor da Escola Municipal de Guarulhos Álvares de Azevedo, Edson Gouveia, em evento recente no CEU Jardim Otawa Uirapuru.

O encontro selou a ação conjunta das secretarias da Educação e da Segurança Pública na intensa batalha, travada diariamente, para prevenir a nossa juventude de entrar para o mundo das drogas. Entre palestras e mensagens de alerta, a programação incluiu a

apresentação do Grupo Independente de Ginástica Geral Acrobática – Gigga, coordenado pelo professor Pedro Cabral. Todos os presentes ficaram maravilhados com a apresentação dos jovens. Em alguns momentos as pessoas prenderam a respiração, e os corações bateram fortemente.

Esse evento reforçou a necessidade de a sociedade se engajar na luta contra as drogas. Quem fraqueja e escolhe esse terrível caminho não adoece isoladamente; a família padece desse mal, solidária e conjuntamente. A informação é a melhor forma de prevenção. Daí a importância do Programa Guard – Grupo Unidos na Ação de Resistência às Drogas, com a liderança do GCM Washington, que integra as melhores energias da Família, da Comunidade, da Escola e da Guarda Civil.

No sábado seguinte eu visitei o CEU Jardim Rosa de França, onde foi realizada a segunda etapa do Campeonato Paulista de Goalball para cegos. Ao observar as equipes de várias cidades do Estado, que lutam por duas vagas para a Série A em 2019, a minha sensibilidade aflorou. Esse esporte é para pessoas muito especiais, que se valem da audição e da sua percepção sensorial para desenvolver a atividade. Para quem enxerga com os olhos físicos é impossível não ficar com a emoção à flor da pele, compreendendo o grau de dificuldade do jogo. Os atletas se dedicam e vibram com cada momento importante, quer seja um gol ou uma defesa difícil. Os jogadores de goalball para cegos são exemplos de superação. O sorriso deles é valor agregado de quem sabe que os pássaros não cantam porque estão felizes, mas estão felizes porque podem cantar.

#### A SAUDADE GENUÍNA AMPLIA-SE CONTINUAMENTE

Alguns dias atrás, como resultado de comunicação imperfeita, eu ouvi palavras pouco iluminadas de um senhor. Foi positivo ter

acontecido isso porque eu pude praticar a resiliência, e suportar pacificamente situação inesperada e desfavorável até a Verdade prevalecer. O irmão em questão elogiou a minha postura no final da breve ocorrência. Houve na História da humanidade um Irmão que pautou a sua Vida pelo Caminho do Amor – que significa praticar a caridade; ou seja, doar-se ao próximo. Foi Ele quem nos ensinou que somos todos filhos do mesmo Pai. Se assim é, os pais são nossos irmãos mais velhos e que nos amam incondicionalmente. Na prática, isso significa que papai e mamãe dariam a sua vida por nós.

Pois bem, no dia 12 de agosto – domingo dos pais – eu fiquei muito feliz com o reconhecimento de minha família. Palavras generosas foram pronunciadas não somente por pessoas próximas, como também de corações dos quais eu nada esperava. Por isso, eu fiquei docemente surpreso e plenamente grato. À noite, assistindo à animação “Coco” (na versão brasileira, ganhou o título de “Viva – A vida é uma festa”) ao lado da esposa, entre uma pipoca e outra, eu pude me emocionar com a linda história de um menino que consegue salvar a existência de antepassado distante por meio da música. As lágrimas brotaram copiosamente, molhando o meu rosto. Tudo isso em nome da saudade que eu sinto de meu amado papai, que concluiu a sua missão terrena há 10 anos.

Ao voltar para a Pátria Espiritual, Paulo abriu significativo espaço no meu coração. Esse ‘vazio’ se chama saudade. Essa palavra, existente somente em idiomas de origem latina, tem difícil definição. Talvez a melhor forma de fazer-me entender é que eu não me apego mais a nada que não represente valor eterno. No dia que Deus me chamar de volta, eu viajarei com alegria e plena confiança. E tenho a esperança de ser recebido pelo meu papai para um demorado abraço – o melhor do mundo. Ao refletir sobre o dia dos pais, e o fato de que papai e meu sogro já não estão mais por aqui, eu me dei conta de que agora o papai sou eu. Em sendo

assim, eu preciso reunir o que aprendi por 45 anos com o melhor padeiro de todos os tempos para orientar o meu filho e, quem sabe, os netos que virão. Assim seja!

### O PRIVILÉGIO DE ESCOLHER O CAMINHO

”Caminha tranquilamente entre o ruído e a confusão, mas não se esqueça de que a paz existe no silêncio”. Essas são as primeiras palavras do poema *Desiderata* (do latim, ‘coisas que são desejadas’), cuja autoria é atribuída ao filósofo, poeta e advogado norte-americano Max Ehrmann (1872-1945). Aos 55 anos ele compôs esse texto, que contém verdadeiro código para alcançar a felicidade genuína. Eu tinha 21 quando um colega me presenteou com esse texto impresso. Creio que ele se incomodou pelo fato de que na época eu era muito estressado. Cheguei aos 55 anos bem mais calmo...

A vida é edificada a partir de nossas escolhas, sejam elas simples ou complexas. Toda e qualquer decisão tomada dá origem a conseqüências, por vezes absolutamente imprevisíveis. Há poucos dias, eu ouvi o amigo Fernando Pilates dizer que o ensinamento que mais o impacta no seu cotidiano foi-lhe transmitido por seu avô: “Toda escolha gera uma renúncia”; ao menos uma, pensei. Afinal, existem sempre muitas estradas possíveis; ao fazermos a opção, nós passamos a viver a nostalgia dos caminhos não trilhados.

Todos os dias são-nos acrescentados 1.440 minutos na nossa conta corrente “Tempo Cronológico”. Assim observado, parece uma eternidade. Porém, se não houver cuidado, o período logo se extinguirá sem nos apercebermos de como e onde foi empregado esse Sagrado Bem. Senhoras e senhores, eu lhes apresento a melhor opção de investimento de todos os tempos: a GRATIDÃO!

Agradecer significa ‘a graça descer’ em favor da pessoa que a pratica. Como nós temos o livre-arbítrio, existe a possibilidade de reclamar das pessoas, coisas e fatos. Quem ‘re-clama’, clama (pede com fervor) novamente.

Agradecer ou reclamar? Eis a questão. Quem pratica a gratidão recebe incontáveis bênçãos, tais como: saúde plena, alegria de viver, criatividade, recursos materiais, a passagem no trânsito... Quem reclama, ainda que seja abençoado (e o é), não terá a possibilidade de enxergar isso. A gratidão pode não evitar todos os males, mas seguramente proporciona a Força Espiritual para enfrentar – e superar – todos os obstáculos que se apresentarem no horizonte. E, como valor agregado, agradecer também ilumina o caminho – intensa e eternamente.

### CULTIVANDO AMIZADES FRATERNAS

Um homem marcou a data de seu casamento. Ao informar o próspero papai, o noivo pediu-lhe que convidasse para a festa os seus 50 melhores amigos. O pai concordou, mas na data marcada só compareceram cinco pessoas. O rapaz ficou triste com o pai, mas este afirmou que ao chamar os 50 nomes disse-lhes que seu filho estava em apuros. Somente aqueles cinco se prontificaram a “acudir” o amigo. Essa mensagem que circulou recentemente pelas redes sociais nos faz refletir sobre o real valor da Amizade Fraternal. Quem são os nossos amigos verdadeiros? Quais as pessoas que iriam nos auxiliar incondicionalmente às três horas da madrugada, caso houvesse uma emergência?

Em 20 de julho foi comemorado o Dia do Amigo. A data foi criada pelo médico argentino Enrique Febbraro, em razão da chegada do homem à Lua. Ele encaminhou mais de quatro mil cartas em

vários idiomas para países dos cinco continentes, a fim de instituir tal efeméride. Dr. Febraro considerava o fato histórico ocorrido em 20/07/1969 como “um feito que demonstra que, se o homem unir-se aos seus semelhantes, jamais haverá objetivos inalcançáveis”.

Em razão do Dia do Amigo, enquanto aguardava o embarque no aeroporto de Foz do Iguaçu (PR) para retornar das férias com a família, eu resolvi enviar mensagem de gratidão para os meus queridos. Como o voo atrasou, eu tive tempo para lembrar-me de inúmeras pessoas com as quais eu aprendo há muitos anos. Eu aproveitei para formular a pergunta mais importante que existe no campo das relações humanas: ‘Como vai você?’. A resposta ‘tudo bem’ foi quase unânime. A exceção ficou por conta de um amigo de outra cidade, que afirmou estar doente. Dias depois, após muitos contatos virtuais, eu estava com ele para ouvi-lo e abraçá-lo demoradamente. Amigo é pra essas coisas.

Jesus Cristo tratava os apóstolos (mensageiros) como ‘amigos’. As demais pessoas, Ele chamava de irmãos e irmãs. Amizade é artigo raríssimo. Creio que os amigos sejam poucos porque nós não teríamos como dar atenção indistintamente a todos. De fato, mais significativo do que ter amigos é ser amigo; colocar-se à disposição para servir, colaborando para melhorar o ambiente a nossa volta. Afinal, como orientou o líder pacifista indiano Mahatma Gandhi (1869-1948): “Seja você a mudança que deseja ver no mundo”.

### QUEM PLANTOU AS SEMENTES DO FUTURO?

No dia 19/6, eu atendi ao convite da bibliotecária do Sesi-Guarulhos, Roseli Souza, e ministrei palestra para duas turmas que estão pavimentando a sua estrada escolar. Ao olhar para os meninos

e as meninas, entre 11 e 14 anos, eu enxerguei o futuro a minha frente. Fui recebido com extremo carinho pelos 120 jovens. A primeira pergunta: Quem já definiu a profissão que pretende abraçar? Muitos me disseram qual foi a decisão tomada. A minoria ainda acredita não ser a hora de pensar nisso.

A seguir, eu expus algumas noções da maravilhosa arte de agradecer a todas as pessoas, coisas e fatos. A gratidão, creio, é a maior de todas as virtudes. Mas a quem agradecer, indaguei a eles. “A Deus”, foi a resposta de alguns participantes. Sim, mas... e quanto aos seus pais?, repliquei. A surpresa entre os jovens era visível. Afinal, questionaram, por que dizer ‘muito obrigado’ ao papai e à mamãe? A resposta é fácil: foi esse casal que plantou as sementes e, desde então, está cuidando da árvore que irá gerar os frutos de amanhã.

“De tanto colhermos onde não plantamos, por vezes, nós nos esquecemos de continuar plantando”. Essa frase, de autor desconhecido, embala as minhas reflexões há quatro décadas. Como compreender a dinâmica da colheita no solo da Vida? Por que os meus pais me ajudaram tanto, mesmo quando eu não merecia receber a menor atenção? Amor incondicional, eis a resposta. Pai e mãe, recebam a minha gratidão absoluta. Eu amo o senhor e a senhora, plena e eternamente.

Na biblioteca que homenageia a jornalista, pintora, poetisa e professora fluminense Cecília Meireles (1901-1964), o futuro do Brasil – representado pelas crianças do Sesi-Guarulhos – comprometeu-se a pronunciar doces palavras de agradecimento aos seus genitores: “Muito obrigado (a) por tudo o que vocês fizeram por mim. Eu os amo, de todo o meu coração. Sou muito feliz porque eu tenho vocês no pensamento desde o dia em que se uniram, permitindo assim que o seu amor desse origem a minha vida. E

quando eu também alcançar essa Graça, quero ser o melhor papai – ou a melhor mamãe – do mundo, com base em que tudo o que vocês me ensinaram.

### OBRA IMORTALIZADA AINDA EM VIDA

Ao escrever um livro, o seu autor tem a possibilidade de registrar e perpetuar ideias e ideais. Por isso, convencionou-se tratar como imortais os membros das academias literárias. Guarulhos possui a sua, desde 8 de dezembro de 1978, quando o sonho de Gasparino José Romão (1926-2014) tornou-se obra real. Outros grandes vultos de nossa cidade se uniram a ele, trabalhando em defesa da cultura e da cidadania. Amar é honrar!

Em 2018, a Academia Guarulhense de Letras completa 40 anos de atividades. Dezenas de escritores e voluntários foram fundamentais na edificação dessa história. Na galeria de ex-presidentes – além de Gasparino, o pioneiro –, nós encontramos as imagens de João Ranali, Flávio Trombetti, Adolfo Noronha, Milton Ziller, Ary Baddini, Armando Colacioppo, Bismael Moraes, Castelo Hanssen, Isabel Borazanian e Clóvis Domingues. Todos são imortais!

A solenidade de posse de três membros, escolhidos entre os escritores que se candidataram neste ano, terá o reconhecimento ao delegado de polícia Alexandre Gargano Cavalheiro, que irá ocupar a cadeira 20, cujo patrono é Menotti Del Picchia; ao educador Fábio Cardoso dos Santos, que assumirá a cadeira 28, que tem Onofre Leite como protetor; e ao advogado João Carlos Biagini, que será o titular da cadeira 24, que tem o saudoso José Manuel Mateos Martinez como tutor.

Em comum, os três novos acadêmicos têm imensos carinho e gratidão pela cidade de Guarulhos e por suas iniciativas. Na sabatina

realizada no dia 6 de junho, na sede da AGL, no bairro de vila Galvão, os escritores dedicaram a sua melhor energia no sentido de valorizar a emoção como matéria-prima, a fim de valorizar os princípios morais, éticos e cívicos.

Que as mensagens pronunciadas pelos acadêmicos, em seus respectivos discursos de posse, possam incentivar jovens escritores a trilharem caminho semelhante, registrando em palavras a sua forma de enxergar o mundo. Eu faço votos para que muitos livros sejam produzidos nos próximos anos. As novas gerações de guarulhenses têm muito a nos ensinar sobre o nosso futuro na Terra. O evento lítero-musical será realizado na quarta-feira, dia 27 de junho, a partir das 20h, no auditório Abílio Baeta Neves – Fig/Unimesp (av. São Luiz, 315 - Vila Rosália, Guarulhos, SP).

### CAMINHANDO, ORANDO E SEGUINDO A NAÇÃO

“Aquilo que nos acontece não é tão importante quanto a maneira como reagimos a tal fato”. Quando eu li essa frase no livro ‘O Poder do Pensamento Positivo’, de Norman Vicent Peale, descortinou-se nova realidade para o meu aprendizado nesta Escola Planetária. Realmente, a maneira como os outros agem e os acontecimentos fortuitos fogem ao nosso controle. A nossa reação, pelo contrário, é o que demonstra se estamos indo bem no Curso. A nota para cada prova é dada por nossa própria consciência.

Eu acredito que são poucos os fatores que dependem de nossa vontade. Há quem pense diferentemente, e eu respeito esse posicionamento. A verdade é que, em passado recente, eu precisava de gasolina para abastecer o meu veículo, mas não conseguia comprar o precioso líquido. O problema não era falta de crédito, como é do conhecimento de todos os brasileiros.

Foi por isso que eu resolvi transformar o ácido limão em doce limonada: calcei o tênis e decidi ir trabalhar a pé. Segundo o ‘Mr. Google’, a caminhada demandaria cerca de 80 minutos. Vesti-me de coragem e saí de casa às 6h13 daquela fria terça-feira, 29/5, disposto a andar por seis quilômetros – de vila Galvão ao Jardim Bom Clima, onde ganho o pão de cada dia. Como única preocupação havia a lembrança de que o meu joelho esquerdo doera na véspera. Era hora de orar...

Após quarenta minutos, eu passei pelo Shopping Maia; mais dez minutos e eu já estava na vila Rio de Janeiro; pouco depois, o bairro visitado foi o Paraventi. Em 1h23 de passadas largas, eu me dirigi ao relógio de ponto. O tempo obtido não foi o recorde mundial, mas o que importa é que eu cheguei bem.

Como se não fosse suficiente a caminhada da manhã, no final da tarde eu decidi retornar a pé à humilde morada da família. Mais 1h20 e eu pude observar o meu bairro natal, com o emblemático Lago dos Patos e a Escola Homero Rubens de Sá, na qual eu estudei por sete anos. Lembranças importantes vieram à mente naquele dia, inclusive as várias ocasiões nas quais o ato de caminhar era a única opção. Dois dias depois, eu pude encher o tanque do carro. Valeu mais esta experiência na estrada da vida. Por fim, eu peço a Deus para que ilumine intensamente a nossa Pátria Amada. Hoje e sempre. Em tempo – O meu joelho não doeu mais; gratidão, Senhor!



JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO

## CRÔNICA <sup>1</sup>

### BATE-BATE

Seiscentos e trinta quilômetros era a distância total da viagem, de Arujá, SP, para Belo Horizonte, MG, que faziam de automóvel, Peri e sua família. No painel de instrumentos, o hodômetro já marcava “572” e o ponteiro de combustível encontrava-se no início da reserva. Faltando quase sessenta quilômetros para chegar ao destino, Peri receou que a gasolina não fosse suficiente. Em razão disso, resolveu parar no primeiro posto que encontrasse, para abastecer.

Quatorze quilômetros depois, nada de posto. Pelo menos, não que se tinha visto. A rodovia Fernão Dias, nesse trecho, tem muitas montanhas rochosas e raros acessos para cidades. Enquanto isso

<sup>1</sup> JERÔNIMO, J.R. *Peri & Pécias no Trânsito* - Crônicas, Guarulhos, Ed. do Autor, 2018.

o ponteiro do combustível ia cada vez mais para o meio do indicador da reserva.

Mais cinco minutos de viagem, seis quilômetros foram avançados. Peri pôde avistar a uns seiscentos metros, na margem da mesma pista que estava, algo semelhante a um posto de combustível.

Reduziu a velocidade, aproximou-se e foi para o acostamento. Observou que, pela cobertura erguida, tratava-se mesmo de um posto que fornecia combustível. Além de oferecer serviços de uma borracharia. De um lado e do outro dessa edificação, poucas residências e, no entorno disso, mata.

Tal empreendimento não tinha a identificação de qualquer marca. Nem conhecida, nem desconhecida. O fabricante ou distribuidor de combustível que lhes atendia era oculto. Nenhum nome se estampava no alto da cobertura ou nas quatro bombas que dispunha. E os dois atendentes, em conformidade a isso, não usavam uniformes.

Peri, e a família, pararam três vezes na estrada, para alongar-se, ir ao banheiro e lanchar. Mesmo assim, já estavam um pouco cansados da viagem de quase oito horas. Ele notou esses detalhes do suposto estabelecimento e ponderou igualmente a raridade de postos na região. Daí, o que temer mais? A insuficiência da gasolina em seu veículo, para a sequência do passeio ou a possibilidade da má qualidade do combustível daquele local? Como o primeiro teve mais peso, decidiu abastecer ali mesmo.

Sem pensar com clareza, resolveu encher o tanque. Achou que assim ficaria sossegado por muitos quilômetros e por um bom tempo. Porém, perguntou antes, ao frentista:

— Posso pagar com cartão de crédito?

— Não.

— E de débito?

— Também não. Só com dinheiro.

Peri irritou-se com essa condição e considerou a ideia de sair dali, sem abastecer. Todavia, receou não encontrar outro posto a tempo de evitar que seu carro ficasse sem combustível no caminho.

— Então, põe só vinte reais de gasolina. — disse ao homem, entregando-lhe a chave. E já separou o dinheiro para pagar-lhe, assim que ele a devolvesse.

Terminado o atendimento, Peri com sua família voltou à rodovia. Acelerou até o limite da velocidade regulamentada e assim se manteve.

Quando restavam vinte e dois quilômetros para o destino, notou que o carro estava diferente. Havia um ruído a mais, vindo sob o capô, e o rendimento do motor não era o mesmo de antes. Como faltava pouco para chegar, Peri resolveu manter a viagem. Tendo, porém, o cuidado de ir mais devagar, para não forçar o motor.

Finalmente chegaram à casa dos tios de sua esposa. Todos se cumprimentaram com muita alegria pelo reencontro de pessoas queridas que há muito não se viam.

— Como foi a viagem? — perguntou um dos tios.

— Foi tudo muito bem até faltar uns vinte quilômetros para chegar aqui. O motor caiu de rendimento e começou a fazer um ruído de bate-bate, bem estranho. Nunca teve isso.

E o tio continuou:

— Você, por acaso, parou em algum posto para abastecer na estrada, pouco antes de chegar em Beagá<sup>2</sup>?

— Sim. Como adivinhou?

— É combustível “batizado”<sup>3</sup>. Essa descrição que acabou de fazer é o que tem ocorrido com veículos abastecidos em alguns dos postos de estrada aqui por perto.

— Poxa! Eu sempre ouvi dizer que era para se evitar esse tipo de combustível. Mas não sabia exatamente que era isso que fazia no carro. E agora, dá para tirar essa gasolina?

— Você colocou muito?

— Quase dez litros.

— Olha. Levando em conta que já usou uma parte disso, se abastecer, já, com uma gasolina boa, de preferência aditivada, a situação se normalizará.

Disse isto e indicou um posto de combustível de sua confiança, próximo da casa.

— E eu que me aborreci porque naquele posto não aceitavam cartão de crédito e nem de débito, hein. Ainda bem, pois do contrário teria enchido o tanque e o problema poderia ser muito maior.

---

<sup>2</sup> Beagá: é como a cidade de Belo Horizonte também é conhecida, escrevendo-se por extenso os nomes de suas letras iniciais, BH.

<sup>3</sup> Combustível batizado: é como se diz, na gíria, para o combustível que foi adulterado, que sofreu o acréscimo de solventes, água e outros químicos, a fim de se aumentar o volume do líquido em detrimento da qualidade, para se ampliar irresponsável e criminosamente o lucro na venda.

E a filhinha de Peri, que estava do lado e ouviu toda a conversa, perguntou para ele:

— Papai, esse problema parece com aquele de quando o gato entrou por baixo do carro e ficou pertinho do motor, não é? Também fazia barulho quando o carro andava, mas era “miau, miau...”.

— É, minha filha. É parecido, mas nesse caso foi outro tipo de “gato”<sup>4</sup>.

Peri seguiu o conselho e, realmente, o tio de sua esposa tinha razão. O carro imediatamente passou a funcionar como se nunca tivesse tido qualquer problema mecânico. E Peri ficou mais esperto com relação a esses postos esquisitos e combustíveis com preços abaixo do possível. Conscientizou-se de que deve planejar melhor suas viagens. Prevendo, por exemplo, os casos em que o trajeto consuma mais combustível do que o que cabe no tanque. Para, nessas vezes, abastecer próximo do meio da distância entre a origem e o destino. E em postos que inspirem confiança.

Confiança que, aliás, se leva anos para conquistar e minutos para perder. Por ser valiosa, cultive-a, para merecê-la.

---

<sup>4</sup> Gato: gíria que significa trambique, coisa errada, gatuno, larápio.

## POEMAS

### ACADEMIA AO MUNDO

Ao confrade que ingressa  
na Academia Guarulhense  
de Letras, que se exalta,  
e a esta igualmente.

Festejamos sua chegada,  
e louvamos sua jornada.

Parabéns pela vitória!

Que a saúde seja plena  
pra você, em cada cena,  
expandir a sua história.

E que seja a sua glória  
também desta Academia  
com talento, boa vontade  
pro serviço dia a dia.

Ao trabalho sê bem-vindo,  
que o mister é infindo  
na Academia que é feita  
pelo membro dedicado,  
que sempre, lado a lado,  
segue unido na empreita.

Pra missão dar-se perfeita  
a vaidade seja nada,  
e a humildade: tudo!  
Pra obra ser edificada.  
À promoção da leitura,  
à produção da cultura,  
criada em cada reunião,  
realizada nos eventos,  
que pra serem a contento  
requerem sua atuação.

Ao confrade, gratidão,  
por devotar o seu favor  
à causa desta associação,  
com a bênção do Senhor.  
Compartilhe a alegria,  
convivência e sinergia,  
venha pois, respire fundo.  
Vamos juntos pra fazer  
a Academia ascender,  
e prosperar ao mundo.

BEBIDA <sup>5</sup>

Uma gigantesca tolice,  
tal, que beira à sandice:  
ingerir bebida alcoólica e dirigir.  
Corrija-se dessa tontice,  
antes que haja fim triste.  
Respeite a vida, permita o porvir.

Bebida alcoólica é qualquer líquido potável  
que em sua mistura tenha  
meio grau ou mais de álcool.

É pouco, mas suficiente  
para prejudicar a mente  
de quem decidiu ingerir.  
Porém, sábio, não vai dirigir.

É preciso ter consciência  
e a lei tem que ser dura,  
em favor da providência,  
da vida no trânsito segura.

Para, em grave erro não cair,  
todos já conseguem saber:  
quando escolher dirigir,  
álcool não se deve beber.  
Mas, se ébrio vir a ficar,  
deixe um sóbrio te levar...

<sup>5</sup>. JERÔNIMO, J.R. *Vias e Versos - por um trânsito mais humano*,  
Guarulhos, Ed. do Autor, 2018.

FRASES <sup>6</sup>

*Que se aceite as diferenças até onde não se afetem as  
igualdades.*

*Em vez de se realizar uma ação e, após, se providenciar a  
razão, como fazem os incautos, primeiro tenha a razão, depois  
aja, então.*

*Na vida, mesmo que não pareça, cada um está fazendo o  
melhor que pode; o problema é que a maioria não sabe o que  
pode.*

*Bituca no chão é quase um vandalismo praticado por  
pessoas quase educadas.*

*Nada contribui mais para a integridade da formação de  
novas gerações do que a moral incluída no exemplo dos que  
as ensinam.*

*Muitos dos grandes avanços não teriam sido alcançados  
sem que antes uma crise tivesse acometido seus agentes.*

*Motivos elevados, razões poderosas.*

<sup>6</sup>. JERÔNIMO, J.R. *As Mil Frases de J.R. Jerônimo*, Guarulhos, Ed. do  
Autor, 2014.



MARLENE AUXILIADORA TORRIGO

## POEMAS

### CANÇÃO DO POETA

Homem, teu nome é poesia

És poeta ao nascer

Poeta ao viver

Poeta ao morrer

Poeta explodindo de alegria

Poeta chorando de nostalgia

Poeta assumindo as suas fantasias

Poeta, eis aí o teu nome, homem!

Cuida dos versos da tua vida

Desvia do lobisomem

O que dizer dos teus medos e incertezas?

Como enfrentar as madrugadas negras?

As respostas estão escritas na palma da tua mão  
Os segredos da tua vida navegam em nau sem destino

Poeta, não desista, não!

Poeta floreia a rima, esquece o caixão

Canta, poeta, canta

Canta a canção do coração

Canta, poeta, canta

Arranca do peito o medo do amanhã

Poeta reconstrói o túnel, pisa fundo

Que o ontem e o amanhã é hoje

Homem, és infinitamente poeta

Não temas errar

Não temas sonhar

Não temas levar

Sinta, sinta o sol nascer

Sinta, sinta teu rio de sangue ferver

Sinta, sinta o amor acontecer

Sinta, sinta o ódio enrubescer

Poeta, aceita a derrota

Festeja a ilusão

Poeta, exhibe ao mundo o melhor dos teus sonhos

Sorrindo assista o flash das tuas emoções

Poeta não desista, não!

## ALVORADA

Alvorada do meu viver,  
que todas as manhãs

faz renascer

meu coração,

esse forte,

esse guerreiro,

que arroja-me a escrever

tudo que sinto,

tudo que sei.

Alvorada do meu viver,

desfolhando amores,

florindo estações,

eis-me aqui

em alta madrugada

acariciando meu coração

que pulsa,

que estremece,

na ilusão dos dias meus.

## RASTRO DE SAUDADE

Como um bólido  
 Atravessaste o meu destino,  
 Devastando o meu jardim,  
 Despetalando as minhas rosas,  
 Não se importando comigo,  
 Co'os meus dias tristes assim,  
 Chorando sem teu abraço  
 Ao som de uma melodia  
 De versos despedaçados.

Passou  
 Como passam as estações  
 Passou...  
 E não se incomodou  
 Com o rastro de saudade  
 Que deixou.

## ÉRAMOS NÓS NA FITA

Puxa, chegamos até aqui! Que jornada! Alcançamos o tempinho das indisfarçáveis marcas de expressão, dos cabelos grisalhando, dos quilinhos a mais, do cansaço fácil, da memória nos pregando peças e dos dramas osteomusculares. Bem, os nossos conceitos e doutrinas mudaram um pouco, mas somos os mesmos em questões de espiritualidade, e passamos garbosos pela maturidade de onde vínhamos trabalhando desde crianças -pois é, no nosso tempo crianças trabalhavam, e muito!

Claro que na nossa jornada até aqui nem tudo foram flores. Passamos por poucas e boas, mas nós ascendemos a um novo século e um novo milênio. Isso não foi fantástico? Presentemente somos vencedores seguindo em frente. Melhor, fazendo tudo sem a urgência de quando éramos jovens papa-léguas.

Destarte, não nos mostremos intransigentes com os arroubos juvenis da moçada d'agora, afinal somos remanescentes de uma era inesquecível. Quando o homem aterrisou na Lua já ouvíamos a explosão dos acordes da guitarra, o movimento sociocultural Os beatniks, o desenvolvimento da indústria cinematográfica lançando grandes atores e atrizes, assistíamos a revolução da moda, a euforia consumista pós-guerra, a irreverência dos hippies, dos yuppies, a excentricidade de Elvis Presley, Andy Warhol, e Twiggy, a coragem da nossa inesquecível Leila Diniz, símbolo da revolução feminina no Brasil, a Jovem Guarda do Roberto... Ah, a birutice de quando éramos jovens! Sim, éramos nós na fita.

Agora, cá estamos, jovens-velhos, vivendo um dia de cada vez. O importante agora será darmos atenção especial à saúde, à alimentação, à prática de atividades físicas e lapidação dos nossos instintos espirituais. Também acho válido cuidarmos da aparência, manter-nos bonitos, iludir-nos com o restinho da nossa juventude.

Visivelmente, os mais velhos do que nós, cedem ao peso dos anos, tendo cumprido o destino de cada um, beneficiados que foram com o maior de todos presentes, uma longa vida! Doravante, sustentados pela fé, em redenção, eles transportar-se-ão à Eternidade.

Medo da morte? Não, não devemos nos focar demasiado nesse tema. O nosso coração, o nosso espírito, hão de nos preparar para o segundo maior evento da vida. Qual o primeiro? Ter nascido, claro! Destarte, por enquanto sigamos nas trilhas da nossa exuberante existência. Passeemos nas trilhas ricas de aromas e desejos, cores e sons, flores e frutos.

### A NONA SINFONIA

Àquela tarde quente, em meio àquelas pessoas alegres e festivas, eu senti tristeza e solidão. Sentia um imenso mal-estar. Sabia que se permanecesse na festa da empresa, onde trabalho, o dique irromperia. Eu via pontos brilhantes brincando ante os meus olhos. Adocera do nada. Ou do tudo. Ali, bem ali, em meio às comemorações, a minha alma inventou de entrar em conflito com questionamentos da vida e da morte. Olhava as pessoas felizes e não sabia se elas eram parte de um sonho. Estariam vivas realmente? Eu estaria viva? Sonhava? O mal-estar se me acentuou. Sabia que precisava deitar para aliviar a pressão na cabeça. Quando os convivas seguiram para os discursos na sala de auditório a fim de assistir uma projeção de slides sobre o andamento da instituição, esgueirando-me saí, fugi, evadi-me. Exímia fugitiva eu. Ninguém em casa. Tomei dois copos de água, comi uma banana prata e desabei no tapete da sala. A sensação de peso na cabeça diminuiu. A magia de deitar trouxe-me um agradável bem-estar. Sem ninguém em casa eu teria a tarde toda para permanecer ali. Cerrei os olhos e meditei. Quando os descerrei, os pontos brilhantes haviam sumido.

A paz invadiu-me. Eu flutuava. Ri da minha covardia, de ter fugido da festa com tantas iguarias a serem servidas. Mas eu tinha que fugir ou o dano seria maior. Eu entrara em estado de confusão por causa do diabetes e se ali tivesse permanecido meu estado de saúde pioraria. Cerrei os olhos novamente. Slides de momentos da minha vida entraram em cena. Para fugir à projeção, pusilânime liguei o som. Beethoven invadiu a harmonia da sala. Beethoven, ele criou luz na treva. Aprendi a ouvi-lo quando... Quando morreu algo em mim. Lembrando um fato triste, lágrimas inconvenientes ameaçaram escorrer pelos cantos dos olhos. Eu chorava sem estar chorando. Pedi calma ao meu coração. Relaxei novamente. Transcendi-me. Pensei que teria de seguir, dar continuidade às páginas do meu destino até morrer-se-me ela, a vida, na última página. Meio que delirando, me vi bem no finalzinho de um drama nebuloso, no qual um anjo surreal me dizia aquilo que eu sei desde sempre, que tudo na vida é um sonho. Sim, um sonho que vive nas batidas do meu coração, que pulsa nas minhas veias, que transcende nos meus sentidos, nos meus sonhos, nas minhas fantasias. Ouvindo a Nona Sinfonia, rendida pelos acordes, adormeci enfim.



MAURO DOS  
SANTOS OLIVEIRA

### CONFRARIA

Passa das 13h30min. e acabamos de estacionar o automóvel às margens do tradicional Lago dos Patos – Guarulhos. Passos apressados, enveredamos pela escada que nos leva a uma edificação de forma arredondada cognominada de “Casa das Máquinas”, pois, outrora, servia de abrigo de traquitanas engenhosas que moviam maquinário necessário para o fim destinado. O trajeto nos leva a uma porta de vidro com o dístico no frontispício anunciando: Academia Guarulhense de Letras. Na sala de formato ovalado há uma mesa retangular rodeada por cadeiras de encostos altos e forradas de material vermelho, acentuando o aspecto formal do ambiente que, também, conta com prateleiras ao redor onde estão dispostos livros que ajudam a contar a história do nosso Município. De outra banda, observa-se a galeria que ostenta fotografias de ex-presidentes, dispostas lado a lado e encimadas por outro retrato em destaque, homenagem póstuma ao eterno secretário e confrade

Laerte Romualdo de Souza. O relógio marca 13h45min. e a secretária Teresinha se movimenta para preparar o ritual que antecede a reunião mensal que congrega a cúpula do Sodalício. Numa pequena mesa, dispõe garrafas com sucos que preparou momentos antes em seu escritório, copos e um recipiente próprio para aquecer café, trazido pela confeitaria Wilminha. Sobre a mesa principal Teresinha alinha papeis, canetas, ofícios, além de uma circunstanciada pauta que norteará os assuntos que serão debatidos. Tudo preparado, começam a chegar os partícipes com sorrisos estampados nos rostos como se fossem para uma festa. O cumprimento, via de regra, ocorre com abraços afetuosos como se tratam os irmãos e/ou entes queridos e, as cadeiras identificadas com o nome de cada acadêmico, vão sendo ocupadas e as conversas versam sobre assuntos literários. O relógio inclemente registra 14h e o presidente José Augusto decreta o início da reunião conclamando a um dos presentes que dite palavras de conforto e de cunho litúrgico, almejando um encontro produtivo, onde os debates sejam positivos e culminem com soluções para as pendengas acadêmicas. Dentre os assuntos pautados para esta reunião, sobressai um de relevante valor, considerando os vários compromissos que o Sodalício tem que cumprir até o derradeiro dia do ano andante. A gestão em comando, através de seu núcleo operativo, foi convidada para representar a Confraria em inúmeros eventos literários já programados, dentre os quais, a Bienal do Livro que será instalada em nossa Urbe durante a primeira quinzena do mês de dezembro. Sendo o Sodalício a única Instituição de reconhecimento público que representa as letras por estas plagas, cabe-lhe lugar de destaque no monumental evento e, como tal, ocupará espaço de relevante notoriedade, cabendo-lhe, inclusive, promover debates, palestras e mediações entre os literatos que se apresentarão perante uma plateia que, presume-se, constituir-se-á de mais de duzentos mil espectadores amantes das letras. Para honrar a representatividade

que foi conferida à nossa Instituição, os acadêmicos que primam pela assiduidade e que hoje formam um Colegiado composto por 14 membros, decidiram por votação unânime prorrogar o mandato da atual diretoria até o dia 31 de dezembro de 2018. Bom seria se, para tomar decisão de tamanho vulto, estivessem ocupadas as quarenta cadeiras que circundam a mesa de reuniões, porém, salvaguardados os direitos dos adoentados que, acamados, têm dificuldade de locomoção, alguns escritores se desobrigam de qualquer movimento em prol da Academia, preferindo a facilidade da rede social para manifestar assuntos particulares e dissociados das letras, justificando o direito de ostentar a glória da imortalidade. Graças aos devotados confrades com as causas de disseminar o conhecimento, o estado maior da cultura guarulhense repousa na solidez e no reconhecimento público da Academia Guarulhense de Letras. Seus componentes, tidos e havidos como imortais, perpetuados que são por suas obras literárias, têm a obrigatoriedade de respeitar os princípios basilares editados por nossos ancestrais, edificando, solidamente, a Confraria no pedestal da cultura e do conhecimento. Cabe a nós, remanescentes de uma casta de real valor, empunhar a bandeira da cultura e disseminar dentre os munícipes o saber e o conhecimento, buscando, sempre, a promoção dos amantes das letras a se prepararem para atingir um lugar ao Sol. Forçoso lembrar o inexcusável vulto da cultura brasileira, Monteiro Lobato, autor da memorável frase: “Um país se faz com homens e livros”. Às 16 horas o confrade Augusto Pinheiro encerrou os trabalhos da oitava reunião festiva da nossa Instituição, encontro agradável e produtivo, primando pelo zelo e pela melhor forma de conduzir o destino da Confraria que segue o seu rumo com a responsabilidade de se manter como guardião do vernáculo brasileiro.

## COMUNHÃO DE ALMAS

Sonhei que buscava Deus  
 Saber onde Ele caminha  
 E para delírios meus  
 Deus se chama Teresinha

Se um dia você me faltar  
 Não vai me faltar mais nada  
 A vida se encerrará  
 Como se findasse a estrada.

Se eu nasci só pra lhe amar  
 Espero que não se zangue  
 Vou me liquidificar  
 Para integrar o seu sangue

Assim, resolvo o problema  
 Chega de tanta barganha  
 Não existe mais dilema  
 Hábito as suas entranhas.

Hás de sentir-me na alma  
 Como chama que incendeia  
 Pois, como o sangue que salva  
 Percorrerei suas veias.

## REFLEXÃO...

Às vezes os olhos contemplam a silhueta  
 desnuda da mulher amada,  
 Registram, milimetricamente, a sensualidade natural que acalma  
 Refletem, as retinas, para o coração,  
 imagens que ficarão tatuadas,  
 Não fisicamente, mas, indeléveis, impregnadas  
 na profundidade d'alma

Assim, dessa forma, sem tirar nem pôr, transcrevo  
 sentimento que pôr ti cultivo,  
 Se puro, resta auferir, saborear, consumir,  
 constatar, sorver de peito aberto  
 Aí, sim, hás de perceber que minha entrega  
 é desmedida e o meu amor cativo,  
 E então, os amores, os louvores e os pudores  
 se escancararão, por certo.

Você é base consolidada,  
 é fiel da balança, é consciência,  
 Surgiu como estrela-guia, viés entre  
 o passado e o futuro,  
 Restabeleceu parâmetros,  
 conduziu com mão de ferro e inteligência,  
 Entregou-se, me arrebatou e me proporcionou  
 um porto amplo e seguro.

Assim, caminha a esperança infinda,  
 buscando luz em natural anseio,  
 E eu, quase feliz, me esforço para devolver tanta  
 atenção, amor, quimeras,  
 Sem saber se o resultado atinge o pretendido,  
 objetivo fiel e sem rodeios,  
 Ou se me faço entender, compreender, nas confissões  
 verídicas e sinceras.

### CONFISSÃO...

Eu passava pela vida sem ocupar espaço, perambulava,  
 andava a esmo, até que, por obra divina, resvalei na felicidade, ao  
 deparar, quase que sem querer, com o cintilar dos seus olhos.

Ao primeiro contato, prevaleceu a inocência pueril, quase que  
 imperceptível, mas, sub-repticiamente, marcou presença,  
 resplandeceu na retina, a ponto do cérebro ordenar novos contatos.

Tanto que, instintivamente, quando ao seu redor, meus olhos  
 buscavam os seus, bastava um encontro e sob os mais frágeis  
 pretextos, numa necessidade de saciar a vontade de fitar o belo e  
 se iluminar com a luz que deles emanava, lá estavam os meus  
 olhos à procura dos seus.

Atraído, de forma atroz, por maviosos olhos, passei a interpretá-  
 los. Ora vislumbrava-me com o colorido, ora enternecia-me com o  
 intenso lumiar, para, em seguida, entusiasmar-me com a forma  
 arguta de se expressar, numa manifestação lúdica, valendo roubar  
 de um poeta desconhecido a frase “Os olhos pareciam falar”.

### MEU BEM QUERER

De que me importa o passado, as conquistas e  
 vitórias, se você esteve ausente?  
 De que me importa ter vivido, se passei pela vida  
 e você não partilhou em nada?  
 O que me importa mesmo, é viver  
 intensamente o tempo atribulado do presente  
 Que não sinto passar, aqui estás, elo de amor, meu tudo,  
 minha amante idolatrada.

És o troféu conquistado por feito extraordinário  
 que fiz sem sequer dar conta  
 Que guardo a sete chaves e cuido com exaço,  
 como se fosse um mecenas  
 Nem sei se mereço tanto, só sei que cultivo muito,  
 sem temer quem nos afronta  
 Dou-lhe a vida, recompensa pela entrega do corpo,  
 da alma e atitudes extremas.

A mente fatigada, às vezes deixa a desejar,  
 profiro impropérios, firo-te a alma.  
 No intuito de fazer valer a verdade verdadeira,  
 a realidade, a letra fria da lei  
 Mas, manténs a elegância de sempre, consciente,  
 tênue, o protótipo da calma  
 Provando que a singeleza é o melhor remédio,  
 percebo, então, que extrapolei.

No dia a dia, na lida ferrenha da vida, dás  
 exemplos com simplicidade atroz  
 Aquece os desalentados, enquanto orienta aquele  
 que se perdeu ao sucumbir,  
 E, se o momento requer, ilumina o atormentado,  
 preparando-o ante o seu algoz  
 Fortalecendo espíritos, alçando almas,  
 mostrando o lume de um melhor porvir.

És, simplesmente, incomparável,  
 sem ferir o restante da espécie feminina  
 Até porque, por algumas nutro fraterno amor, respeito  
 e admirável consideração  
 Mas, fazer o que, se és diferente, és mulher adorável,  
 és amante, és divina  
 E o referendo dessa assertiva vem da alma,  
 devidamente filtrado pelo coração

### CONCRETIZAÇÃO DE SONHOS

A alvice dos meus cabelos, ora já tão raleados,  
 Traduz os meus pesadelos, noites e noites, acordado  
 Sem saber se os seus desvelos, para mim são dedicados  
 E essa dor de cotovelo, muito me tem desgastado.

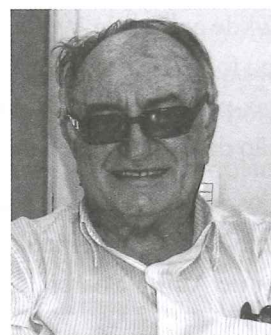
Porém, esse meu juízo, deve, sim, ser contestado  
 Porque o amor que preciso, por você é ofertado,  
 Total, gostoso, conciso, me faz todo iluminado  
 Com você eu afinizo, sou eterno apaixonado.

Se na esfera terrestre fui ungido com a benesse de tê-la  
 Se sou teu, seja como escravo, escudeiro ou confessor  
 Certamente, noutra vida me iluminarás, tal como uma estrela  
 Num resplandecer de luz, de paz,  
 de compreensão, de amor.

Não sei se o amor é mensurável,  
 face a emoção indescritível de tocá-la  
 Porém, tenho certeza que de tanto amar,  
 nutro por ti, verdadeira idolatria  
 E se já não consigo mais conter a vontade  
 indômita de querer beijá-la  
 De que me importa saber se amar e te ter,  
 carece de dosimetria?

Gostar de ti floresceu no meu ser como imperativo de vida  
 E, de forma natural, me fez hospedeiro do teu próprio viver  
 Querendo-te, fui vivendo, te absorvendo de forma incontida  
 Gostar de ti foi maneira única de lutar para não morrer

Se dez vidas eu tivesse,  
 poucas seriam para colocar ao seu dispor  
 Mas, bom seria, perpetuar-me para  
 aumentar o nosso convívio  
 Multiplicar, imortalizar o incomensurável  
 e tão sublime amor  
 Que frutifica, aumenta mais,  
 provocando sensação de alívio.



PLÍNIO TOMAZ

#### ABILIO SOARES

Existiu um português naturalizado brasileiro, que foi vereador na capital e que tinha muitas terras em São Paulo, bem como em Guarulhos.

Uma primeira curiosidade é que em um relatório do governo do Estado de São Paulo, de 1908, do Diretor Arthur Motta da Secretaria da Agricultura, aparece o nome dele que queria vender terras ao governo para abastecimento de água da capital.

Abílio Soares ofereceu ao governo do Estado de São Paulo 6 mil alqueires de terra por 5.000 apólices estaduais de conto de reis. Estas áreas estavam em Guarulhos na região do Tanque Grande, Ururuquara, córrego das Lavras, Ribeirão dos Veigas e outras. Arthur Motta sugeriu ao governo do Estado fazer um plano de abastecimento de água para São Paulo num raio de 50 km a 60 km.

Mais tarde, em 24 de agosto de 1919, ele foi assassinado nas Sete Pontes e seu corpo foi trazido à delegacia de Guarulhos, perto da Igreja Matriz, e o ex-prefeito Rinaldo Poli era menino quando viu o seu corpo no chão da delegacia, cheio de mosquitos.

Foi assassinado por questões de terra, a mando de João Siqueira Bueno, conhecido como João da Invernada, devido a sua Fazenda Invernada. Motivo foi de Abilio Soares falar mal de sua esposa, dona Alzira.

Abilio Soares, pelo que depreendi de minhas leituras, era um tipo de grileiro muito rico e o apelidavam de ricoço.

Em 1922 seus herdeiros venderam a Fazenda Cumbica à família Guinle, que posteriormente doou grande parte da Fazenda Cumbica para fazer a Base Aérea de São Paulo. Por coincidência, quem construiu a base militar em Guarulhos foi um primo do meu pai, chamado Olavo Facchini, que era engenheiro civil formado no Mackenzie. Lembro quando era pequeno que meu pai sempre falava dele em casa, mas nunca o conheci.

## BATALHA DE CULLODEN

A última batalha terrestre que ocorreu dentro do Reino Unido foi a Batalha de Culloden, entre escoceses e ingleses, no dia 16 de abril de 1746. A batalha aconteceu na Escócia, no pântano de Culloden.

Os escoceses eram católicos e queriam que o rei da Inglaterra e da Escócia fosse um católico descendente dos Stuarts. Foram comandados pelo príncipe Charles, que fugiu para a França após a derrota. Os ingleses foram comandados pelo odiado Cumberland.

Cheguei a comprar dois livros na Amazon/Kindle sobre a Batalha de Culloden para entender um pouco. Há um seriado na Netflix chamado Outlander, que é muito bom.

Os escoceses foram facilmente derrotados em menos de uma hora pelos canhões e rifles modernos ingleses com seus 9.000 soldados.

Com esta derrota deixaram de existir todos os clãs na Escócia e não puderam mais usar aquela saínia (tartan), o que só voltou a ser autorizado 100 anos depois. Foram proibidos também a gaita de fole e a língua gaélica escocesa.

Os Highlander (Terras Altas), como eram chamados os clãs escoceses, eram aproximadamente uns 50. Em cada clã, o chefe cobrava impostos de todos na área abrangida pelo clã e tinham obrigação de lutar com ele em qualquer guerra. Com a derrota de Culloden, acabaram-se os clãs e as obrigações dos súditos passaram a ser com a Inglaterra e não com o chefe do clã.

Exemplos de alguns nomes de clans: MacGregor, MacDuff, MacLaren, MacRae, MacKintosh, MacKenzie etc.

A palavra Mac significa “filho” e Nic significa “filha”. Assim, MacDonald é filho de Donald e NicRath significa filha de Rat. Todos do clã têm o mesmo nome, mas apenas o chefe é chamado somente pelo nome do clã.

O exército escocês tinha rifles que alcançavam até 27 metros, enquanto que os dos ingleses iam até 70m. Foi um massacre total e os escoceses nem chegaram a usar os seus canhões ultrapassados.

Os escoceses não tinham um comando único.

Após a derrota, milhares de escoceses emigraram para os Estados Unidos.

Após a derrota de Culloden, os escoceses tiveram suas igrejas saqueadas e destruídas por Cumberland e tinham que fazer batizados e casamentos escondidos.

## MAIOR DERROTA DOS INGLESES

A história mostrada pelos vencedores é sempre diferente da verdadeira.

O Japão em 1941 derrotou os ingleses na Malásia.

Os ingleses tinham a sua maior fortaleza em Singapura, na Ásia, e enormes canhões apontados para o mar. Foi construída em 1922 por 25 milhões de libras e era o símbolo do domínio inglês na Ásia. Todo o comércio inglês passava por Singapura. Todas as armas pesadas dos ingleses eram contra navios e não contra combate terrestre. Nenhum navio conseguiria dominar os ingleses. Quando visitam Singapura em 1940, os japoneses concluíram que a única solução para entrar na guerra era ir pela floresta.

Os ingleses achavam que os soldados japoneses eram muito inferiores e não conseguiriam atravessar a floresta. Churchill achava que só a presença visível da Força Naval Inglesas já era suficiente para afastar qualquer agressor.

Os ingleses mandaram dois cruzadores, sendo o mais moderno o Prince of Wales e Repulse, o mais velho, bem como 4 destróieres e não tinham nenhum avião. Em menos de duas horas os bombardeios japoneses afundaram os dois navios. Agora era o tempo dos porta-aviões e não mais dos grandes cruzadores. Em um filme da Netflix sobre a segunda guerra mundial dá para ver o estrago que os japoneses fizeram na Ásia. Os japoneses perderam a guerra, mas todos perderam suas colônias.

Mas, 30.000 soldados japoneses atravessaram a floresta tropical e aprisionaram todos os 90.000 ingleses que estavam esperando ataques pelo mar. Foi a maior derrota dos ingleses em sua história e ninguém fala disso. Nunca vi um filme a respeito.

O exército japonês dominou toda a costa da Ásia numa guerra-relâmpago, semelhante à Blitzkrieg Alemã, o que eles chamavam de ABCD (Americanos, Britânicos, Chineses e Dutch-Holandeses). A guerra fez com que todas colônias inglesas e outras fossem perdidas para sempre. Existe um livro que comprei na Amazon/Kindle chamado *Forgotten Armies*, escrito em 2005 por Christopher Bayly e Tim Harper com subtítulo: “Guerra do Império Britânico com o Japão”, que é muito bom; nele se pode ver a reação dos povos locais, que depois ficaram independentes. Se não houvesse a guerra, os países seriam ainda colônias ou totalmente dependentes da Inglaterra.

A Índia conseguiu sua independência em 1947. Em 1946 foi reconhecida a independência das Filipinas, que chegou a ser da Espanha e dos Estados Unidos. Não só os ingleses, mas os americanos também foram derrotados pelos japoneses das Filipinas.

## AMADOR BUENO DA RIBEIRA

O escritor Celso Pinho conta no livro *Candinha*, sobre Amador Bueno da Ribeira.

Em 1580, Portugal, sem nenhuma guerra, passou a ser governado pela Espanha. Isto durou até 1640, quando o povo se revoltou e Portugal voltou a ser independente.

Na província de São Vicente, onde estava São Paulo, havia muitos espanhóis e eles livremente escolheram o imperador de São Paulo em 1641, chamado Amador Bueno da Ribeira, que era espanhol.

Mas Amador Bueno da Ribeira não aceitou e deu viva à família dos Braganças. Queriam matá-lo e ele se refugiou na Igreja de São Bento, em São Paulo, e depois de 3 dias os padres saíram às ruas, acalmaram o povo e aclamaram Portugal.

Este Amador Bueno da Ribeira é que deu origem a família Barbosa, Franco, Rinaldi, Almeida em Guarulhos.

#### DANIEL PEDRO MULLER

O dr. Celso Pinho, no seu livro *Candinha*, fala do dr. Muller.

Foi ele que fez a av. Silvestre Pires de Freitas, que saía da Praça 8 de dezembro, no Taboão, para ir de Guarulhos até Mairiporã. Era uma picada. O nome inicial era Estrada dos Paulos, depois Estrada dos Veigas.

Ele morreu pobre e suicidou-se, afogando-se no rio Pinheiros, com 56 anos de idade.

Tinha uma biblioteca com 800 livros.

Foi um parente de Daniel Pedro Muller chamado João Guilherme Cristianiano Muller que encaixotou todos os livros da Biblioteca Regia e mandou embargar apressadamente, o que conseguiu na nau Medusa para vir ao Brasil, em 1808. Em 1811, veio o restante dos livros.

D. Joao VI chegou ao Brasil em 1808 e em 30/08/1810 proibiu os paulistas de andarem encapuzados, o que era um costume de homens e mulheres, devido a doenças na pele causadas pela varíola.

Era tenente coronel e foi o primeiro diretor de obras públicas da Província de São Paulo. Muller era um engenheiro militar formado em Portugal e foi o primeiro pastor luterano da Congregação Evangelista Alma em Lisboa, além de diretor da Academia Real das Ciências de Lisboa. Depois Muller se converteu ao catolicismo.

Muller nasceu em Oeiras, Portugal, em 26 de dezembro de 1785 e morreu em São Paulo em 1841, com 56 anos de idade.

Em 1818, chegaram ao porto de Santos 755 livros seus, escritos em várias línguas: alemão, holandês, português, inglês, latim, espanhol, italiano e hebraico.

Quando foi criada a Escola Politécnica de São Paulo, em 1893, o seu primeiro diretor, Antônio Francisco de Paula Souza, cita que “nossos avós já a tinham e tentaram realizá-la” afirmando “como se pode ver pelo surgimento em 1835 do Gabinete Topográfico feito por Muller. Esse Gabinete Topográfico tinha cerca de mais de 20 alunos que eram requisitados por diversas partes do Brasil.

Pedro Muller ficava angustiado com o crescimento lento do Gabinete Topográfico. Alguns chegaram a apontar esse fator como causa do seu suicídio.

#### GUERRA CIVIL ESPANHOLA, 1936-1939

A Espanha para mim sempre foi uma incógnita. Eles tiveram muito ouro e prata de suas colônias e não souberam usar. Deveria ser o país mais rico do mundo.

Em 1555 fizeram uma grande armada para invadir a Inglaterra, o que foi organizado pelo Duque de Medina, um nobre que nunca

subiu em um navio. Foi um fracasso total. Quando os americanos planejaram o famoso desembarque na Normandia, tinham o maior medo de que fossem o Duque de Medina.

No livro que conta Buades ele mostra que sempre nas crises a Espanha mandava os desempregados para fora e houve uma época que o Brasil não queria mais espanhóis. O que autor não sabe é que o governo de D. Pedro II não queria os espanhóis por serem analfabetos e somente agricultores e não queria também os portugueses que queriam somente montar padarias. Queriam italianos que tinham todo o tipo de profissões e sabiam ler e escrever. Os italianos é que de empregados em fazendas, tornaram-se proprietários e industriais. Foram os italianos que fizeram a indústria paulista florescer.

Vi um filme novo do Netflix sobre a segunda guerra mundial, um pouco da guerra civil espanhola e percebi que não sabia praticamente nada. Dias depois de assistir ao filme ganhei de presente um livro chamado *A guerra civil espanhola*, escrito por Josep M. Buades em 2013.

Lembro do tempo de Napoleão Bonaparte, quando ele queria tomar a Espanha. O ministro do exterior, Talleyrand, o desaconselhou, pois na Espanha não tinha onde se sentar para mostrar o poder. Napoleão disse que mandaria o seu exército com 300.000 homens e que Talleyrand respondeu que “Não se pode sentar em cima das baionetas”.

A Espanha não tinha estradas e foi o primeiro fracasso de Napoleão.

Buades, 2013, faz um esclarecimento sobre as brigas imperiais dentro da Espanha até surgir a República.

Só que a república era governada pelos comunistas, anarquistas, pessoas bem-intencionadas, trotskistas, etc. Era uma confusão total.

Queriam fazer reforma agrária, mas isto iria mexer com os latifúndios e com a igreja. Queriam mexer com as forças armadas, pois a Espanha era o país que tinha mais generais no mundo. Começaram a matar padres por toda parte e, logicamente, o Vaticano foi contra os republicanos.

Começou a guerra civil. Os comunistas republicanos pediram ajuda da Rússia de Stalin, que mandou tanques pesados, aviões de combate, rifles, metralhadoras e munições.

Os russos instalaram lugares de interrogatórios dentro da Espanha, com autorização dos comunistas espanhóis e mataram todos os extremistas de esquerda, como os trotskistas etc.

Os nacionalistas que atacaram os republicanos tiveram ajuda da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini.

Vieram soldados, tanques, aviões e metralhadoras para ajudar os nacionalistas. A Itália mandou 600 aviões e 140 soldados no *Corpo Truppe Volontarie* (RV). A legião Condor, enviada por Hitler, tinha 15.000 combatentes.

A república de caráter, a meu ver, puramente comunista, começou a decretar a coletivização das indústrias. Queriam desapropriar todos os bancos e fazer uma reforma agrária completa.

Na confusão que houve na Espanha, surgiu como líder dos nacionalistas o general Franco, que acabou tomando o poder. O líder republicano era Juan Negrin.

Durante o desenrolar da revolução de 1936 a 1939, a Espanha mandou 635 toneladas de ouro para a Rússia de Stalin. Consta que Stalin determinou que não houvesse nenhum documento da entrega deste ouro e chegou a dizer que foi o pagamento dos tanques e aviões e armas enviadas e que só devolveria o ouro quando alguém

na Espanha visse as orelhas com seu próprio olho, que é a mesma coisa que dizer que nunca devolveria.

Os republicanos que na maioria eram comunistas, pediram ajuda de todos os comunistas do mundo. Assim foram formadas as Brigadas Internacionais e quando viram que a república ia acabar, os 10 mil brigadistas que sobraram saíram apressadamente da Espanha.

Uma situação interessante é que Stalin não queria que a Espanha fosse um país comunista, pois isto não fazia parte dos planos dele, que era contra os fascistas. De uma certa maneira, Stalin sabotou os comunistas espanhóis e eliminou os radicais comunistas com ajuda do governo republicano e ficou com todo o ouro espanhol.

O governo republicano sempre disfarçava que era comunista, mas chegou uma hora que não tinha como enganar mais ninguém dentro da república. Então, um general espanhol republicano deu um golpe de estado dentro da república para eliminar os comunistas.

Franco era atarracado, péssimo orador e não inventou tática nova. Casou com uma mulher muito rica e inteligente, que o ajudou muito em suas decisões.

No dia primeiro de abril, que no Brasil e na Inglaterra é o dia da mentira, foi o dia comemorado por Franco da vitória sobre os marxistas, maçons e separatistas. Entendo os separatistas bascos e da Catalunha, mas não sei porque Buades incluiu os maçons.

A Alemanha enviou para a Espanha a Legião Condor; Portugal enviou a legião Viriato.

Morreram em batalhas e em bombardeios 200 mil pessoas, 150 mil pessoas morreram na repressão e 400 mil fugiram do país por medo de represálias.

O Brasil foi um dos primeiros países que reconheceu o governo de Franco.

No final da guerra civil espanhola, a Espanha estava muito pobre e demoraria pelo menos 30 anos para ela voltar ao PIB original.

Juan Negrin colocou em um navio toneladas de bens encaixotados do governo federal e mandou para o México e em lá chegando desviaram o dinheiro roubado do governo, que deveria ser usado para ajudar os republicanos.

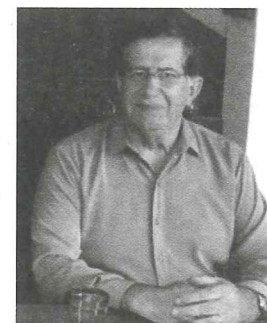
Lembro aqui de Guarulhos que tinha um funcionário chamado Paulo de Moraes, que era bem velho e excelente contador. Sua mulher era espanhola e eles foram convidados para ficar alguns dias na Espanha. Contou que estava em uma aldeia na residência do prefeito, que era a única moradia que tinha banheiro dentro da casa. Fizeram uma redinha de água simples e veio o General Franco para inaugurar, coisa que fazíamos no SAAE de Guarulhos todas as vezes sem inauguração.

A guerra civil espanhola, conforme Buades, 2013, foi um campo ideal para as novas armas e táticas do exército alemão. Foram usados os aviões Messerschmidt Me-109, que eram os mais modernos do mundo. Lá também viram a eficiência do canhão de 88mm Flak, que acabou com os tanques russos T-28 e que mais tarde foram instalados no Panzer Tiger, o tanque mais assustador da segunda guerra mundial.

Francisco Franco Bahamonde nasceu na Galícia. Seu pai era maçom e sua mãe extremamente católica. Seu pai o abandonou e ele foi criado pela mãe. Criou a Legião Espanhola, semelhante à Legião Francesa. Aos 30 anos, casou-se com Maria del Carmem Polo.

O impacto sobre o bombardeio de Guernica foi sobre Picasso, que foi contratado pelo governo republicano para fazer uma pintura

a ser exposta em Paris. Depois o quadro foi para os Estados Unidos e hoje está na Espanha. Pablo Neruda, outro comunista, também defendia a República na Espanha. Artista de cinema americano, como Errol Flynn e escritores como Hemingway, deram apoio à causa republicana espanhola.



SILVIO RIBEIRO

#### VAMOS AO CINEMA HOJE

No início dos anos cinquenta, Guarulhos contava em sua totalidade com uma população de 35.523 habitantes espalhados nos poucos bairros existentes por todo o seu território.

O centro da cidade se apresentava ainda com características de uma humilde cidadezinha de interior, com recursos precários, vias sem melhoramentos com calçamentos, apenas na rua principal, D. Pedro II, na paralela 7 de Setembro e suas travessas interligando-se é que tinham o leito totalmente calçado com paralelepípedos, não havia asfaltamento em local algum.

O comércio guarulhense restringia-se à Rua D. Pedro II no espaço compreendido entre a Praça Tereza Cristina, largo da Igreja Matriz, atual Catedral, e a Praça Conselheiro Crispiniano. Ainda não havia ali qualquer tipo de indústria, apenas o misto de comércio com moradias em alguns poucos locais.

A despeito desse pouco espaço disponível para as pessoas, tudo que devesse acontecer em Guarulhos e que teria a participação da população, sempre ocorria na Rua D. Pedro, o centro dos acontecimentos gerais, desfiles cívicos, carnavalescos, políticos e outros, onde destacava-se as grandes procissões religiosas de maioria católica.

Havia nesses tempos um verdadeiro encontro semanal, que ocorria normalmente aos sábados à noite e domingos na parte da tarde, que se prolongava até no máximo as onze horas da noite. Era o local dos encontros amorosos, passeios do vai e vem de um lado a outro da Rua, onde se praticava o famoso flerte e tudo no mais amplo respeito entre todos os envolvidos.

Na sua maioria, jovens e a adolescentes, mas também casais, famílias, e imperava o respeito, o amor, o carinho, o prazer de ali estar presente.

Os limitados locais para se sentar, conversar e deglutir algum tipo de lanche, pizzas e ou guloseimas, que na rua existiam, sempre se encontravam lotados, mas ninguém se amofinava por isso: sempre surgia uma vaguinha para todos.

A Rua D. Pedro II não era um local próprio para esse tipo de atividade, sua iluminação era precária e privilegiava apenas as calçadas, que nesses encontros ficavam lotadas de rapazes, aguardando a passagem das donzelas, senhoritas de escol, as quais eram imensamente respeitadas; não ocorria em hipótese alguma quaisquer tipos de entreveros com as mesmas, pois era esse local o único para de alguma forma as pessoas se divertirem.

A partir de 1952, iniciou-se a implantação por parte do Poder Executivo de um novo local para se tentar aliviar o grande acúmulo de pessoas na rua D. Pedro II, a nova praça guarulhense, Praça

Getúlio Vargas, onde fora construída uma belíssima Fonte Luminosa, que ao ser posta em movimento, com suas cores e jatos de águas espargidas em formas circulares, cujos movimentos ao sofrerem a iluminação dos holofotes multicoloridos, apresentavam um verdadeiro espetáculo que a todos encantava e não paravam de admirar tal fenômeno.

Foi um grande alívio e uma melhor acomodação para todos que visitavam a nova praça, com seus jardins e bancos cômodos onde as pessoas passavam o tempo todo apreciando o novo grande espetáculo de Guarulhos, excelente para famílias e crianças.

Guarulhos não dispunha de muitas opções de diversão para todos, contudo, as pessoas eram felizes e não sabiam.

Os locais guarulhenses para as pessoas se divertirem naqueles tempos, eram: pescar, fazer piquenique às margens, ou navegar em pequenos barcos no Rio Tietê, que era fartamente piscoso e suas águas límpidas e apresentava volumosa correnteza – piquenique no Balneário de Vila Galvão, no grande lago, onde se passeava também em pequenos barcos, acampando à sombra do bosque que rodeava o lago – também frequentar as sessões dos únicos cinemas que existiam no município: Cine República, que ficava localizado na R. D. Pedro II no centro da cidade, na Praça Conselheiro Crispiniano; também o Cine Santo Antonio, localizado na Avenida Guarulhos, ao lado da Igreja do mesmo Santo, no bairro de Vila Augusta; o Cine Jade, localizado na Rua Eugênia Machado da Silva, no bairro de Vila Galvão. Depois também no novo cinema criado nos anos setenta no centro, na Praça Tereza Cristina, o Cine São Francisco e, por último, o também novo Cine Star, localizado onde hoje temos o Plenário da Câmara Municipal de Guarulhos, na Rua João Gonçalves, cinema esse criado em decorrência do fechamento do antigo cine República.

Havia um quinto cinema, que era localizado no interior do Sanatório Padre Bento, que tratava de doentes do Mal de Hansen, no bairro de Gopoúva, porém, somente permitido aos internos daquele nosocômio. Era expressamente proibido o acesso para pessoas externas. A partir do início dos anos sessenta, com a erradicação da referida doença, o Sanatório foi quase totalmente desativado, tendo suas dependências sido liberadas para todos. O teatro Padre Bento, após longo tempo desativado e razoavelmente deteriorado, foi novamente recuperado sendo utilizado pela população.

Atualmente todos os cinemas citados não existem mais, somente restando a saudade dos que se beneficiaram de suas sessões, dos grandes filmes, de aventuras, faroestes, seriados e outros que traziam muita satisfação para todos.

Assim como os cinemas, o saudoso rio Tietê, o Lago da Vila Galvão, atual Lago dos Patos, também já não existem como antes, e a famosa Fonte Luminosa da Praça Getúlio Vargas, tudo ficou no passado e no esquecimento.

A partir do início dos anos 2.000, Guarulhos, passou a ter modernos cinemas instalados nos diversos Shoppings que começaram a surgir na cidade, Shopping Poli, Shopping Internacional, Shopping Maia, que atualmente apresentam em suas instalações múltiplas salas de cinemas, modernas e com toda tecnologia atual e exhibições de grandes filmes recentes, contudo, apesar de todas essas benesses, um fator preponderante falta em todos eles, o carinho, o amor e principalmente o respeito que se apresentava à todos nos tempos dos anos cinquenta.



Cine República – 1959 – Praça Conselheiro Crispiniano



Cine Jade – Vila Galvão - 1962



Cine São Francisco – 1972 – Praça Tereza Cristina



Cine STAR – 1974 – Centro – atual Plenário da Câmara Municipal



Teatro Padre Bento – 1935 - no Bairro de Gopoúva



Interior do Cine e Teatro Padre Bento – 1950



Col. Silvio Ribeiro

Praça Getúlio Vargas e sua Fonte Luminosa - 1953



Col. Silvio Ribeiro

Lago do Balneário de Vila Galvão - 1947



Col. Silvio Ribeiro

Balneário de Vila Galvão - 1950



TERESINHA SILVA  
MALTEZ DE SOUZA

### MOMENTOS...

#### RETALHOS - 1

Tarde bonita ensolarada. Quatro crianças cheias de energia sentadas na calçada da casa aguardando determinações da tia que cuidava delas. O lanche era servido ali, pois o dia foi de limpeza geral, a casa estava um brinco e a tia não se arriscaria a ter que limpá-la novamente. Sentadas, lado a lado, as crianças devoravam o lanche e o suco servidos com carinho pela tia. A dedicada tia era pré-adolescente, com doze anos, tinha apenas seis de diferença da criança mais velha. Mas, sabia que a responsabilidade era grande

e somente dela. Tentava distraí-las ensinando as músicas que cantarolava. As brincadeiras eram executadas na calçada da casa, pois assim seria mais difícil alguém se machucar. A tarde passava rápido e logo a mãe, batalhadora incansável, chegava para alívio da cuidadora que passava o bastão com orgulho por ter sobrevivido a mais um dia na condução exemplar daquelas crianças. Este relacionamento tão afetuoso ficou tatuado no imaginário de todos, a ponto de ser lembrado, quase sempre, nas reuniões familiares. Doces recordações!!!

## RETALHOS - 2

### COISAS DE CRIANÇAS...

Daniel convida o Thomas, amiguinho de longa data, para passar uma tarde no novo apartamento. Um amigo novo, morador do mesmo prédio, de nome Pedro, convida os dois para jogarem bola. Os três se dirigem à quadra para o dito jogo. Thomaz é um menino magro e ágil. Quando a bola está na posse dele, ninguém o segura. Já Pedro, tentando tirar-lhe a bola, por diversas vezes e sem obter êxito, passa-lhe a perna, fazendo com que se arrebente no chão. Não satisfeito, ao invés de se desculpar, humilhou o pobre menino, chamando de menininha porque havia se ferido e chorava. Thomas voltou para casa dolorido e choroso. Indagado pela tia postiça, contou o acontecido. Muito brava, a tia, responsável temporária pelo menino, da sacada do apartamento, perguntou para o filho o que havia acontecido. Quando ele tentava explicar, Pedro interrompeu informando que ele é quem havia, propositadamente, derrubado o Thomas. Na hora, além de dar uma lição de moral no algoz, a mãe de Daniel determinou que retornasse ao lar, pois a brincadeira havia acabado. Quando o filho adentrou ao apartamento, a mãe explicou porque tomou aquela decisão e perguntou se o Daniel havia entendido. Ele permaneceu calado. Os dois passaram a tarde brincando no interior do apartamento. À noite, depois que o amigo foi embora, na hora da reza noturna, a mãe pergunta novamente para o filho: Você entendeu porque a mamãe brigou com o seu novo vizinho? O Thomas, você tem certeza que é seu amigo, considerando que foram criados juntos. O Pedro você conhece há pouco tempo; portanto, não pode afirmar que ele é seu amigo. Você entendeu? Daniel, sem pestanejar, retrucou: Entendi mamãe, entendi que você é uma destruidora de amizades!

## CONVERSAS ENTRE GERAÇÕES DIVERSAS

Vinícius – Vovó, se eu te contar um segredo você não conta para ninguém?

Não, filhinho, pode contar.

Vovó, eu estou namorando a Clara!

Nossa, filhinho, você é muito novo para namorar, mas, como pediu ela em namoro?

Resposta: Eu tenho uma amiga na escola que desenha muito bem, então pedi que ela desenhasse um coração bem bonito. Mande uma carta escrita dentro do coração: Clara, você quer namorar comigo, futuramente? – Mande múltipla escolha: – Sim, – Não, ou – talvez.

E aí, filhinho? Ela respondeu?

Sim vovó, respondeu com escolha própria: – quem sabe um dia!

Eu fiquei muito feliz e retribuí com um beijo!

Filho, você está indo rápido demais!

Tudo bem vovó, foi só um selinho.

Vovó eu dei um livro para ela do *Aladim e sua lâmpada maravilhosa*, só que eu troquei os nomes: *Vinícius e sua Clara maravilhosa*.

Este meu neto me assusta com sua precocidade.

## RETALHOS – 4

## NETA POSTIÇA...

A Carolina está comigo há alguns dias, os pais foram viajar. Uma tarde eu digo a ela: Karú estou com uma vontade de comer um pão com ovo. Vamos? Você me acompanha?

Ao que ela prontamente respondeu: Eu não, só como ovo usado!

Como? Só come ovo usado? Explique-se.

Ô, Tê, ovo usado na torta, usado no bolo...

## RETALHOS – 5

## GASPARINO – HORA DA DESPEDIDA...

Dr. Gasparino! Amigo de longa data! Mais ou menos 40 anos. Histórias com ele? Muitas! Algumas hilárias, outras nem tanto. Uma delas marcante e que merece destaque:

Meu primeiro marido Laerte faleceu e como era sua vontade, foi cremado. O Dr. Gasparino escreveu um conto intitulado “Mãos que acenam...” em homenagem a ele.

Certo dia, proseando, ele me disse: seu marido foi egoísta.

Atônita, retruquei: não fale assim, pois ele já não pode se defender, está morto! Perguntei o porquê daquela afirmação.

Resposta: Porque preferiu ser cremado e, nesta condição, não deixou um lugar determinado para que possamos rezar por ele.

Engano seu, sem lugar determinado é mais fácil, pois reze por ele quando o coração mandar, independentemente de local e hora. Esboçando um sorriso maroto, o vetusto escritor assentiu com um meneio de cabeça.

Dr. Gasparino era uma pessoa sensível. Duro às vezes, mas, pronto a ajudar sempre quem precisasse dele. Nós tivemos entreveros homéricos, porém, sei que ele gostava muito de mim e a recíproca sempre foi verdadeira.

Uma coincidência funesta nos une. Ele faleceu no mesmo dia do passamento do Laerte, ou seja, 09 de junho. Descanse em paz velho amigo.

**FINAL DOS TEXTOS DOS ACADÊMICOS  
DESTA EDIÇÃO ESPECIAL DE COMEMORAÇÃO  
DOS 40 ANOS DA AGL - ACADEMIA  
GUARULHENSE DE LETRAS**



*40 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

PARTE II  
SINOPSE DAS ATIVIDADES  
RECENTES DA AGL

SINOPSE DAS  
ATIVIDADES RECENTES DA AGL  
ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS:  
DE OUTUBRO DE 2.017 A AGOSTO DE 2.018

As atividades acadêmicas transcorrem ao sabor dos acontecimentos literários que se multiplicam em nosso Município. Escritores de diversos matizes produzem obras e as ofertam aos amantes das letras, lançando luz ao saber e ao conhecimento. Já a Academia Guarulhense de Letras, desde priscas eras, reconhecida oficialmente como Instituição de Utilidade Pública, mantém-se impoluta na titularidade das decisões acerca de toda e qualquer matéria que derive sobre a ordem e a manutenção da guarda e zelo do idioma brasileiro. Neste diapasão, acadêmicos efetivos afinam com a responsabilidade de buscar sempre as formas de proporcionar a leitura aos munícipes que manifestam vontade de adquirir conhecimento. O tempo urge, as letras permitem comunicação célere e o gosto pela aplicação ordenada nas folhas virgens de papel se confunde com a imaginação do escritor que, num gesto de amor e solidariedade, entrega aos sedentos de saber um novo livro como se fora um filho a quem, recentemente, deu a luz. Esta apresentação me permite continuar a tornar pública a história do nosso Sodalício, através dos registros em atas como esta que resumirei e que se vislumbra nas notas escritas em 25/10/2017, que traduzem, efetivamente, o mister exercido pelos participantes do importante encontro abaixo descrito.

- Em 25/10/17 - Às 14 horas, o presidente José Augusto iniciou a reunião precedida da palavra de conforto proferida pelo confrade Bismael.

- A seguir anunciou a presença do diretor da Secretaria de Desenvolvimento Científico, Econômico, Tecnológico e de Inovação – SDCETI, Marcelo Rezende, que, em nome do prefeito Guti, agradeceu a presença do Sodalício e explicou sucintamente o objetivo do evento denominado “Semana do Conhecimento”. Disse mais, Marcelo, o evento atinge, objetivamente, o alunato do ensino fundamental em seus primeiro, segundo, médio, técnico e superior estágios.

- O acadêmico Silvio Ribeiro informou que a Bandeira da Confraria foi confeccionada e já está pronta para o hasteamento oficial no evento de 13/12/17, quando será comemorado o 39º aniversário de fundação da AGL.

- Em referência ao hino do Sodalício, cuja letra encontra-se em formação, se não estiver concluída, será entoado musicalmente no evento de encerramento dos trabalhos, no mês de dezembro.

- O confrade Augusto trouxe à baila a comemoração que será realizada no dia 13 de dezembro no Auditório Abílio Baeta Neves, sugerindo a formação de uma comissão para a execução do evento. Como sempre, os acadêmicos que dão sustentação às obras da AGL prontificaram-se a prestigiar a missão, a saber: Mauro, Teresinha, Maestro Colacioppo, José Augusto, Jerônimo, Clovis, Antonia, Fernando, Silvio e Isabel.

- O mestre Bismael informou que hoje proferiu palestra na Academia de Ciências e Letras dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo, intitulada “Prevenção Criminal Desconhecida da Polícia”. Brindou, também, os presentes com o trabalho autoral intitulado “O Último Samba”.

A ata que se avizinha tem cunho de absoluta civilidade e interesse para a nossa agremiação. O colegiado discorre sobre grandes novidades, anseios que remontam a décadas e que, agora,

se perpetuaram. Há um só tempo, em ambiente de festa, finalmente, serão apresentados os símbolos maiores que engalanam qualquer instituição: a Bandeira idealizada e providenciada pelo insigne confrade Silvio Ribeiro e o Hino, magistralmente musicado pelo incedível Maestro Colacioppo, com letra composta pelo secretário Mauro dos Santos Oliveira. Alvissas destacadas nas próximas notas.

- Em 29/11/2017 - Às 14 horas, o presidente José Augusto saudou aos pares dando início à reunião que, como introito, recebeu influxos de benevolência do confrade Fernando.

- O acadêmico Clovis Domingues participou aos presentes que a Revista 2017 se encontra no prelo e será entregue até o dia 10 de dezembro na secretaria, com valor estimado em R\$ 6.000,00, importância que será rateada da seguinte forma: 50% para o Sodalício e 50% dividido entre os membros participantes, que arcarão com o ônus referente ao confrade Castelo.

- O presidente discorreu sobre o evento do dia 13 de dezembro, às 20 horas, nas dependências da FIG Unimesp, colhendo manifestações dos promotores da festa, a saber:

- O maestro Colacioppo anunciou que convidou artistas para procederem apresentação de três musicais, além da confradeira honorária Alice, que se apresentará sob sua batuta. Ato contínuo apresentou o Hino da Academia, assinando a melodia e conferindo ao confrade Mauro a honra de ter confeccionado a letra.

- Aproveitando o momento de descontração, a Turma dirigiu-se ao pátio que fica no frontispício da sala de reuniões, para a apresentação da Bandeira da AGL. Graças ao empenho, criação e investimento do confrade Silvio Ribeiro, que colheu ideias e ativou os demais desdobramentos, foi desfraldado pela primeira vez o Pavilhão com o respectivo mastro e apoio, promovendo entusiasmo e alegria nas expressões dos participantes.

A confraria detém 40 cadeiras preparadas para receberem o mesmo número de escritores escolhidos para pertencerem à imortalidade. Tirantes alguns membros afastados por saúde fragilizada e, outros tantos que mantêm o título, mas, não militam em prol da instituição, privilegiando causas próprias, restam alguns que se prontificam a zelar pela causa acadêmica. Este grupo, presentes e cientes da responsabilidade assumida quando do juramento prestado na iniciação, movimenta a AGL e, como tal, participarão dos festejos de despedida do ano que se finda, consagrando para os anais acadêmicos o testemunho dos nascimentos de dois símbolos que, imorredouros, trilharão os passos altaneiros da nossa Instituição. Assim se reportam as determinações abaixo alinhadas.

- Em 13/12/2017 – Reunião realizada no Anfiteatro Dr. Abílio Baeta Neves situado no campus da FIG-UNIMESP, na Avenida São Luiz, nº 315, no bairro de Vila Rosália, Guarulhos, SP, para comemorar o aniversário do Sodalício com o primeiro hasteamento do Pavilhão da AGL e entoação do Hino acadêmico.

- Augusto, em nome do ótimo relacionamento entre a AGL e essa Casa de Ensino, proferiu agradecimentos à sua Egrégia Universidade, pelo acolhimento no esplendoroso Anfiteatro Dr. Abílio Baeta Neves, onde desenvolvemos o magistral encontro.

- Anunciou o lançamento da Revista 2017 que será, ao final da solenidade, distribuída entre os convidados.

- O presidente transferiu, momentaneamente, a condução do evento para a confreira Wilma Colacioppo, professora de música, para a apresentação do seguimento lítero-musical. Wilma convidou o maestro Armando para que, ao piano, acompanhasse a cantora Maria Alice em dois momentos brilhantes.

- Na sequência, as irmãs Isabel e Anita Borazanian, componentes do duo “Pé na Bossa”, brindaram os presentes com apresentações melodiosas.

- Para proferir palavras e poesias, apresentaram-se os seguintes acadêmicos: Fernando Canto Berzaghi, com a obra “O Profeta do Altíssimo”; José Roberto Jerônimo, com a poesia “Nossa Academia”; Isabel Borazanian, declamando “Exitempo”; Ivo de Souza, encantou para saber: “Cadê o Sol?”; e Silvio Ribeiro recitou “A Semente”, fazendo analogia com o surgimento de florestas em áreas antigamente inóspitas.

- O orador oficial, Lineu Roque Aceiro, assumiu a tribuna e discorreu sobre os 39 anos de existência do nosso Sodalício, declinou pequenas estórias vividas nas terras dos Índios Guarus, culminando por evidenciar que a Academia ruma, celeremente, com destino ao seu quadragésimo ano de existência.

- Apresentada ao público, de forma inaugural, a bandeira como símbolo da nossa Confraria. Trazida ao pedestal pelo confrade Silvio, foi hasteada sob forte aplauso dos partícipes que testemunharam o fato histórico.

- Mais emoções, sob a batuta do ilustre maestro Armando Colacioppo, um grupo de acadêmicos fez ecoar no ambiente o Hino da Academia Guarulhense de Letras que, ao final, foi ovacionado pelas mesmas testemunhas que guardarão para a posteridade o privilégio de ouvir a primeira apresentação do respeitável símbolo acadêmico.

- O presidente Augusto antes de promover o encerramento do evento, convidou os presentes para um singelo coquetel, ofertando um exemplar da Revista da Academia 2017 para cada participante do evento histórico.

- Solicitou, ainda, que o convidado Dr. Alexandre Gargano Cavalheiro, escritor e autor da obra “O Informante”, dissesse algumas palavras sobre o prêmio que recebeu recentemente. O escritor dedicou um exemplar de sua obra para o Sodalício e, como trouxera dois, ofertou o segundo para o mais antigo acadêmico presente. Obedecendo a escolha natural e legal, o presidente indicou como merecedora do brinde a congreira Teresinha Silva Maltez de Souza, cuja vida acadêmica remonta aos idos de 1982.

Eis que se desponta a aurora no seio da AGL. O ano que se inicia promete trabalho, prosperidade e avanços na seara acadêmica, considerando que, impulsionado pela representatividade das últimas conquistas, o rumo ao futuro se apresenta promissor. A primeira reunião festiva do sodalício inovou trazendo a obrigatoriedade na entonação do hino, recentemente consagrado para ilustrar e dar ares de civismo ao colegiado, irmanado e disposto a consolidar os embates que se sucederão em prol do melhor caminho para a cultura e para o saber. Ficou evidente, neste ano de luz, o reconhecimento pelo órgão diretor da agremiação quando evidencia a eficiência e presteza dos membros diretores que apoiam e dão sustentabilidade para o bom andamento da confraria. Os atos de solidariedade, de companheirismo e de dedicação soçobram no seio da família acadêmica. Seus membros não só se respeitam, como se completam, se atrelam e, irmanados buscam soluções para as querelas que, certamente, surgirão. Diante das múltiplas atividades surgidas, como, por exemplo, a participação dos confrades Augusto e Fernando na diretoria do Patrimônio Histórico de Guarulhos, urge a necessidade de abrir concorrência para angariar novos membros e a turma, por unanimidade, houve por bem determinar publicação de Edital para preenchimento de três cadeiras vacantes. Observe as próximas tiras.

- Em 31/01/2018 - O presidente José Augusto saudou aos presentes dando início à reunião que, sob os influxos benignos da congreira Antonia, proferindo palavras de conforto e altruísmo, recebeu contornos de paz, alegria e conciliação para um encontro salutar e profícuo.

- Sendo a primeira reunião do ano e acatando a sugestão do confrade Colacioppo, o presidente Augusto convidou os pares para, perfilados e sob a batuta do respeitável maestro, entoarem o hino da AGL, procedimento que, doravante, será habitual em todas as reuniões.

- O presidente teceu elogios à Secretaria do Sodalício, nas pessoas dos confrades Mauro e Teresinha, conferindo a ambos integridade, dedicação, presteza e pleno engajamento com as causas acadêmicas.

- Augusto consultou os pares acerca da necessidade de admissão de novos membros. Aos debates a turma decidiu favoravelmente, iniciando a chamada por edital para a concorrência a três cadeiras vacantes. Assim ficou determinado: edital em março com trinta dias para as apresentações dos candidatos e, mais trinta dias para a comissão julgadora formular os relatórios, culminando com a posse no mês de junho.

Sempre obedecendo a liturgia reinante nos festivos encontros mensais, nota-se a participação da AGL nos meios culturais e projetos gestados pelo órgão público. Desta feita, os confrades Augusto e Fernando ajudam na composição do corpo diretivo de um dos Conselhos que militam em prol do conhecimento e do saber, objetivando instruir os munícipes sobre a história da cidade em que habitam. Em passado recente o cumprimento deste mister, já foi realizado pelo nobre confrade Silvio Ribeiro, historiador e contista das curiosidades do nosso Município.

- Em 28/02/18 - O presidente Augusto iniciou os trabalhos solicitando ao confrade Jerônimo que proferisse palavras de conforto e de bênçãos para mais um feliz encontro.

- Augusto anunciou que ele e o confrade Fernando, vão representar o Sodalício na composição do Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural de Guarulhos, sendo a titularidade do segundo.

- O confrade Silvio Ribeiro, representante anterior no Conselho se dispôs a colaborar com os atuais fornecendo informações e materiais importantes. Síntese singela do que foi reportado nesta rápida e eficaz reunião.

Nem só de momentos felizes e demonstrações de alegria vive a Confraria. Hoje, contristados, fomos informados que a Confreira Antonia se submeterá a uma cirurgia e guardará resguardo por algum tempo, ausentando-se de nossas agradáveis reuniões. Os compromissos não cessam e, neste compasso, o presidente reportou-se à mesa para determinar a data da posse dos novos membros que serão escolhidos dentre os escritores que manifestaram o desejo de pertencerem à imortalidade. A data eleita por unanimidade será respeitada e comunicada à sociedade guarulhense para consenso e ratificação. Um dos problemas recorrentes no seio da nossa Instituição, outro não é, senão a prática do abandono das obrigações elencadas nos Estatutos. O escritor ingressa no Sodalício, adquire o título e inicia cumprindo o protocolo, porém, em breve tempo, não comparece às reuniões sob as mais suspeitas justificativas. Não obedece o múnus da representatividade, não sabe nada da vida acadêmica, não presta qualquer tipo de colaboração e, ainda, se sente no direito da manifestação através da plataforma virtual, divulgando programação de instituições congêneres. Tal comportamento obriga a turma a lançar mão dos Estatutos e enveredar por caminhos desagradáveis, convidando os

faltosos contumazes a deixarem vagas as cadeiras que ocupam, dando chance aos escritores que querem, realmente, trabalhar pela cultura guarulhense. É tempo de se iniciar as tratativas para a edição da Revista 2018 e o Presidente convoca os pares para as primeiras providências neste sentido. Para um momento de descontração e enlevo, o Confrade Maestro Colacioppo vibrou a batuta para reger o coral acadêmico na entoação do Hino que sempre coroa com alegria e leveza o calor dos debates. Na mesma linha de raciocínio, a tribuna foi franqueada para os membros apresentarem os seus trabalhos, presenteando os demais com pérolas de suas obras. Resumo das tiras seguintes.

- Em 28/03/18 - Pontualmente, às 14 horas, o presidente Augusto Pinheiro iniciou a reunião solicitando à confrreira Antonia que orientasse religiosamente a condução dos trabalhos para que fluam positivamente.

- A confrreira Antonia, ao término das palavras de conforto, anunciou que no dia 13 de abril será internada no Hospital Santa Catarina para se submeter a uma cirurgia no joelho. Os confrades e as confreriras manifestaram votos de saúde e pronto restabelecimento à nobre escritora.

- O confrade Augusto sugeriu que a posse dos novos membros eleitos para a imortalidade ocorra no dia 27 de junho, às 20 horas, no Anfiteatro Abílio Baeta Neves, no Campus da FIG-UNIMESP, durante a tricentésima nonagésima primeira reunião ordinária.

- O presidente Augusto acenou para uma chamada aos acadêmicos ausentes contumazes para lembrá-los do compromisso juramentado que prestaram ao iniciarem o mister de acadêmico efetivo. Esta parcela ausente, além de não participar da vida acadêmica, também não presta qualquer tipo de colaboração não

presencial, embora saibam, perfeitamente, dos compromissos que o Sodalício deve solver mensalmente.

- Augusto falou sobre a possibilidade de se angariar contribuições objetivando a publicação da revista 2018. Considerando que a participação dos escritores é opcional, aqueles que têm a intenção de lançar seus trabalhos na próxima edição, arcarão com o custo de R\$ 200,00, per capita, podendo solver o compromisso em duas parcelas de R\$ 100,00, nos meses de julho e agosto.

- Sob a batuta do confrade Maestro Colacioppo, a turma, solenemente em pé, entoou o Hino da nossa Confraria.

Como não poderia deixar de ser, a economia também aflige o meio acadêmico. O Presidente se esmera para informar o movimento financeiro, as necessidades de se angariar verba para a edição da próxima Revista e o compromisso em resgatar as despesas forçadas e mensais. As notas assentadas neste memorável encontro mantêm como introito momento de puro sincretismo, anunciando que os trabalhos se desenvolverão com mansidão, inteligência e coerência. O primeiro tema proposto pelo nobre Presidente José Augusto Pinheiro à mesa versa sobre as finanças do Sodalício que, sem fonte de irrigação permanente, carece da compreensão de seus componentes, especialmente, os escritores que pretendem participar da Revista anual, tradicionalmente lançada no evento de encerramento dos trabalhos desenvolvidos no final do ano em curso. Para fazer frente às despesas com a edição do anuário, a AGL arca com 50% dos custos, diluindo-se, entre os participantes, em quinhões iguais, o restante para integralizar o pagamento da fatura. Quanto ao desempenho dos voluntariosos confrades que ajudam no mister de bem representar a Confraria nos movimentos literários de nossa urbe, cabe a recompensa pelos agradecimentos e elogios e pelos louros da vitória em poder

disseminar a cultura entre os munícipes. A Academia se propaga e faz jus ao reconhecimento do poder público em lhe conceder o título de Instituição Maior da Cultura Guarulhense, reconhecida, oficialmente, como de interesse público. Para fazer jus ao alto posto, alastra para plagas paraibanas o seu nome, recebendo, inclusive, solicitação de escritor renomado do Estado da Paraíba para figurar como membro correspondente do Sodalício e, assim, tornar conhecida a nossa Instituição na fulgurante metrópole. Para conseguir honrar os compromissos junto à sociedade guarulhense, necessário grande número de acadêmicos, considerando que parte dos existentes, inexplicavelmente, não colabora nesta empreitada, obrigando a convocação de novos escritores para dar conta da demanda e, neste compasso, a AGL se prepara para recepcionar três postulantes que se inscreveram para cumprir o grande compromisso de disseminar a cultura e o conhecimento. Observe as notas que se seguem.

- Em 25/04/18 – A reunião teve início às 14 horas com os cumprimentos do presidente Augusto e a incumbência da confreira Aura Gold de proferir palavras de alento e conforto, instruindo os trabalhos que a seguir registro para a posteridade.

- O confrade Augusto discorreu sobre finanças, com o objetivo de alertar aos pares a necessidade de angariar fundos em prol do Sodalício, visando novas empreitadas, inclusive, o compromisso de investir R\$ 200,00, aos interessados em participar da Revista 2018.

- O presidente agradeceu o empenho dos acadêmicos que se movimentaram em eventos culturais durante o mês de abril.

- O acadêmico Bosco apresentou à mesa a documentação exigida para o cargo de acadêmico correspondente, pleiteado pelo professor Francelino Soares, escritor nato da cidade de Cajazeiras-PB.

- Concernente à aferição dos trabalhos ofertados pelos postulantes à condição da imortalidade, a comissão examinadora, por seus componentes: Fernando, Bosco e Clovis se reunirá no escritório administrativo da AGL, no dia 02/05, às 14 horas, contando com o apoio dos confrades Teresinha e Mauro.

- Superada esta fase, o Colégio se reunirá, extraordinariamente, no dia 06/06, às 14 horas, na sede, para sabatinar os escritores que forem considerados aptos para integrar o Sodalício.

Em mais um encontro dos imortais, a memória nos remeteu a dois vultos de alto coturno, Laerte Romualdo de Souza e Milton Luiz Ziller, fieis escudeiros em prol da literatura guarulhense, desaparecidos há algum tempo. Membros fundadores, foram lembrados e homenageados pelo belo trabalho que ofertaram através do nosso Sodalício. Não bastasse o cabedal de compromissos a serem dirimidos pelos componentes da mesa diretora, coube ao presidente Augusto a árdua missão de discorrer sobre a sucessão da diretoria que regerá os destinos da nossa Agremiação durante o biênio 2018/2020. Lembrou que o assunto de suma importância deve ser estudado, pois, a hora se avizinha e as providências carecem de escolhas que recaiam sobre os ombros daqueles que, realmente, se preocupam com a Confraria. Aos debates, veio à tona o problema originado por membros que insistem em pertencer ao Sodalício, sem nada oferecer em contrapartida, em manifesto desrespeito às Leis que regem a Instituição, inclusive, abusando do direito de reivindicar título a que não faz jus. Se não podem declarar respeito pela cadeira que deveriam ocupar, por que mantê-la ociosa em detrimento de quem deseja lutar pela cultura do nosso Município? Para amenizar o clima, o Maestro Colacioppo tratou de brandir a batuta e acompanhar o coral acadêmico na entoação do nosso respeitável hino.

- Em 23/05/18 – O presidente Augusto iniciou a reunião às 14 horas, proporcionando momento ecumênico, entoando preces de contrição e conforto para instantes de paz e fraternidade, lembrando, inclusive, os saudosos confrades Milton Luiz Ziller e Laerte Romualdo de Souza, de saudosa lembrança.

- O presidente Augusto Pinheiro trouxe à baila o assunto: diretoria para gerir o Sodalício na próxima gestão 2018/2020, lembrando-se da responsabilidade que a Instituição guarda com referência ao mundo literário e a municipalidade guarulhense.

- O Colegiado contemporizou sobre membros da Instituição que não prestam nenhuma colaboração para o seu engrandecimento. Não conhecem o cotidiano e, tampouco, a história da AGL, nem os compromissos inerentes da sua existência, demonstrando inconformismo e tentando modificar o que os nossos ancestrais tanto lutaram para conseguir.

- A Academia Guarulhense de Letras nasceu e permanecerá com objetivo de disseminar a cultura e, para tanto, não pode depender, tão somente, de alguns abnegados para dar-lhe a sustentação merecida. Nesta linha de raciocínio, ouviram-se depoimentos de acadêmicos, cujas narrativas causaram tristeza aos pares, originando, inclusive, a ideia de que “ninguém é obrigado a ficar atrelado ao nosso Sodalício”, cabendo aos contrariados o direito de solicitar o desligamento da confraria.

- Acerca deste tema, manifestou-se o confrade Mauro afirmando que o afastamento daqueles que não conseguem, sequer, acompanhar as atividades acadêmicas, ignorando-as por completo, está contido na Carta Magna do Sodalício, bastando, simplesmente, fazer cumprir o que ali está estabelecido. Ignorar esta assertiva, certamente, militará em desfavor do membro acéfalo, considerando que ao prestar o compromisso juramentado de que trabalhará em

prol da Instituição que escolheu pertencer, recebe entre os símbolos, um exemplar dos Estatutos que regem a Academia.

- O Maestro Colacioppo assumiu a tribuna para reger o coral acadêmico na leitura musical do hino que representa nossa Agremiação, retomando a serenidade que deve reinar no nosso meio.

- O acadêmico Clovis Domingues, sob o manto dos Estatutos, indicou, também, ex-ofício, o nome do escritor João Carlos Biagini, cuja obra passou pelo crivo do confrade Mauro e da confeitira Teresinha.

- Nestes termos, ouvido o Conselho, estabeleceu-se concordância quanto à eleição dos indicados pela comissão e, também, o ex-ofício indicado pelo confrade Clovis, superada que foi a questão da extemporaneidade editalícia.

Se, por motivos inexplicáveis, alguns escritores recebidos e havidos como imortais pela seleta casta de acadêmicos, ausentes contumazes, não respeitam a Carta Magna da nossa Instituição, por outro lado, laureados escritores que militam em nosso Município, se esforçam para galgar uma cadeira vacante, fazendo provas de títulos e demonstrando vontade indômita de trabalhar em prol da cultura e do conhecimento, como membro efetivo da Agremiação que zela pelo vernáculo brasileiro. O encontro que ora procuro retratar cuida deste assunto, pois o Colegiado se esmera para conhecer minúcias de cada um dos sabatinados, sopesando suas obras e aquilatando o conteúdo extraído de suas manifestações quando de suas falas da tribuna. Ouso afirmar que neste encontro estava presente a nata cultural do Sodalício e, estes privilegiados julgadores, confirmaram, por escrutínio secreto e por unanimidade, receber como Confrades os escritores: João Carlos Biagini, Alexandre Gargano Cavalheiro e Fábio Cardoso dos Santos que serão consagrados no dia 27 de junho de 2.018. As notas abaixo corroboram a minha síntese.

- Em 06/06/18 – Reunião extraordinária realizada na sede da Academia Guarulhense de Letras, Sala Dr. Laerte Romualdo de Souza, com o objetivo de sabatinar três postulantes à imortalidade, a saber: João Carlos Biagini, Fábio Cardoso dos Santos e Alexandre Gargano Cavalheiro.

- O presidente franqueou a tribuna ao pretendente Alexandre para justificar a honra de receber a benesse do grau acadêmico.

- O nobre escritor iniciou a fala declarando que pertencer a esta privilegiada Agremiação é sonho de qualquer cidadão que milita no mundo da literatura. Afirmou, também, que seu objetivo outro não é senão somar, prestigiando os eventos do Sodalício e colaborando para a sua pujança e crescimento natural. Esclareceu que a sua graduação como acadêmico tem o condão de sonho prestes a se concretizar e que, se merecer a consagração, orgulhosamente honrará os seus símbolos e os seus Estatutos.

- O segundo a se apresentar, escritor Fábio, esmerou-se no linguajar para declinar que esta é a segunda vez que almejou atingir a imortalidade. Desta feita tem a oportunidade de revelar a satisfação em poder expressar o quanto admira o nosso Sodalício. Profissional da educação, ouviu falar da AGL quando de sua passagem pelas FIG-UNIMESP, tomando conhecimento hoje que a faculdade pioneira dos cursos superiores em nosso município foi o berço da AGL, que deu seus primeiros passos naquela casa de ensino, abrigando as reuniões iniciais que originaram a sua fundação no ano de 1978.

- O terceiro candidato a se apresentar na tribuna foi o escritor Biagini, que revelou a experiência do advogado que enveredou pela via de ensinar por letras registradas em livros. Justificou sua pretensão de galgar os píncaros da intelectualidade guarulhense por ter aceitado a sugestão do amigo Clovis Domingues para

concorrer a uma das vagas. Sempre prestigiou o movimento acadêmico, participando de encontros e/ou eventos patrocinados pelos escritores desta Instituição. Agora, no apogeu da sua existência, o experiente causídico quer dedicar um pouco do seu tempo em prol da literatura da cidade que o acolheu e transformou o seu destino. Adotado pela cidade de Guarulhos, aqui desenvolveu diversas facetas profissionais e, demonstrando forte emoção, passou os olhos pela galeria que emoldura a parede da nossa Sede.

- Colhidas as manifestações dos futuros novéis, o presidente solicitou que os três deixassem o recinto, momentaneamente, interregno de tempo que levou para consultar o Colegiado sobre as impressões de cada um acerca da admissibilidade dos mesmos como membros efetivos, tornando-se soldados a serviço da nossa Confraria.

- A resposta foi uníssona para deferir os pleitos perseguidos, portanto, considerando dignos de constar como acadêmicos nos anais da AGL, após a respeitável consagração. Instados a compor novamente a mesa, os postulantes foram informados pelo presidente da láurea que lhes foi conferida.

- Foi definido o dia 27 de junho, quarta-feira, às 20 horas, para a posse oficial dos novos acadêmicos; o evento terá lugar no Auditório Baeta Neves.

Dia de festa na hoste acadêmica, a solenidade se reveste com contornos culturais e, a recepção eivada de gala, obriga a AGL declarar, momentaneamente, como “Sala Dr. Laerte Romualdo de Souza”, as dependências do requintado “Anfiteatro Abílio Baeta Neves”, gentilmente cedido pela Mantenedoria das FIG - Unimesp, representada pelo insigne confrade e Maestro Armando Colacioppo e com a finesse da respeitável Diretora Ossana Chememian Tolmajian. A Academia, órgão reconhecido

como de utilidade pública, é gerenciada por uma diretoria eleita por seus membros, em número de quarenta. Como nunca pode contar com a totalidade das cadeiras preenchidas, depende da colaboração dos acadêmicos admitidos por processo de seleção, porém, muitos escritores depois de se apoderarem do título afastam-se do compromisso juramentado de participar de eventos e da obrigatoriedade de auxiliar na boa condução dos destinos do Sodalício. Diante destas mazelas, o Colegiado houve por bem publicar edital para o preenchimento de novas vagas, convocando escritores da terra, para ocuparem cadeiras vacantes como membros efetivos, para cerrarem fileiras com os imortais e suprirem a lacuna gerada pelos escritores que não se dignam assumir o compromisso antes avençado. Nestes termos, hoje, 27/06/2018, a Academia recebe três novos escritores que, doravante, integrarão a privilegiada casta dos imortais guarulhenses. O Sodalício engalanado veste as honras e usa toda a pompa para demonstrar quão importante é receber os noveis nesta noite de gala. A cerimônia se inicia perante uma plateia de amantes das letras, autoridades, além da alta cúpula das FIG-UNIMESP que, representada pelo insigne Acadêmico e Maestro Armando Colacioppo, ofereceu acomodação no confortável Anfiteatro Professor Abílio Baeta Neves. Sob as apresentações do hasteamento da bandeira e da entoação do hino, a noite festiva culminou com a consagração dos novéis imortais que abraçarão as causas acadêmicas ajudando na projeção e no bom desenvolvimento da nossa Instituição. As notas abaixo transcritas referendam este enunciado.

- Em 27/06/18 - Reunião realizada no Anfiteatro Dr. Abílio Baeta Neves, situado no campus da FIG-UNIMESP, tendo como mote a posse de três novos membros efetivos.

- Pontualmente às 20 horas, o confrade e secretário geral Mauro, identificando-se, saúda os presentes e justifica a noite festiva

que se inicia. Ato contínuo, o confrade e presidente José Augusto Pinheiro anuncia que, doravante, dará sequência ao evento.

- Como primeiro ato, o presidente convidou para compor a mesa os seguintes acadêmicos efetivos: secretário geral Mauro dos Santos Oliveira e os ex-presidentes: Maestro Colacioppo, Isabel Borazanian e Clovis Domingues.

- Na sequência, ao piano, o Maestro Colacioppo proferiu acordes na entoação dos Hinos: Nacional, de Guarulhos e das FIG-UNIMESP.

- Destacada pela excelência, a congreira Isabel recebeu a incumbência de acolher solenemente os novéis: Alexandre Gargano Cavalheiro, Fábio Cardoso dos Santos e João Carlos Biagini, exaltando-os e trazendo da memória os vultos da nossa ancestralidade.

- O confrade Colacioppo, decano desta Casa de Ensino, nesta oportunidade, representando o comando da instituição, confessou honradez ao declarar que há 36 anos foi submetido ao crivo do egrégio colégio acadêmico, sendo consagrado como o primeiro acadêmico efetivo a suceder a Turma de Fundadores.

- Em homenagem às mulheres presentes, o presidente Augusto conclamou a congreira e mestra em musicalidade Wilma de Mello Colacioppo, para apresentar a parte musical deste evento. Do púlpito, Wilma anunciou o escritor confrade José Roberto Jerônimo que saudou a plateia com o poema "Academia ao Mundo". Na sequência o confrade Ivo de Souza pinçou de sua vasta obra a poesia "Não Esqueçam", declamada com muita propriedade. Como sempre, a diva escritora Isabel Borazanian nos presenteou com a pérola "Poema sem Nome".

- A alma do locutor aflorou no peito do nobre presidente que em momento de enlevo, fez remissão às figuras dos membros fundadores, lembrando que entre nós, das colunas primárias, restam duas, a saber: Ary Baddini Tavares e Castelo Hanssen, ausentes por motivo de força maior.

- Para corroborar os atos institucionais que antecederam esta rica cerimônia, a secretária Teresinha leu a ata que referenda a consagração dos três membros que, nesta noite, passarão a integrar a mais alta corte que os recepcionará como probos à imortalidade.

- Ao confrade Clovis Domingues coube a responsabilidade de, em nome do Sodalício, descrever, embora que sucintamente, as normas, as diretrizes, as obrigações, bem como, as lãureas, os reconhecimentos e os ensinamentos inerentes do cabedal de atributos que compete, à nossa Confraria. Lembrou da luta encetada pelos ancestrais que não mediram esforços para ver solidificado o sonho de oficializar os encontros nas salas desta Faculdade, em uma Academia de Letras. Hoje, passados 40 anos, aqui estamos nós recepcionando três escritores guarulhenses, queira Deus, predestinados a continuar a luta em prol da cultura em nossa progressista Urbe. Clovis convidou os novéis a participarem desta missão, enfatizando que 40 anos não são 40 dias e as quatro décadas de vivência testemunharam a criação e o flagelo de outras tantas agremiações que foram fundadas e, mal administradas, sucumbiram ainda em tenra idade. Disse o orador oficial que os recém-chegados virão para somar, pois só assim a marcha acadêmica não esmorecerá. Bateram à porta da nossa Confraria e ela se abriu, que bom que os novos soldados tiveram este rompante, considerando que suprirão, certamente, o vazio causado por alguns pares que não hipotecam zelo e seriedade com a progressão inevitável da AGL. Referendou, como sempre faz, que para ser

acadêmico há de se arremeter três atributos, a saber: Idealismo, solidariedade e prazer na arte de cultivar a língua pátria. O nobre confrade Clovis emocionado, lembrou do saudoso primeiro orador do Sodalício, historiador João Ranali, que dedicou a sua vida ao Município de Guarulhos e, grande parte do seu tempo em prol da cultura e do saber. Buscou na memória o incansável orador, fazendo menção ao inextinguível confrade Gasparino José Romão, membro fundador e presidente, por duas décadas, desta Confraria. Disse mais, o orador, na atual gestão presidida pelo nobre acadêmico José Augusto Pinheiro, mercê de muita garra e entrega dos membros mais aguerridos foram oficializados dois símbolos de suma importância na representatividade desta imortal Instituição, a Bandeira – criação do confrade Silvio Ribeiro e o Hino, com letra do confrade Mauro dos Santos Oliveira e música do acadêmico maestro Armando Colacioppo.

- O confrade Augusto Pinheiro conclama os acadêmicos para, sob a batuta do maestro Colacioppo, entoar o Hino da Academia.

- Como apogeu da programação, o presidente anunciou a consagração dos escritores para que, ungidos pela cultura e pelo saber, prestam juramento e recebem os símbolos e insígnias que lhes outorgarão a benesse de integrar a imortalidade. Foram agraciados por mérito os escritores: Alexandre Gargano Cavalheiro, que discorreu sobre o seu patrono Menotti Del Picchia; Fábio Cardoso dos Santos teceu comentário sobre a história de seu patrono Onofre Leite e, apresentado pelo confrade Clovis Domingues, João Carlos Biagini que destacou os dotes culturais de seu patrono José Manuel Mateos Martinez, sendo que a sua retórica fez-se soar pelo majestoso Anfiteatro Abílio Baeta Neves, sob o som mavioso do músico e cantor Marcelo Mendonça da Silva que o homenageou com música de sua autoria intitulada “Tua Vida é um Sopro de Deus”.

- Às 22 horas, o presidente José Augusto Pinheiro convidou os presentes para dirigirem-se ao saguão lateral para conagração e degustação de quitutes.

A Academia, reconhecida pela Prefeitura Municipal como instituição de utilidade pública, reina absoluta como o mais alto escalão cultural da nossa cidade. Deveria, diante da magnitude do posto que faz jus, receber da municipalidade aporte econômico para repercutir em bens culturais em prol da população tão carente de conhecimento e de saber. Com sacrifício de seus componentes mais atuantes, o Sodalício consegue publicar anualmente a Revista da Academia, compêndio de trabalhos construídos por seus membros e distribuída graciosamente para os amantes da letras. A dificuldade em patrocinar o anuário é tamanha que mereceu comentário do confrade Clovis Domingues ao se reportar quão difícil foi conseguir a façanha de viabilizar a edição do ano pretérito. Acerca deste assunto, manifestou-se o confrade Jacques Miranda ao lembrar que, em passado recente, a Secretaria de Cultura destinou verba para a publicação da Revista, evitando que os acadêmicos arcassem com os custos, rateando verbas para o sucesso da edição. O Acadêmico Bosco Maciel abriu fronteiras para tornar o nome da Confraria conhecida além dos limites guarulhenses. Indicou e o Colegiado ratificou o nome do escritor cajazeirense Francelino Soares para ocupar a função de Acadêmico Correspondente, com a responsabilidade precípua de mandar notícias da imponente cidade de Cajazeiras e para lá disseminar assuntos da nossa querida Guarulhos. A secretária Teresinha fixou no frontispício da sede o edital anunciando as eleições para a futura diretoria, com data para 28/08/18, próxima reunião da Agremiação. Por questão de ajuste no tempo e adequação dos compromissos constantes da agenda acadêmica, o Colegiado decidirá por consenso sobre a prorrogação do atual mandato diretivo até o dia 31 de

dezembro deste ano, realizando o velho sonho de fazer coincidir o encerramento dos trabalhos com o vencimento do ano fiscal. Neste encontro onde os imortais decidiram sobre assuntos importantes para colocar em ordem a saúde organizacional da AGL, sobressaíram diversos Acadêmicos e Acadêmicas em homenagem ao dia do escritor, que hoje, 25/07, comemoramos com galanteios. Poetas, contistas, historiadores, romancistas, articulistas, tecnicistas e musicistas assumiram a tribuna para hipotecar votos de louvor aos nossos ancestrais, guarulhenses ou não, pois, não importa a origem, o escritor tem naturalidade plural. Este relato condensa o núcleo de mais uma reunião de amigos que lutam para ver crescer a cultura em todo o Universo. Observe:

- Em 25/07/18 - Às 14 horas, o confrade Jacques Miranda, vice-presidente, suprimindo a ausência temporária do titular da pasta, José Augusto Pinheiro, iniciou os trabalhos anunciando o “Dia do Escritor” e, a título de homenagem, a confrreira Aura Gold assumiu a tribuna para declamar o trabalho de Machado de Assis, denominado “O Poema”.

- Em seguida o maestro Colacioppo preparou o ambiente para a apresentação do coral acadêmico na entoação do hino do nosso Sodalício.

- O presidente em exercício ofereceu a tribuna aos novéis para que, inaugurando o nobre púlpito, de per si, projetassem suas falas que, doravante, ecoarão em nossos encontros.

- O confrade Clovis Domingues discorreu sobre a responsabilidade que lhe foi atribuída, na condução dos trabalhos para a edição da Revista da AGL publicada anualmente.

- O confrade Jacques falou sobre a forma e a possibilidade de se obter êxito na conclusão desta tarefa, lembrando que o órgão

público, que outrora patrocinou algumas edições na gestão Clovis Domingues, não mais se sensibiliza no sentido de destinar verbas para tão importante trabalho em prol dos munícipes. Sem subsídio financeiro, a edição da Revista 2018, mais uma vez, será suportada pelo Sodalício que arcará com 50% das despesas, sendo o restante rateado entre os escritores participantes.

- O confrade Bosco apadrinhou um escritor paraibano indicando-o para o posto de acadêmico correspondente, sendo referendado pelo Colegiado. O escritor Francelino Soares, membro da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, será diplomado em oportuno tempo.

- A confrreira Teresinha informou aos pares que fixou no frontispício da sede o Edital de Convocação para a Eleição da nova Diretoria, que ali permanecerá, por determinação regimental, por 30 dias para conhecimento geral.

- O acadêmico Jacques Miranda trouxe à baila o assunto: constituição da nova diretoria para o biênio 2018/2020 e, diante da importância do tema e do baixo quórum, restou determinado estudo mais amíúde em reunião extraordinária.

- A confrreira Isabel Borazanian traçou linhas sobre a participação do Sodalício nos eventos culturais que estão sendo desenvolvidos no complexo “Lago de Vila Galvão”, convocando os acadêmicos para que, nos dias 28 e 29 do corrente, apresentem seus trabalhos naquele evento, lembrando, inclusive, que já providenciou a exposição do tradicional varal de poesias.

- O confrade Clovis Domingues reportou-se ao Dia do Escritor, destacando a propriedade no domínio de verbalizar palavras como a arte de transferir para o papel o pensamento. Trouxe como presente frases de escritores que marcaram, indelevelmente, os seus nomes

na cultura mundial, culminando por declamar poema de um frade capuchino do século XVIII, intitulado “A Conta e o Tempo”.

- O escritor Jerônimo apresentou trabalhos autorais cognominados: “Ao Bom Condutor”, em homenagem ao dia do motorista, e “HMU” alusivo aos profissionais paramédicos.

- O acadêmico Fernando, em alusão à data comemorativa, homenageou o imortal escritor Machado de Assis, declamando poesias autorais.

- O historiador Silvio Ribeiro tirou da memória um trabalho do ilustre e saudoso confrade José Manuel Mateos Martinez, sob o título “O Trem”.

- O acadêmico Jacques Miranda esmerou-se na apresentação de um conto autoral denominado “O Relógio Perdido”.

A vida pulsa no seio da Academia. Os membros diretivos se movimentam de acordo na mesma sequência em que os eventos culturais se multiplicam em nossa cidade. Especialmente, neste ano de 2.018, por obra e empenho do órgão público, Guarulhos vivenciará espetacular evento cultural denominado “Bienal do Livro”, com expectativa de receber, no mínimo, duzentos mil visitantes, notadamente, amantes das letras. O esperado encontro cultural será instalado em local privilegiado e, como em etapas pretéritas, estará muito bem representado por inúmeras editoras que se esmeram em apresentar o que de mais novo e instrutivo ocorrerá em infinitos lançamentos. Considerando que a notícia da instalação do portentoso evento chegou tardiamente, a Academia de Letras de Guarulhos, órgão máximo da cultura guarulhense, tratou de acelerar os preparativos, marcando em breve tempo uma reunião de seus pares para garantir posto de comando no tão propalado acontecimento. Sem tempo para tratar da eleição de nova diretoria para o biênio que se aproxima, o Colegiado de comum acordo e por

unanimidade, resolveu prorrogar o prazo da gestão da atual diretoria até o dia 31/12/2018, possibilitando, assim, a organização, o preparo e a viabilidade da participação ativa do Sodalício na VI Edição da Bienal do Livro de Guarulhos. Observem o teor da ata que se vislumbra a seguir.

- Em 29/08/18 - Às 14 horas, o presidente José Augusto Rodrigues Pinheiro, abriu os trabalhos com o fim de cumprir o edital de convocação para a renovação da atual diretoria da Academia Guarulhense de Letras. Procedeu à primeira chamada atestando falta de quórum, aguardou por mais 30 minutos e, decorrido esse tempo com quórum exigido esclareceu que esta reunião tem por finalidade a sucessão da diretoria para o biênio 2018/2020. Consultada a mesa para saber se havia chapa formada, restou infrutífera. Neste compasso, o presidente transferiu o comando dos trabalhos para o secretário geral Mauro dos Santos Oliveira, com o objetivo de tomar as providências formais. Diante do impasse, o secretário consultou o Colegiado sobre a possibilidade de se prorrogar o atual mandato até o dia 31 de dezembro de 2018, justificando tal medida para fazer frente aos compromissos assumidos pela Academia Guarulhense de Letras e que terão que ser cumpridos regimentalmente. Aos debates e como solução plausível os catorze acadêmicos efetivos assentiram para, unanimemente, estender o mandato da atual diretoria até o final do ano andante – 31/12/2018. A decisão colegiada autorizou a continuação da atual gestão com a seguinte formação: Presidente – José Augusto Rodrigues Pinheiro; Vice-presidente – Jacques Miranda de Oliveira; Secretário geral – Mauro dos Santos Oliveira; Primeira secretária – Teresinha Silva Maltez de Souza; Segundo Secretário – Silvio Ribeiro; Tesoureiro geral – Antonia Conceição Vaz Duarte; Primeiro tesoureiro – José Roberto Jerônimo; Segundo tesoureiro – André Figueiredo Rodrigues; Conselho fiscal: Armando Attilio Colacioppo

Sobrinho, Gil Campos de Farias e Isabel Borazanian Macedo de Oliveira; Suplentes: Ary Baddini Tavares, Lineu Roque Aceiro e João Bosco da Silva.

Este encontro entre os imortais, iniciado com a participação lúdica do Maestro colacioppo regendo o coral acadêmico na entoação do nosso respeitável Hino, desenvolveu-se com mensagens e notícias alvissareiras. No introito, o Presidente Augusto anunciou que a nossa coirmã Academia Lavrense de Letras estendeu convite aos pares para que participem do Encontro Nacional das Academias de Letras que ocorrerá na cidade de Lavras, nas Minas Gerais, em breve tempo. O confrade Valdir Carleto, jornalista de primeiro escalão, informou que participou representando o Sodalício, no Encontro de Jornais do Interior, na cidade de São Pedro. A Confreira Antonia solicitou permissão para trazer alguns alunos do Colégio Pontal que manifestaram desejo de conhecer a sede da Confraria e o ofício de cada membro efetivo da nossa Instituição. Mais alvissas, Augusto esteve presente em reunião junto à Prefeitura, para ultimar preparativos na participação da AGL na Bienal do Livro, deixando registrado, na oportunidade, o rol de 10 Acadêmicos que promoverão palestras e orientações aos partícipes daquele acontecimento. Além de garantir a participação efetiva de respeitável número de Confrades no ambiente cultural, o Presidente reivindicou junto à turma organizadora a eleição do nosso Poeta maior e magistral escritor Aristides Castelo Hanssen, a glória merecida de figurar como Patrono do maior evento cultural do nosso Município. Em consequência da magia da cultura que engalantarão por duas semanas as letras guarulhenses, Augusto sugeriu que o término dos trabalhos da Confraria, o lançamento da Revista anual, a confraternização pelo 40 anos de fundação da AGL e a recepção de despedida entre os Acadêmicos, familiares e amigos, se realize nas dependências da Bienal do Livro, recebendo guarida de todos. As tiras seguintes corroboram estas assertivas.

- Em 29/08/18 - O confrade Augusto informou aos pares que o Sodalício recebeu convite da coirmã Academia Lavrense de Letras que patrocinará o Encontro Nacional das Academias de Letras, cujo evento ocorrerá na cidade de Lavras, Minas Gerais durante o mês de setembro, notadamente, entre os dias 19 e 21.

- O presidente Augusto informou que no dia 27/08 participou de reunião na Prefeitura cujo tema versou sobre “Bienal do Livro” a ser instalada entre os dias 30/11 e 09/12. Deixou consignada a inscrição de dez acadêmicos que participarão do evento como palestrantes e, ao ensejo, sugeriu aos coordenadores o nome do patrono do evento: acadêmico Aristides Castelo Hanssen.

- Considerando que o evento “Bienal do Livro” ocorrerá no mês de dezembro, Augusto sugeriu que a reunião festiva de encerramento dos trabalhos do Sodalício seja realizada nas dependências do Salão do Livro, em comunhão ao evento cultural, dando destaque especial aos 40 anos de existência da AGL e o lançamento da Revista da Academia 2018.

- O confrade Valdir participou aos presentes que representou o Sodalício em evento cultural desenvolvido na cidade de São Pedro, intitulado: “Encontro de Jornais do Interior”.

- O presidente convocou a confrreira Isabel Borazanian para esclarecer sobre visita em nossa sede do subsecretário de Cultura do Município. Isabel comentou sobre o interesse do secretário em instalar a Guarda Civil Municipal no prédio onde se encontra nossa sede, porém, não há nada de concreto.

- A confrreira Antonia reivindicou espaço na próxima reunião para satisfazer alunos do Colégio Pontal que manifestaram desejo de conhecer a sede da Academia.

- O secretário Mauro sugeriu que a confraria faça doação de seis volumes referentes a uma revista da Academia, transcrita para

o alfabeto braile, tendo o Colegiado deferido o pleito desde que a doação seja para órgão público.

- O acadêmico Silvio Ribeiro, num gesto fraterno e de amizade, procedeu à outorga de uma flâmula com o símbolo da AGL para os secretários Mauro e Teresinha, atitude que provocou emoção e consequente salva de palmas.

- O mestre Bismael doou para o Sodalício uma obra antológica denominada “Cantos de Amor e Dor”, na qual, na página 43, registrou trabalho de sua lavra sob o título “Uma Prisão no Dia das Mães”.

Compilação do núcleo extraído das reuniões ordinárias e extraordinárias implementadas entre os meses de outubro de 2.017 e agosto de 2.018. Com este trabalho ajusta-se para conhecimento geral, a história da AGL, em cujos anais se assentarão todas as decisões necessárias para a continuidade da sua majestosa trajetória.

*Mauro dos Santos Oliveira*  
*Acadêmico Efetivo.*

*Teresinha Silva Maltez de Souza*  
*Acadêmica Efetiva.*



PARTE III - MEDALHA DO MÉRITO  
CULTURAL JOÃO RANALI

INSÍGNIA IDEALIZADA POR  
SÍLVIO RIBEIRO E ARY BADDINI TAVARES

**MEDALHA DO MÉRITO  
CULTURAL "JOÃO RANALI"**

Fundadores: GASPARINO JOSÉ ROMÃO

OSCAR GONÇALVES

ARISTIDES CASTELO HANSEN

ARY BADDINI TAVARES

In memoriam: JOÃO RANALI

JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ

NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos efetivos: CLOVIS DOMINGUES

ARMANDO ATTILIO COLACIOPPO SOBRINHO

BISMAEL BATISTA DE MORAES

Radialista: OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

CORPORAÇÃO MUSICAL BANDA LIRA DE GUARULHOS

Empresária: VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico honorário: EDMILSON SOUZA SANTOS



*40 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

PARTE IV - GALERIAS

PRESIDENTES ATÉ  
O QUADRAGÉSIMO ANO



Gasparino José Romão  
Gestão 1978 - 1998

---

João Ranali  
Gestão 1998 - 2000

---



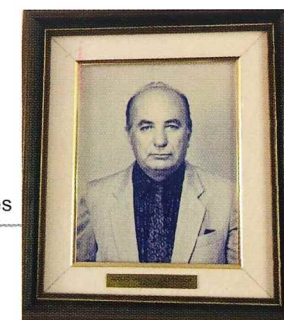
Flávio Cleto Giovanni Trombetti  
Gestão 2000 - 2001

---



Adolfo Vasconcelos Noronha  
Gestão Setembro/2001 a março/2002  
O presidente faleceu e a gestão foi concluída  
pelo vice-presidente, Bismael Batista de Moraes

---





Bismael Batista de Moraes  
Gestão 2006 - 2008



Milton Luiz Ziller - Gestão 2002 - 2003



Ary Baddini - Gestões 2003 - 2004  
e 2014 - 2016



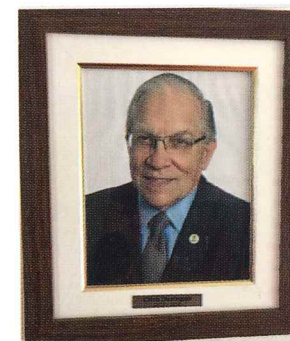
Aristides Castelo Hanssen - Gestão 2004 - 2006



Armando Attilio Colacioppo Sobrinho  
Gestão 2008 - 2010



Isabel Borazanian Macedo De Oliveira  
Gestão 2010 - 2012



Clóvis Domingues Gestão 2012 - 2014



José Augusto Rodrigues Pinheiro  
Gestão 2016 - 2018



## HOMENAGEM GRATIDÃO

*Junto à galeria dos presidentes colocamos o saudoso Laerte Romualdo de Souza que não chegou a ser presidente, por falecimento antes da ordem sucessória, mas foi um dos pioneiros e secretariou o sodalício durante muitos anos, emprestando seu estabelecimento comercial para ali ser guardada toda a história acadêmica.*

*Entre tantos desdobramentos que nos inspirou a caminhar no cultivo das letras, deixamos eternizada sua declaração em fase terminal, em uma placa, colocada em destaque e com todo o carinho, em nossa sala de reuniões, que dignifica ainda mais os sonhos dos nossos pioneiros.*

**“NA ACADEMIA EXISTE VIDA”**

*Seus feitos especiais estão registrados nos anais da confraria e, com muito carinho à sua saudosa figura, aqui deixamos, neste quadragésimo ano, registrado nosso respeito, reconhecimento e nossa eterna GRATIDÃO.*

## GALERIA DOS OCUPANTES DE CADEIRAS NO QUADRAGÉSIMO ANO

Alexandre Gargano Cavalheiro



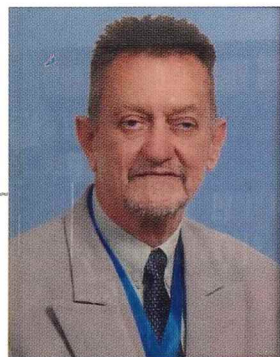
André Figueiredo Rodrigues

Antonia Conceição Vaz Duarte





Antonio Darci Pannocchia



Aristides Castelo Hanssen



Armando Attilio Colacioppo Sobrinho



Ary Baddini Tavares



Aura Gold



Bismael B. Moraes



Clarimundo Oliveira Aguiar



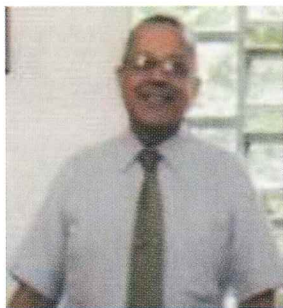
Claudemir Pedroso Da Silva



Clovis Domingues



Edison Evaristo Vieira Junior



Espedito Pinheiro de Souza



Fábio Cardoso dos Santos



Fernando Canto Berzaghi



Gil Campos de Farias



Isabel Borazanian Macedo de Oliveira

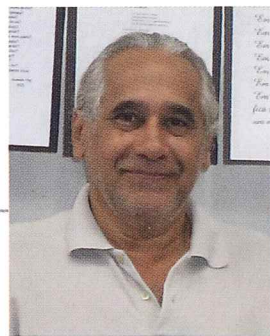


Ivo de Souza



Jacques Miranda de Oliveira

João Bosco da Silva



João Carlos Biagini

José Augusto Rodrigues Pinheiro



José Roberto Jerônimo



Lineu Roque Aceiro



Mário Yoshinaga



Marlene Auxiliadora Torrigo





Mauro dos Santos Oliveira



Plínio Tomaz



Sebastião Dácio de Moura Montans



Silvio Ribeiro



Terezinha Silva Maltez de Souza



Valdir Carleto

Este livro foi composto e diagramado  
nas fontes: Arial Unicode MS 11/15, Times New Roman 11/15  
Miolo em Papel Off-set 75g/m<sup>2</sup> - 1 Caderno em Couchê 115g/m<sup>2</sup>  
e capa em Cartão Triplex 300g/m<sup>2</sup> - impresso pela  
Navegar Gráfica e Editora em Novembro de 2018.

Claro que o início não foi fácil. As reuniões, depois de algum tempo, deixaram de ser na Biblioteca e foram acolhidas no escritório do acadêmico Laerte e sua esposa Teresinha, hoje membro e nossa secretária. A Prefeitura, que participou da fundação e prestigiou a iniciativa, concedeu a sede atual, no Lago dos Patos e, assim chegamos até aqui, participando da vida intelectual guarulhense.

Aos mais novos, que se preparem para fazer a orelha da edição comemorativa dos próximos quarenta anos. E que tenham muito a dizer sobre a Academia.

*Ary Baddini Tavares*